

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

CLÁUDIO DA CHAGA SOARES

A NARRATIVA ROMANESCA E O DISCURSO SOBRE A IMAGEM DE PAULO  
NO TEXTO *ATOS DE PAULO E TECLA*.

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

CLÁUDIO DA CHAGA SOARES

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 02/12/2015.

A NARRATIVA ROMANESCA E O DISCURSO SOBRE A IMAGEM DE PAULO  
NO TEXTO *ATOS DE PAULO E TECLA*.

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

Dissertação de Mestrado para  
obtenção do grau de Mestre em  
Ciências das Religiões, programa de  
pós-graduação da Faculdade Unida  
de Vitória.

Linha de Pesquisa: Análise do  
Discurso Religioso.

Orientador: Prof. Dr. José Adriano Filho

VITÓRIA  
2015

Soares, Cláudio da Chaga

A narrativa romanesca e o discurso sobre a imagem de Paulo no texto Atos de Paulo e Tecla / Cláudio da Chaga Soares. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2015.

vii, 96 f. ; il. 31 cm.

Orientador: José Adriano Filho

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2015.

Referências bibliográficas: f. 92-96

1. Ciências das religiões. 2. Discurso religioso. 3. Atos de Paulo e Tecla. 4. Literatura apócrifa cristã. 5. Paulo. 6. Novela grega antiga. 7. Imagem e antiguidade. 8. Kalokagathía. 9. Paulinismo. - Tese. I. Cláudio da Chaga Soares. II. Faculdade Unida de Vitória, 2015. III. Título.

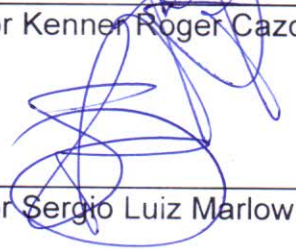
CLAUDIO DA CHAGA SOARES

A NARRATIVA ROMANESCA E O DISCURSO SOBRE A IMAGEM DE PAULO NO  
TEXTO ATOS DE PAULO E TECLA

Dissertação para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões no  
Programa de Mestrado Profissional em  
Ciências das Religiões da Faculdade Unida  
de Vitória.

  
\_\_\_\_\_  
Doutor José Adriano Filho – UNIDA (presidente)

  
\_\_\_\_\_  
Doutor Kenner Roger Cazotto Terra – UNIDA

  
\_\_\_\_\_  
Doutor Sergio Luiz Marlow – UFES



## RESUMO

Esta dissertação busca apresentar a comunidade acadêmica o texto *Atos de Paulo e Tecla*, novela cristã do II século da Era Comum, e perceber como a imagem de Paulo foi retratada nessa literatura cristã. Para tanto, num primeiro momento, identifica essa literatura cristã dentro do gênero discursivo novela antiga. A seguir, apresenta tradução do texto grego *Atos de Paulo e Tecla* para a língua portuguesa. Por fim, a partir do conceito corpo grotesco de Mikhail Bakhtin em diálogo com a pesquisa de Paul Zanker sobre a função da imagem na antiguidade enquanto afirmação do ideal de virtude defendido pela *pólis* greco-romana, a *kalokagathía*, buscar compreender como essa novela contrói e interpreta a imagem de Paulo.

Palavras-chave: Atos de Paulo e Tecla. Literatura Apócrifa Cristã. Paulo. Paulinismo. Novela Grega Antiga. Imagem e Antiguidade. Kalokagathía. Análise do Discurso.



## ABSTRACT

The aim of this work is to share with the academic community a Portuguese translation of the original Greek text *Acts of Paul and Thecla*, and in so doing to contribute to the study and research on the image of Paul as portrayed in that century. In order to achieve this goal, as a first step the text was tentatively defined as what is known as ancient novel, of the discursive genre. The study attempts to comprehend how that novel builds and interprets the image of Paul, starting from the concept of grotesque body as proposed by Mikhail Bakhtin, while interacting with Paul Zanker's ideas on the role of image in the ancient world, viewed as an assertion of the ideal of virtue upheld by the Greco-Roman *pólis*, that is, *kalokagathía*.

Keywords: Acts of Paul and Thecla, Christian Apocryphal Literature. Paul. Paulinism. Ancient Greek Novel. Image and the Ancient Times. Kalokagathía. Discourse Analysis.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1 “A INVENÇÃO DO ROMANCE”: A NOVELA ANTIGA E A LITERATURA APÓCRIFA DO CRISTIANISMO PRIMITIVO</b> .....	10
1.1 A novela antiga: Que gênero discursivo é esse? Características e <i>corpus</i> literário .....	11
1.2 Os Atos Apostólicos Apócrifos como novela antiga .....	15
1.2.1. Virgínia Burrus e a sua hipótese dos Atos Apostólicos Apócrifos como uma narrativa de castidade de mulheres .....	16
1.2.2. Jachynto Lins Brandão e os Atos Apostólicos Apócrifos como literatura pré-medieval e pertencente à Antiguidade Tardia .....	19
1.3 Uma novela antiga: O texto Atos de Paulo e Tecla como <i>páthos erotikón</i> . 23	
<b>2 OS ATOS DE PAULO E TECLA: TRADUÇÃO DO TEXTO GREGO</b> .....	30
2.1 Tradução do texto grego, edição bilíngüe e destaque a algumas variantes textuais dos Atos de Paulo e Tecla .....	32
ANEXO: Variantes textuais presentes nos Manuscritos ABC e Códice G .....	58
<b>3 ANÁLISE DO DISCURSO DO TEXTO ATOS DE PAULO E TECLA OU COMO A LINGUAGEM, NESSA NOVELA ANTIGA CRISTÃ, CONSTRÓI A IMAGEM DO APOSTÓLO PAULO</b> .....	60
3.1 A descrição de Paulo e a referência com a cultura: o emprego da <i>kalokagathía</i> para construção de uma <i>ekfrásis</i> de Paulo e uma resenha da literatura existente que interpreta a imagem de Paulo a partir da fisiognomia antiga .....	65
3.1.1. A descrição de Paulo nas Cartas Pastorais: o discurso <i>kalokagáthico</i> <i>ekfrásico</i> a partir da <i>diégesis</i> (narrativa) de Tito .....	67
3.1.2. Resenha da literatura existente e a interpretação da imagem de Paulo a partir da fisiognomia antiga .....	73
3.2 Novos elementos discursivos para a leitura da imagem de Paulo no texto <i>Atos de Paulo e Tecla</i> .....	78
3.2.1. O Carnavalesco e o Grotesco em Mikhail Bakhtin .....	78
3.2.2. A imagem de Sócrates e a crítica à <i>kalokagathía</i> antiga na análise de Paul Zanker .....	81
3.3. A Imagem de Paulo no texto Atos de Paulo e Tecla .....	84
<b>CONCLUSÃO</b> .....	90
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	92

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto de estudos no Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, área de concentração Religião e Sociedade, e insere-se na linha de pesquisa Análise do Discurso de Textos Não Canônicos. A pesquisa busca tornar conhecido na academia o texto *Atos de Paulo e Tecla*, literatura cristã da segunda metade do II século da Era Comum, procurando compreender como a imagem de Paulo foi produzida e percebida nessa literatura apócrifa.

Nos últimos anos, o estudo dos cristanismos originários tem trazido à superfície não somente a diversidade desses cristanismos e seus textos, muitos deles ignorados ou silenciados pelo cristianismo tardio, como também demonstrar suas características heteronômicas e seus discursos polissêmicos.

Procuraremos demonstrar, por meio do texto *Atos de Paulo e Tecla*, como essa novela cristã se manifesta de forma crítica diante da postura de assimilação e de pertença ao Império Romano, postura adotada por certo recorte do cristianismo paulino do II século, representado pelas Cartas Pastorais (Tito e as duas Cartas a Timóteo) e a imagem de Paulo por elas construída.

Na contramão das Cartas Pastorais, que apresentam a maternidade como uma forma de a mulher expressar a sua submissão ao marido e, por sua vez, sua submissão aos valores da sociedade greco-romana, o texto *Atos de Paulo e Tecla* destaca a abstinência sexual “como um trampolim da ordem patriarcal para a *família Dei*, pressupondo que na ‘família de Deus’ as relações não são de submissão e discriminação, mas igualdade e irmandade.”<sup>1</sup>

Para percebermos como a narrativa constrói a imagem de Paulo, desenvolvemos uma pesquisa que inclui revisão bibliográfica em documentos da mesma época. Esta dissertação é o registro final desse trabalho. Está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, busca-se situar o texto *Atos de Paulo e Tecla* como pertencente ao gênero novela antiga. Reconhece a

---

<sup>1</sup> RICHTER REIMER, Ivone. Sexualidade em tempos escatológicos: uma aproximação à problemática de casamento e celibato nos dois primeiros séculos cristãos. In: *Cristanismos originários extrapalestinos (35-138 dC)*. RIBLA, Petrópolis: Vozes, nº 29 – 1998/1, p. 119.

pesquisa que, embora o texto em foco tenha sido reunido em um *corpus* literário chamado *Acta Pauli*<sup>2</sup> (Atos de Paulo), e tenha de certa maneira recebido, posteriormente, o nome *Atos de Paulo e Tecla*, ele não é uma *Práxeis* (Atos). Enquanto novela, ele narra as aventuras e desventuras de Tecla, uma mulher que, afectada por uma terrível paixão (πάθει δεινῶ, páthei deinō), decide romper com o dever cívico do casamento para viver a “castidade e a ressurreição” como discípula de Paulo.

No segundo capítulo, apresentamos o texto grego e a tradução para o português do texto *Atos de Paulo e Tecla*. A intenção de se transcrever o texto grego com um pequeno aparato crítico que traz algumas variantes textuais, aquelas que julgamos serem mais importantes, visa a oferecer material para futuras pesquisas. No entanto, é importante destacar que há traduções em língua portuguesa do texto *Atos de Paulo e Tecla*, mas elas se baseiam em traduções a partir do alemão, do inglês e do espanhol.

Já no terceiro capítulo, com o objetivo de responder a pergunta que norteia essa dissertação sobre como a imagem de Paulo foi produzida e compreendida nessa literatura apócrifa, estudamos a relevância da *ékfrasis* (descrição) enquanto recurso retórico, portanto mais que mera narrativa de descrição. O trabalho apresenta dois elementos que foram utilizados para a construção da imagem de Paulo até agora: 1) a *kalokagathía*, ou seja, o ideal de virtude greco-romano, que é usado pelas Cartas Pastorais; e 2) a fisiognomía antiga, uma certa “ciência” que buscava, por meio da interpretação da *ékfrasis* de um indivíduo, dizer algo sobre o seu caráter. A *ékfrasis* foi empregada por estudiosos de Paulo que buscaram apresentar interpretações mais agradáveis da descrição do Apóstolo das Nações, diante do incômodo que a imagem feia e cômica lhes trazia. Por isso elaboramos uma resenha de pesquisas feitas por esses estudiosos.

Em resposta às duas leituras anteriores, e com a intenção de buscar elementos novos para o estudo da interpretação da imagem de Paulo no texto *Atos de Paulo e Tecla*, utilizamos o conceito de corpo grotesco proposto por Mikhail Bakhtin, bem como o estudo de Paul Zanker sobre o significado da imagem na antiguidade, como fundamentação para a ideia de que a imagem

<sup>2</sup>A *Acta Pauli* é composta de três textos: o Atos de Paulo e Tecla, o Martírio de Paulo e por uma correspondência entre Paulo e a Comunidade de Corinto chamada de 3ª Carta aos Coríntios.

de Paulo, tal como descrita no texto *Atos de Paulo e Tecla*, tem como objetivo tornar risível a *diégesis* (narrativa) de Tito e, por sua vez, apresentar Paulo como um crítico do ideal de virtude greco-romano e como parceiro das mulheres na sua busca por emancipação.



## 1 “A INVENÇÃO DO ROMANCE”: A NOVELA ANTIGA E A LITERATURA APÓCRIFA DO CRISTIANISMO PRIMITIVO.

O segundo século da Era Comum presenciou o surgimento de um novo gênero discursivo: o romance. O romance, como entendido pelo leitor moderno, não era um gênero reconhecido pela crítica literária antiga. É tão verdadeira essa afirmação que o romance nem sequer tem um nome próprio. Ora os críticos antigos o chamam de *drama* (Fócio), ora de *mythoi erotikoi* (Aquiles Tácio) e ora de *história* (Longo).<sup>3</sup>

Compreendido como literatura de segunda categoria, em relação aos clássicos Homero e Hesíodo e, por isso, negligenciado por muitos eruditos, o Romance - gênero discursivo inventado no contexto da Segunda Sofística<sup>4</sup> - tem recentemente despertado grande interesse crítico nesse ramo da literatura e, por isso, há um vasto campo de pesquisa que sugerem novas abordagens e diálogos com outras literaturas, no nosso caso, os Atos Apostólicos Apócrifos e, especificamente, o texto *Atos de Paulo e Tecla*.

Então, que literatura é essa, o Romance Antigo? Qual é a sua relevância para o estudo da literatura cristã, em especial o texto *Atos de Paulo e Tecla*?

---

<sup>3</sup> ALEXANDER, Loveday C. A. Novels, Greek and Latin. In: FREEDMAN, D. N. (Org.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992. v.4, p. 1137-1139.

<sup>4</sup> Maria Aparecida de Oliveira e Silva, em excelente artigo, apresenta o que foi a Segunda Sofística e sua relevância para a pesquisa do romance antigo. Destaco a afirmação seguinte: “Nesse caldeirão literário, fervem pensamentos atribuídos aos gregos mas, em sua maioria, escritos por membros de diversas sociedades que se viam como herdeiros dessa cultura, embora habitassem em terras distantes do continente grego. A esse despontar da tradição literária grega foi dado o nome de Segunda Sofística, expressão cunhada por Flávio Filostrato. O termo aparece pela primeira vez na obra filostratiana *Vida dos Sofistas*, datada entre os anos 231 e 237 d.C., e desperta a imaginação e a curiosidade dos estudiosos sobre o sentido dessa nomenclatura. Não obstante as muitas discussões sobre a essência e a finalidade da Segunda Sofística no Império, estudiosos concordam que a Primeira Sofística teve seu berço na Grécia clássica, embora vejam em diferentes níveis a sua influência na sofística surgida à época imperial.”. In: SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *A segunda sofística. Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 151-167, 2008.

### 1.1 A novela antiga: Que gênero discursivo é esse? Características e *corpus* literário.

O que é Romance? Quais são os critérios de definição, classificação e delimitação do Romance Antigo? Quais os elementos que o Romance nos oferece como subsídio para se construir um quadro comparativo e panorâmico entre os textos? Tais perguntas, assim como suas respectivas respostas, são de grande importância para a pesquisa, uma vez que as respostas poderão nos oferecer elementos para a nossa afirmação de que os Atos Apostólicos Apócrifos, em especial o texto *Atos de Paulo e Tecla*, pertencem ao gênero discursivo novela.

O pensador russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), em dois textos presentes na obra *Questões de literatura e de estética (Da Pré-história do Discurso Romanesco e Sobre a metodologia do estudo do romance: epos e romance)* apresenta sua teoria sobre o surgimento do gênero discursivo romanesco, embora reconheça que não seja tarefa fácil falar do Romance, por ser um gênero discursivo em construção, inacabado. Porém constatamos no texto abaixo que:

O estudo do romance enquanto gênero caracteriza-se por dificuldades particulares. Elas são condicionadas pela singularidade do próprio objeto: o romance é o único gênero por se constituir, e ainda inacabado. As forças criadoras dos gêneros agem sob os nossos olhos: o nascimento e a formação do gênero romanesco realizam-se sob a plena luz da História. A ossatura do romance enquanto gênero ainda está longe de ser consolidada, e não podemos ainda prever todas as suas plásticas.<sup>5</sup>

Na contramão da corrente teórica de sua época, que percebia o romance como um fenômeno único e próprio da modernidade, Bakhtin o assenta na Antiguidade: eis a razão de ele ver em *Satyricon*, de Petronio, e em *Metamorfoses*, de Apuleio, traços desse gênero discursivo. E mais: Para Bakhtin, o romance é fruto da “descentralização do mundo ideológico verbal”, ocorrido em épocas caracterizadas pelo plurilinguismo e presente nos textos

<sup>5</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Questões da literatura estética: A teoria do Romance*. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 397.



que vão dos dois primeiros séculos da Era Comum até a literatura da Idade Média e da Renascença. Vejamos a seguir:

O romance se formou precisamente no processo de destruição da distância épica, no processo de familiarização cômica do mundo e do homem, no abaixamento do objeto da representação artística ao nível de uma realidade atual, inacabada e fluida. Desde o início, o romance foi construído na imagem distante do passado absoluto, mas na zona de contato direto com esta atualidade inacabada. Sua base repousava na experiência pessoal e na livre invenção criadora.<sup>6</sup>

No entanto, embora reconheça que o romance seja um gênero inacabado, Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal*, ao se referir à Antiguidade, destaca três tipos principais de romance: (1) o romance de viagem; (2) o romance de provas; e, (3) o romance biográfico. Para o autor, a tipologia histórica do romance faz-se necessária para que possamos compreender a enformação da personagem. Afirma Bakhtin que:

Nenhuma modalidade histórica concreta mantém o princípio em forma pura mas se caracteriza pela prevalência desse ou daquele princípio de enformação do personagem. Uma vez que todos os elementos se determinam mutuamente, um determinado princípio de enformação da personagem está vinculado a um determinado tipo de enredo, a uma concepção de mundo, a uma determinada composição do romance.<sup>7</sup>

Baseando-se nas ideias de Bakhtin sobre tipos de romance, Pedro Ipiranga Júnior aponta como sua característica os aspectos relevantes para a formação do gênero do romance antigo, que são: a) o elemento aventureesco; b) o elemento retórico; c) o elemento vinculado às provas; e d) o elemento biográfico. Ipiranga Júnior assim discorre:

Não cabe aqui retomar a caracterização de cada um desses tipos, mas apenas apontar os elementos relevantes para a constituição do gênero do romance antigo: a) o elemento aventureesco, que dimensiona aspectos temporais e espaciais da narrativa, em que o desvio ou o acontecimento excepcional e repentino serve como uma espécie de marcação para a intriga; b) o elemento retórico, quase onipresente nas obras, a partir de que, não apenas os discursos dos personagens são forjados, mas também a própria estruturação das cenas, a exemplo daquelas montadas como situação de julgamento ou ambientadas nos espaços públicos da assembleia ou do tribunal; c) o elemento vinculado às provas por que a heroína e o herói

<sup>6</sup>BAKHTIN, 2010, p. 427.

<sup>7</sup>BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martin Fontes, 2006, p. 205.

precisam passar e superar; aqui sucede uma sucessão de etapas transpostas à maneira de rituais, ocasionando os momentos de reversão da fortuna e a ascendência, a despeito do que teoriza Bakhtin, a um novo status social e existencial ao final da narrativa; d) o elemento biográfico, em que ficam evidenciadas as distintas fases da vida e, mormente, os momentos cruciais, como a conversão a um novo modo de vida e o momento singular da morte, o qual tem muitas vezes como função prefigurar a vida do protagonista como modelo, positivo ou negativo, a ser referenciado pelos leitores.<sup>8</sup>

Como se pode perceber, não é o tema erótico que dá ao romance sua feição. O traço mais característico da dinâmica narrativa do gênero romance, segundo Jacyntho Lins Brandão, é a *Týkhē* (Τύχη, Acaso / Sorte). Diz Brandão:

[...] não seria o tema erótico o que lhe daria uma feição distinta daquela de outros gêneros, mas o interesse pelo factual ou, dito com mais clareza: a representação de como os acontecimentos podem sobrevir regulados pelo acaso e não por regras de necessidade ou verossimilhança. A lógica que preside o romance grego é a da *Týkhē* (a Fortuna dos romanos), segundo a qual jovens se apaixonam em encontros casuais, viagens são povoadas de sobressaltos e, até mesmo, um homem se transforma por engano em animal! [...] Assim, creio que o romance grego pode ser caracterizado como o reino da *Týkhē*, entendida como a casualidade ou, caso se prefira, talvez de modo mais acurado: como mero *acontecimento*.<sup>9</sup>

Para demonstrar a força avassaladora da *Týkhē*, destaco a cena de amor à primeira vista de Quéreas e Calíroe, um encontro não casual e não previsto, que provoca nos amantes uma afecção amorosa - uma doença de amor, como se pode observar a seguir:

Era a festa de Afrodite, e quase todas as mulheres foram até o templo. Mas, como até então Calíroe não tinha comparecido, sua mãe a conduziu, uma vez que Eros as impelia a fazer a veneração da deusa. E, nessa hora, Quéreas vinha caminhando do ginásio para casa, resplendente como um astro; o rubor do treinamento se alçava ao brilho do seu rosto, como o ouro na prata. Como por acaso, então, numa estreita curva do caminho toparam um ao encontro do outro, uma vez que o deus tinha deliberado esta coincidência de caminho, a fim de que cada um fosse visto pelo outro. Súbito uma paixão amorosa foi transmitida um em resposta ao outro... a beleza vindo ao par da nobreza.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> IPIRANGA JUNIOR, P. O romance antigo: teorização e crítica. In: *Eutomia*, Recife, 14 (1): p. 46, Dez. 2014 (A).

<sup>9</sup> BRANDÃO, Jacyntho L. *A invenção do romance: A narrativa e mimese no romance grego*. Brasília: Editora UNB, 2005, p. 222-223.

<sup>10</sup> CARÍTON DE AFRODISÍADE. *Quéreas e Calíroe*, I, 4-6. Tradução de Maria de Fátima de Souza e Silva. Lisboa: Edição Cosmos, 1996.

Observe que é a ação da *Týkhe* - caracterizada pelo não casual e não previsível - que determina o que há de mais característico na dinâmica narrativa. Assim, quando a *Týkhe* é buscada, ou seja, quando é a curiosidade do herói/heroína que o leva às situações mais adversas, o romance é classificado como *parádoxa*. No entanto, quando a *Týkhe* é sofrida, o romance é caracterizado como *erotiká*. Mas quando o *páthos erotikón* (a paixão amorosa) é o que atinge os amantes de forma avassaladora, Eros, o amor amoroso, manifesta-se no tipo de *Týkhe* que se sofre. Temos aqui uma forma híbrida resultante da *erotiká* mais *parádoxa*. Assim, tomando o tipo de ação da *Týkhe*, Brandão classifica o *corpus* do romance grego<sup>11</sup> tal como podemos ver no gráfico abaixo:

EROTIKÁ	EROTIKÁ + PARÁDOXA	PARÁDOXA
<i>Dáfnis e Cloé</i>	<i>Quéreas e Calírroe.</i> <i>Leucipe e Clitofonte.</i> <i>As efesíacas.</i> <i>As etiópicas.</i> <i>As babilônicas.</i>	<i>As coisas incríveis além da Tule.</i> <i>Lúcio ou O Asno.</i> <i>Das narrativas verdadeiras.</i>

Essa caracterização das narrativas romanescas antigas, feita por Brandão a partir da análise do tipo de *Týkhe* - se atuante, buscada ou sofrida - nos fornece elementos para a compreensão e classificação do texto *Atos de Paulo e Tecla* como um *páthos erotikón*, o que veremos um pouco mais tarde.

<sup>11</sup>BRANDÃO, 2005, p. 86.

## 1.2 Os Atos Apostólicos Apócrifos como novela antiga

Evi Zachariades-Holmberg<sup>12</sup> diz que Fócio, Patriarca de Constantinopla, após avaliar o estilo literário dos Atos Apostólicos Apócrifos, os teria adjetivado com um *corpus* literário “irregular e estranho”. Tal irregularidade e estranheza são vistos: (1) nos elementos indicativos de um estágio de desenvolvimento na linguagem, que vai além do já observado no Novo Testamento, uma koinê com cara de ático; (2) numa tendência de se buscar uma comparação com os protótipos antigos: as novelas gregas; (3) na construção das sentenças, em que se observa forte preferência pelo complicado, muitas vezes constrangedor; e (4) na abundância de erros de gramática e sintaxe.

A tentativa de aproximação às novelas gregas antigas, tanto no estilo como na estrutura, levaram Rosa Söder reconhecer similaridades entre os Atos Apostólicos Apócrifos e as novelas helênicas. Söder, citada por Stevan Davies, afirma que:

A dimensão da relação [de Atos] com o romance é evidenciada pelos traços decididamente típicos que são quase sempre utilizados: menção constante da beleza, do amor à primeira vista, repúdio ao primeiro amante socialmente aprovado, mudança de roupas, os ciúmes e lamentos de amor do amante abandonado, as visitas à cadeia na tentativa de subornar os guardas, os temas do amor rejeitado que se transforma em ódio e se expressa (a) contra o amado anterior ou (b) contra o rival; os temas de proteção e subterfúgio, firmeza contra a lisonja, ameaça e até mesmo resistência contra a violência brutal, escravos leais, etc. A partir desses *topoi*, cada um dos quais é utilizado pelos romances da antiguidade, são construídos os contos eróticos dos Atos Apócrifos.<sup>13</sup> (tradução nossa)

<sup>12</sup> ZACHARIADES-HOLMBERG, E. Philological aspects of the Apocryphal Acts of Apostles. In: BOVON, François et al. *The Apocryphal Acts of the Apostles*. Harvard Divinity School Studies. Cambridge: Harvard University Press, 1999, p. 125.

<sup>13</sup> “How great is the relationship [of the Acts] to the romance is evidenced by the decidedly typical traits which are almost always employed: constant mention of beauty, love at first sight, repudiation of the first and socially approved lover, change of garments, the jealousy and laments of love of the abandoned lover, visits to jail with the attempt to bribe the guards, the motifs of rejected love which turns to hate and expresses itself (a) against the previous beloved or (b) against the rival; the motifs of delay and subterfuge, steadfastness against flattery; threat and even resistance against brutal violence, faithful slaves, etc. Out of these *topoi*, each of which is employed by ancient love romances, are built the erotic tales in the apocryphal Acts.”

No entanto, alguns eruditos questionam a ideia de que os Atos Apostólicos Apócrifos pertencem ao gênero novela. Destaco dois eruditos: Virgínia Burrus, que alega que os Atos Apócrifos fazem parte do gênero lendas populares de castidade de mulheres, e Jachynto Lins Brandão para quem essas literaturas cristãs são novelas populares e pré-medievais.

### **1.2.1 Virgínia Burrus e sua hipótese dos Atos Apostólicos Apócrifos como uma narrativa de castidade das mulheres**

Virgínia Burrus, em *Chastity as authonomy: women in the stories of the Apocryphal Acts*<sup>14</sup>, disserta que as histórias de castidade de mulheres presente nos Atos Apostólicos Apócrifos formam um gênero discursivo diferente do gênero novelas românticas antigas. Burrus, influenciada pela pesquisa de Stevan L. Davies e Dennis Ronald MacDonald - autores que identificam os Atos Apostólicos Apócrifos como literatura produzida por mulheres (viúvas ou virgens) e escrita especificamente para mulheres - aplica os critérios adotados por Vladimir Propp, estruturalista russo que se dedicou à pesquisa sobre os componentes básicos dos contos populares de seu país, e destaca as diferenças entre a estrutura narrativa de castidade e a estrutura narrativa de novela. Apresento a seguir, de forma simples, um quadro comparativo.

<b>CONTOS DE FADAS (Propp)</b>	<b>ESTRUTURA NARRATIVA DE CASTIDADE</b>	<b>ESTRUTURA NARRATIVA DE NOVELA</b>
<b>Seção preparatória</b>	A mulher, o apóstolo e o marido/noivo.	Um jovem e belo casal se apaixona: uma das partes

In: DAVIES, Stevan L. *The revolt of the widows. The social world of the Apocryphal Acts*. Dublin: Bardic Press, 2012, p. 85.

<sup>14</sup> BURRUS, V. *Chastity as authonomy: women in the stories of the Apocryphal Acts*. In: *Semeia: The Apocryphal Acts of Apostles*, Decatur: Scholars Press, n. 38, 1986, p. 101-117.

		envolvidas ou está noivo / prometido a outra pessoa, ou está casado com outra pessoa.
<b>Vilania</b>	Luta entre o marido e a mulher (heroína)	Eles fogem de casa para viver o amor proibido em uma viagem de navio e se separam.
<b>Luta</b>	Vitória da mulher	Eles suportam perseguições e ameaças à sua castidade e, ainda assim, permanecem fiéis um ao outro.
<b>Vitória e falta liquidada</b>	A culpa e o azar são removidos e a mulher é libertada para viver a sua vida de castidade.	Após vencerem as dificuldades, eles se reencontram e retornam para casa.

Após comparar a estrutura narrativa de castidade de mulheres e a estrutura narrativa de novela entre si, tendo como princípio a análise de Propp, Burrus conclui que os Atos Apostólicos Apócrifos, enquanto narrativa de estórias de castidade, não derivam das novelas helenísticas, mas sim das lendas orais. O critério que distingue uma da outra é a sua atitude/resposta à sociedade. Enquanto nas narrativas de novela o casal retorna à ordem social vigente sem questionar a lógica sistêmica patriarcal que a sustenta, as estórias de castidade se opõem à ordem social tradicional, ao casamento e à família.

Embora reconheça que a hipótese defendida por Burrus seja tentadora, a presente pesquisa partilha das inquietações provocadas por Jean-Daniel



Kaestli de que a pesquisadora não considera, suficientemente, as enormes variações dos relatos dos Atos Apostólicos Apócrifos. Kaestli afirma que

A hipótese de Burrus concernente à 'estrutura narrativa básica' dessas 'histórias de castidade' parece forçada. Ela não leva suficientemente em conta as grandes variações nas performances de tais histórias nos AAA. Outras histórias sem protagonistas femininas compartilham muitos dos mesmos traços narrativos. Há também problemas com a sua alegada origem 'popular' das histórias de castidade e de sua dessemelhança daquelas novelas românticas. Pode-se, ainda mais, ser questionado se essas histórias realmente expressam os interesses das primeiras mulheres cristãs.<sup>15</sup>(tradução nossa)

Portanto, embora não haja como negar a contribuição da pesquisa de Burrus sobre a castidade de mulheres como elemento favorável à luta das mulheres com o sistema patriarcal nos cristianismos da primeira hora, a autora, infelizmente, não conseguiu perceber que o gênero discursivo novela não é um gênero fechado.

Por ser o último gênero literário inventado pelos antigos, o romance apresenta uma mescla - uma forma híbrida de imitação - que se apropria de outros gêneros discursivos, ora criticando-os, ora reinventando-os ou ampliando-os. Concluindo, o que caracteriza o romance enquanto gênero discursivo é o fato de ser ele democrático e sincrético. Nas palavras de Bakhtin, como vimos acima, um devir. Ou, para aplicar uma terminologia adotada por Julia Kristeva, "transformacional".<sup>16</sup>

<sup>15</sup> "Burrus' hypothesis concerning the 'basic narrative structure' of these 'chastity stories' seems forced. It does not account sufficiently for the wide variations in the performances of such stories in the AAA. Other stories without female protagonists share many of the same narrative traits. There also are problems with her alleged "folk" origins of the chastity stories and their dissimilarity from those in the romantic novel. It may further be questioned whether these stories indeed express the interests of early Christian women." KAESTLI, Jean-Daniel. Response. In: *Semeia: The Apocryphal Acts of Apostles*, Decatur: Scholars Press, n. 38, 1986, p. 101-117.

<sup>16</sup> KRISTEVA, J. *O texto do romance*. Estudo semiológico de uma estrutura discursiva transformacional. Lisboa: Livros Horizonte, 1984, p. 2-84.

### 1.2.2. *Jachynto Lins Brandão e os Atos Apostólicos Apócrifos como literatura pré-medieval e pertencente à Antiguidade Tardia*

Há outros fatores que aparecem nas falas de alguns teóricos da literatura grega como critérios para a não aceitação dos Atos Apostólicos Apócrifos como participantes do gênero discursivo romance. Um deles está presente na teoria do romance apresentada por Jachynto Lins Brandão em seu texto *A invenção do romance*.

Brandão busca diferenciar o romance - aqui a novela grega a quem ele chama de pós-antiga - dos Atos Apostólicos Apócrifos que ele classifica como uma literatura pré-medieval. Mas o que Brandão quer dizer quando adjetiva o romance como pós-antigo? Acredito que a citação seguinte aclarará para nós esse conceito, como segue:

Da mesma forma que o pré-romantismo ou qualquer outro estilo identifica uma fase de formação de tendências ainda não consagradas, o pós-qualquer-coisa aponta para uma dissolução das tendências consagradas. A intuição de Rohde (como bem observa Bakhtin) estava correta, ao fazer de seu estudo sobre o romance uma vasta pesquisa sobre a dissolução do cânon clássico. Nesse sentido, sua falha foi não perceber que, longe de ser um produto dessa dissolução, o romance é o principal agente dele, pois não só a determina como a representa. É dessa perspectiva que defendo tratar-se de um gênero pós-antigo, que surge e se acerca das circunstâncias que antecederam e prepararam a Antiguidade Tardia. Quando esse período adquire suas feições próprias, o romance já está pronto. Se não tenho dúvidas de que um texto como *Barlaam e Josafá* tem todas as marcas da Antiguidade Tardia, o mesmo não creio que se possa dizer das obras de Cáriton, de Xenefonte de Éfeso, de Luciano, de Longo, de Antônio Diógenes e de Heliodoro. De certo modo, pode-se expressar essa diferença da seguinte forma: *Barlaam e Josafá*, bem como os *Atos de Paulo e Tecla* e outros textos semelhantes, são propriamente pré-medievais (ou, se quiser, tendo como referência a longa duração, pré-modernos); o romance grego de que aqui me ocupo é pós-antigo e, como pós, tem inegáveis semelhanças com o que é pós-moderno, no sentido não de uma tendência circunscrita cronologicamente, 'mas de uma categoria espiritual, um *Kunstwollen*, um modo de ação.'<sup>17</sup>

Para Brandão, a grande novidade do romance pós-antigo, quando analisado no contexto dos gêneros literários, é "a própria invenção do

<sup>17</sup> BRANDÃO, 2005, p. 212.



romance”.<sup>18</sup> Isso leva Brandão a destacar que os Atos Apostólicos Apócrifos como literatura da Antiguidade Tardia e, por isso, pré-medieval, se apropria do romance antigo, adaptando-o às suas vicissitudes, tal como podemos perceber no devém da abstinência sexual, não como fruto de Eros e, sim, como prova da fidelidade do fiel a Deus:

A Antiguidade Tardia não o produz, apenas o recebe e dá prosseguimento à sua história, provocando nele as adaptações de sentido necessárias para adequá-lo às ideologias que, paulatinamente, vão se tornando dominantes, o que é absolutamente praticável na medida em que se trata de uma forma aberta. Para citar apenas um exemplo: a fidelidade dos apaixonados no romance pós-antigo, fruto do éros, devém a fidelidade do crente em relação a Deus, expressa, num plano sexual, como abstinência. As características do romance demonstram suficientemente que ele é pós-antigo e não pré-moderno, ainda que a literatura cristã, cuja evolução marca o ritmo da Antiguidade Tardia, da ingenuidade dos apócrifos às sutilezas de Santo Agostinho – em parte conviva temporalmente com ele.<sup>19</sup>

Brandão ainda destaca outros dois aspectos que corroboram sua afirmação de serem os Atos Apostólicos Apócrifos uma literatura pré-medieval: a língua adotada por seus escritores (o grego koiné) e sua destinação: a camada popular. Vejamos:

A começar pela língua, o romance distingue-se claramente da outra literatura contemporânea: enquanto seu registro é o ático, trabalhado com os recursos que a tradição clássica fornece, os apócrifos e os escritos do Novo Testamento preferem a *koiné*, mais próxima da língua falada, com um vocabulário mais limitado, frases declarativas e sintaxe simplificada. Provavelmente, a diferença de composição do romance em face dessa outra literatura denuncia uma destinação diversa: não se trata de um gênero popular; populares tornaram-se sim os escritos cristãos, o que a própria história subsequente comprovou.<sup>20</sup>

Às ponderações feitas por Brandão de serem os Atos Apostólicos Apócrifos uma literatura pré-medieval, fruto da Antiguidade Tardia, e o fato de que os Atos Apócrifos adotaram a *koiné* e se destinaram a um grupo popular

<sup>18</sup> BRANDÃO, 2005, p. 212.

<sup>19</sup> BRANDÃO, 2005, p. 213-214.

<sup>20</sup> BRANDÃO, 2005, p. 214.

como elementos que depõem contra eles a se candidatarem como pertencentes ao gênero romance antigo, encontram reação em Evi Zachariades-Holmberg e Richard L. Pervo.

Zachariades-Holmberg, por exemplo, ao analisar os aspectos filológicos dos Atos Apostólicos Apócrifos, percebe que a literatura apócrifa foi escrita em um estilo que varia de imitações de protótipos antigos - do arcaico ao Grego Ático - misturado com elementos das escolas retóricas que vêm do clássico e que atravessam o período helenístico, a composições escritas em uma linguagem de fronteira com o vernáculo: como fruto do processo de aticização. E mais, não só os Atos Apócrifos partilham do aticismo como também as novelas antigas. Afirma Zachariades-Holmberg que:

Algumas das características básicas do movimento de Aticização são encontradas em muitos dos textos dos atos apócrifos. O nível de presença dos elementos áticos deve ser levado em conta a fim de comparar as variações no aticismo não apenas em textos de diferentes origens mas em textos que se determinou serem provenientes da mesma fonte, uma vez que tal variação indica várias mãos em ação ou diferentes datas de composição. Este assunto pode ser explorado com vantagem nos martírios, por exemplo, em que se nos apresentam várias versões da mesma história.<sup>21</sup> (tradução nossa)

Por ser a aticização fruto da Segunda Sofística, o critério de emprego sofisticado do ático não é suficiente para desacreditar os Atos Apócrifos como novela antiga, conclui Zachariades-Holmberg tal como podemos ler no parágrafo abaixo:

O estilo por si só não é, portanto, um critério decisivo para a classificação desses documentos em lugar e tempo. Um estudo cuidadoso indica que, na maioria dos casos, tudo o que se pode fazer é identificar as características estilísticas de cada texto - e, por vezes, diferenças de estilo dentro de um mesmo texto - e comparar os diferentes textos entre si. Tal comparação geralmente determina o grau de estranheza da expressão ou o esforço para criar um antigo

<sup>21</sup> "Some of the basic characteristics of the Atticizing movement are found in many of the texts from the apocryphal acts. The degree to which Attic elements are present should be considered in order to compare variations in Atticisms not only in texts of different origin but in texts determined to be the same provenance, as such variation indicates several hands at work or different dates of composition. This matter may be profitably explored in the martyrdoms, for example, where one is presented with several versions of the same story." - ZACHARIADES-HOLMBERG, 1999, p. 127.

sofisticado ou um efeito de Aticização. O uso de sintaxe e vocabulário mais remotos, em vez de mais simples e analíticos, uma característica de uma fase posterior no desenvolvimento da linguagem não é necessariamente suficiente para situar o texto em data anterior ou posterior. Na maioria dos casos, tudo o que se pode dizer é que o escritor que usa sintaxe e vocabulário mais remotos está se esforçando para criar um efeito sofisticado e se dirigindo a um grupo de leitores com expectativas semelhantes. Em geral, seria mais seguro dizer que a tendência para usar progressivamente a linguagem mais sofisticada depois do segundo século E.C., não é por si só suficiente para datação dos textos.<sup>22</sup> (tradução nossa)

Já Pervo, em *Early Christian fiction*, reconhece que os Atos Apostólicos Apócrifos sofrem as mesmas críticas que as novelas antigas sofreram por parte dos seus críticos. Ele afirma que

As cobranças literárias contra os ApocAtos – enredos ingênuos, variações limitadas em cima de um pequeno repertório de temas episódicos e falta de sofisticação - são mais ou menos as mesmas tradicionalmente colocadas contra as novelas românticas gregas. Essas cobranças são muitas vezes exageradas, mas elas refletem o caráter 'popular' das obras em questão.<sup>23</sup> (tradução nossa)

Isso leva Pervo a declarar que os Atos Apócrifos devem ser aceitos como novela, não porque eles compartilham motivações semelhantes às de Chariton e Heliodoro, por exemplo, mas porque são novelas.<sup>24</sup> E, como a maioria das novelas antigas, os Atos Apócrifos são ficções históricas que apresentam certa fluididade. Tal fluididade é fruto da necessidade de atender a questões sociais e ideológicas de certos segmentos cristãos.

<sup>22</sup> “Style alone is thus not a decisive criterion for the classification of these documents in place and time. A careful study indicates that, in most cases, all one can do is pinpoint the stylistic characteristic of a later stage in the development of the language is not necessarily sufficient to place a text at an earlier or later date. In most cases all one can say is that the writer who uses the more ancient syntax and vocabulary is striving to create a sophisticated effect and is addressing a group of readers with similar expectations. In general, it would be safer to say that the tendency to use progressively more sophisticated language after the second century C. E. is not alone sufficient to date texts.” – ZACHARIADES-HOLMBERG, 1999, p. 128.

<sup>23</sup> “The literary charges against the ApocActs - naive plotting, limited variations upon a small repertory of episodic themes and lack of sophistication - are more or less the same as those traditionally lodged against the Greek romantic novels. These accusations are often overblown, but they do reflect the 'popular' character of the works in question.” – PERVO, Richard I. *Early christian fiction*. In: MORGAN, J. R.; STONEMAN, R. *Greek fiction*. The greek novel in context. London and Ney York: Routledge, 1994, p. 242.

<sup>24</sup> PERVO, 1994, p. 244.

Esses textos expandem consideravelmente tanto o repertório como o horizonte da novela antiga. O *floruit* das novelas greco-romanas coincide com a dos ApocAtos (100-250 EC), um fato que é dificilmente acidental, pois essas obras respondem a gostos e necessidades semelhantes e em evolução. No caso dos textos cristãos, as questões sociais e ideológicas, enquanto variadas, são bastante claras. Isso não se constitui em motivo para desqualificá-los da condição de membros da academia de ficção antiga, por assim dizer; evidentemente eles compartilharam potenciais leitores por fornecer a todos aqueles que procuram o mundo social e intelectual do romance grego alguns dados contingentes muito úteis. Considerando que os romances gregos sobreviventes tendem a representar os produtos mais cultivados do gênero, os ApocAtos dão indicações do estilo e do conteúdo das novelas mais genuinamente 'populares'. Além disso, esses textos cristãos fornecem evidências indiretas para o apelo de novelas românticas, com algumas das quais eles evidentemente compartilhavam leitores potenciais.<sup>25</sup> (tradução nossa)

Portanto, concordo com as reações de Zachariades-Holmberg e de Pervo às teses defendidas por Brandão, por compreender que o aticismo e o ideologema<sup>26</sup> presentes nos Atos Apostólicos Apócrifos, não podem servir como critérios para desqualificá-los como novelas antigas.

### 1.3 Uma novela antiga: O texto Atos de Paulo e Tecla como páthos erotikón

O texto *Atos de Paulo e Tecla* é uma literatura cristã do segundo século, do ano 165 aproximadamente, que juntamente com a Carta aos Coríntios - também chamada de 3ª Carta de Paulo aos Coríntios pelos especialistas - e o Martírio de Paulo integram a *Acta Pauli* (Atos de Paulo). O

<sup>25</sup> "These texts considerably expand both the repertory and horizon of the ancient novel. The *floruit* of the Graeco-Roman novels coincides with that of the ApocActs (100-250 CE), a fact that is scarcely accidental, for these works respond to similar and evolving tastes and needs. In the case of the Christian texts the social and ideological issues, while varied, are quite clear. This does not constitute a reason for disqualifying them from membership in the academy of ancient fiction, as it were; it may provide those searching for the social and intellectual worlds of the Greek romance with some very useful contingent data. Since the surviving Greek novels tend to represent the more cultivated products of the genre, the ApocActs give indications of the style and contents of more genuinely 'popular' novels. Moreover, these Christian texts provide indirect evidence for the appeal of romantic novels, with some of which they evidently shared potential readers." – PERVO, 1994, 251-252.

<sup>26</sup> Emprego aqui o termo ideologema tal como compreendido por Kristeva. Ela diz: "O ideologema é aquela função intertextual que podemos ler <<materializada>> nos vários níveis da estrutura da cada texto, e que se estende ao longo de todo o seu trajecto, dando-lhe as suas coordenadas históricas e sociais." – KRISTEVA, 1984, p. 12.

texto *Atos de Paulo e Tecla* narra a história de Tecla, uma jovem virgem prometida em casamento a Tamiro, um político influente da cidade de Icônio.

Tecla, após ouvir o discurso do apóstolo Paulo sobre o encratismo e a ressurreição (ἐγκρατείας καὶ ἀναστάσεως) sente-se afectada por uma paixão amorosa (*pàthos erotikón*) que faz nascer nela o desejo (ἐπεπόθει)<sup>27</sup> de ser contada entre as virgens e as mulheres que ouvem o ensino do próprio Paulo. Tal afecção amorosa a faz ficar três dias e três noites sem comer e sem beber nada e, segundo o texto *Atos de Paulo e Tecla*, ela parecia uma aranha grudada à janela, enfeitiçada pelas palavras de Paulo.

A arte iconográfica cristã deixou registrada em uma gruta na cidade de Éfeso, em 1906, que foi descoberta pelo arqueólogo Karl Herold, um relato interessante que representa Tecla assentada à janela, e Paulo e Teoclia, mãe de Tecla, ambos disputando sua atenção. Paulo e Teoclia são representados como mestres, cada um, porém, com uma proposta. Da parte de Paulo, o convite à vida de castidade e a fé na ressurreição. Já Teoclia, a tentativa de reafirmar o papel da mulher tal como instituído pela cidade de Icônio. Abaixo, a foto da Gruta de São Paulo.



Figura 1: Afresco de Tecla, Paulo e Teoclia na Gruta de São Paulo em Éfeso.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Segundo Ángel Narro Sánchez, o termo ἐπεπόθει (desejo) serve para descrever uma espécie de *signa amoris*. Cf.: SÁNCHEZ, Ángel Narro. ORÍGENES Y DESARROLLO DE LA HAGIOGRAFÍA GRIEGA ATRAVÉS DE LA FIGURA DE SANTA TECLA (Tesis doctoral), Universitat de Valencia: Departamento de Filología Clássica, 2013, p. 139.

<sup>28</sup> Aproveito este espaço para corrigir a interpretação dada ao afresco da Gruta de Paulo em Éfeso feita por John Dominic Crossan e Jonathan L. Reed, no livro *Em busca de Paulo*. Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. São Paulo: Paulinas, 2007, p.9-12. Nele, Crossan e Reed afirmam que a mulher que está em pé ao lado de Paulo e que



Uma vez que Teoclia não consegue remover Tecla desse assombro, em desespero ela pede a Tamiro que vá à sua casa. Ao chegar, Tamiro ouve de Teoclia um relato assustador, que demonstra a força devastadora do *páthos*. Eis o texto:

Ora, como Tecla não se afastava da janela, a sua mãe mandou chamar Tamiro. Tamiro, que veio cheio de alegria, com a expectativa de levar Tecla como sua esposa. Então, Tamiro disse a Teoclia: “Onde está a minha Tecla?” Em resposta, Teoclia disse: “Tamiro, eu tenho algo estranho para lhe contar. Há três dias e três noites que Tecla não se levanta da janela, nem para comer e nem para beber. Porém ela tem os olhos fixos em alguma coisa espetacular, com tanta devoção a um homem estrangeiro que ensina palavras enganosas e ardilosas que penso como uma virgem tão modesta pode se desviar tão penosamente. Tamiro, este homem incita a cidade de Icônio, inclusive a sua Tecla. Na verdade, todas as mulheres e os jovens vão a ele e aprendem da parte dele que ‘devem temer somente a Deus e viver em castidade.’ Até a minha filha, que tal como uma aranha agarrada na janela, está necessitada das palavras dele. Ela está dominada por um novo desejo e por uma paixão arrebatadora. A virgem está com os olhos fixos nos ensinamentos dele e se sente fascinada. Então, vá até ela e lhe fale, afinal ela é sua noiva.” Tamiro foi até ela, e por amá-la tanto e temendo por causa do seu sentimento avassalador, disse a Tecla: “Tecla, minha noiva, por que você fica aí assentada? Que tipo de paixão a domina? Tome vergonha na cara e volte ao seu Tamiro.” Então a mãe dela interveio de novo e disse: “Filha, por que você fica aí assentada olhando para baixo, sem nos responder e paralisada?” Eles lamentaram terrivelmente, Tamiro, por perder a mulher. Teoclia, a filha; as servas, a senhora. Então houve muita agitação e pranto naquela casa. No entanto, enquanto todas estas coisas aconteciam, Tecla não voltou atrás e continuou a olhar atentamente o ensino de Paulo. (tradução e grifo nossos).

É interessante destacar que coube a Teoclia explicitar o comportamento da filha como algo inerente à paixão amorosa (πάθει δεινῶ, paixão terrível) e empregar o termo *páthos* para caracterizar, ponderadamente, tal estado de afecção.

A reação de Tecla, sua afecção amorosa, assemelha-se, de certa forma, à afecção de Calíroe que, ao ver Quéreas, foi tomada por uma súbita paixão como também apresenta uma profunda correlação com a afecção

---

tem as mãos na posição de ensino e os olhos apagados é Tecla. E concluem: “A imagem original na qual Tecla e Paulo representam em pé de igualdade figuras com autoridade apostólica foi substituída por outra que mostra a autoridade apostólica masculina em contraste com a figura feminina agora cega e silenciada. Até mesmo o nome atual da caverna, Gruta de São Paulo, continua a negar a igualdade dos dois sexos que, na origem, estava representada em suas paredes.” (p. 10). A interpretação está equivocada. A mulher retratada no ícone, como se pode perceber pelas iniciais, é Teoclia (ΘΕΟΚΛΙ) e não Tecla.

sofrida por Asenath, no texto *José e Asenath*, uma novela judaica escrita por volta do século 1 da Era Comum<sup>29</sup>, tal como podemos observar a seguir:

Tendo Asenath visto José, ficou fortemente perturbada no seu íntimo. Seu coração palpitava e seus olhos vacilaram. Todo o seu corpo tremia e uma grande angústia apossou-se dela. Com fortes suspiros, assim falou em seu coração: “Para onde eu, desgraçada, deverei fugir agora? Onde esconder-me da sua face? (...)” Asenath alegrou-se profundamente com a benção de José. A toda pressa subiu ao solar e, exausta, atirou-se sobre a cama. No seu íntimo reinavam ao mesmo tempo a alegria, a tristeza e a angústia. Ainda ecoavam em seus ouvidos aquelas palavras de José falando-lhe em nome do Deus altíssimo. Prorrompeu então num choro alto e amargo e, cheia de arrependimento, aborreceu os seus deuses, que adorava, e as imagens dos seus ídolos, que já começava a mal dizer, e assim permaneceu até o cair da noite. (*José e Asenath* VI,1; IX, 1).<sup>30</sup>

Da mesma forma que Asenath, Tecla, num primeiro momento, é tomada por uma força avassaladora que a impede de agir. Mas, diferentemente de Calíroe e Asenath, Tecla não vê Paulo. Não existe, portanto, o amor à primeira vista. Não. O que atinge Tecla de forma dramática é o discurso/fala de Paulo. Portanto, é o discurso, e não a vida de abstinência sexual, como deseja Virgínia Burrus, o elemento relevante no texto *Atos de Paulo e Tecla*.<sup>31</sup> É o que destaca Pedro Ipiranga Junior:

(...) é, por conseguinte, uma paixão de oitiva, antes de tudo. A interpretação de que, ao longo da narrativa, a personagem empreende uma busca de autodomínio e de que abandona a sexualidade em vista de uma vida ascética é a opinião padrão e conservadora sobre o tema; o que se depreende dos textos é exatamente o contrário: o *páthos erotikón* se transfere para a esfera do discurso e é o grande responsável pela relação da heroína com o herói, e da relação pretendida entre os leitores e leitoras e a figura feminina.<sup>32</sup>

<sup>29</sup> Cf. WILLS, Lawrence M. The jewish novellas. In: MORGAN, J. R.; STONEMAN, R. *Greek fiction. The greek novel in context*. London and New York: Routledge, 1994, p. 223-238.

<sup>30</sup> *José e Asenath*. In: PROENÇA, Eduardo (org). *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 479, 481.

<sup>31</sup> No final do texto *Atos de Paulo e Tecla*, Tecla, a nossa personagem principal, reencontra Paulo em Mira. Paulo se assusta ao vê-la. É que ela está acompanhada de muitas pessoas. Tecla conta para ele sobre como Deus a livrou de mais uma tentativa de morte e que ela recebeu o “banho”, sinônimo para batismo. Tecla diz algo interessante, o que reforça a ideia de que não é a abstinência sexual o ponto clímax da narrativa e, sim, o discurso - que o mesmo Deus que trabalhou com Paulo no anúncio, também trabalhou com ela em seu banho. Em resposta, Paulo envia Tecla para ensinar a Palavra de Deus (*Atos de Paulo e Tecla* 40-41).

<sup>32</sup> IPIRANGA JUNIOR, 2014 A, p. 58.

É o desejo, despertado pela oitiva, que encoraja Tecla a ir à noite à prisão para encontrar-se com Paulo. Lá, após corromper o porteiro e o carcereiro, ela o encontra. Ao vê-lo, Tecla, como discípula, se assenta aos pés de Paulo e ele lhe anuncia os grandes feitos de Deus. Por mais uma vez, a paixão da oitiva faz com que a fé de Tecla cresça. Em resposta, ela beija as algemas de Paulo (καταφιλούσης τὰ δεσμὰ αὐτοῦ).

Enfim, Tamiro, após saber que Tecla estava na cadeia com Paulo, vai à prisão. Ao entrar, ele a encontra “unida a Paulo de forma amorosa” (εὔρον αὐτὴν τρόπον τινὰ συνδεδεμένην τῇ στοργῇ). Após Paulo ser levado ao Tribunal para o julgamento, Tecla, afectada pela paixão, rolava pelo chão no lugar onde Paulo, sentado, lhe ensinava na prisão. Por causa dessa afecção amorosa, o governador mandou que ela também fosse conduzida ao tribunal.

No entanto, Holtzberg, dentre outros teóricos, apresenta grande dificuldade de incluir tais literaturas cristãs no *corpus* do romance antigo, embora reconheça a existência de uma prosa romanesca cristã, constatada nas semelhanças com os eixos temáticos do gênero do romance, a saber: jornadas cheias de perigo, resgates que ocorrem na última hora, cenas de julgamento. O autor afirma:

Assim, eles inegavelmente criaram um novo tipo de prosa ficcional narrativa que pode, em certo sentido, com bastante legitimidade ser rotulado de “novela cristã primitiva”. No entanto, elas não podem ser incluídas no gênero “romance antigo” porque representam mais adequadamente os primórdios de sua recepção e influência. As variações do tema dos amantes atormentados por infortúnios demonstram por si sós que nesse caso o clima ideológico passou por uma mudança radical. O lugar dos dois amantes que juraram fidelidade eterna é ocupado pelo apóstolo e uma jovem mulher que, ao ouvi-lo pregar, converte-se ali mesmo à nova fé e, assim, ao amor de Cristo somente; mesmo se já prometida em casamento a outro, casada, ou ainda solteira, ela agora se compromete com a castidade absoluta. As atribuições dos dois são o resultado de perseguição por parte de uma sociedade ainda influenciada por delírios pagãos e incapaz de tolerar uma forma de continência que, no seu modo de pensar, excede em muito a medida aceitável. Tanto o converso quanto o homem que incentiva esse tipo de comportamento são, similantemente, confrontados com fogo e espada. A história de Paulo e Tecla como narrada no *Praxeis* (Atos) de Paulo é a elaboração mais



exaustiva e mais frequentemente imitada desses temas centrais.<sup>33</sup>  
(tradução nossa)

Pela argumentação apresentada por Holzberg, a substituição da paixão amorosa pelo tema da castidade é o elemento impulsionador que justifica, no nosso caso, a rejeição do texto *Atos de Paulo e Tecla* como literatura antiga, restando-lhe ser incluído num tipo de narrativa romanesca marginal (“on the fringe”).<sup>34</sup>

No entanto, Ipiranga Junior, em oposição a Holzberg, entende que, ao invés de uma “substituição”, o texto *Atos de Paulo e Tecla* promove um hibridismo e entrecruzamento na noção de *páthos erotikón*. Ele afirma que:

A noção de *páthos* se tornaria, nesse contexto, o fenômeno aglutinador e catalisador dos vários tipos de afecção, paixão e sofrimento. Dessa forma, o *páthos* de relatos cristãos romanescos, a exemplo do que acontece nos *Atos de Paulo e Tecla*, mescla o *páthoserotikón* próprio do romance grego antigo com o sofrimento do mártir no decurso de sua *passio*. Sob a ótica de leitura aqui adotada, em vista da análise de tais textos, a ausência de intercurso sexual, ou melhor, as ênfases no relato de ações demonstrativas de castidade indicam menos a substituição da paixão amorosa do que a intensificação do *páthos* amoroso na ligação efetiva e afetiva, no caso, com um apóstolo.<sup>35</sup>

É esse entrecruzamento que possibilita que classifiquemos o texto *Atos de Paulo e Tecla* como uma novela antiga caracterizada por uma estrutura híbrida que conjuga dois elementos: a *erotiká* mais a *parádoxa*. Dessa forma,

<sup>33</sup> “Thus they undeniably created a new type of fictional prose narrative which can in a certain sense quite legitimately be labelled the ‘early Christian novel’. However, they cannot be included in the genre ‘ancient novel’, because they represent more properly the beginnings of its reception and influence. The variations on the theme of the lovers beset by misfortunes demonstrate alone that here the ideological climate has undergone a radical change. The place of the two lovers sworn to undying fidelity is taken by the apostle and a young woman who, on hearing him preach, converts on the spot to the new faith and thus to the love of Christ alone; whether already betrothed to another, married, or still single, she now pledges absolute chastity. The tribulations of the two are the result of their persecution on the part of a society still labouring under pagan delusions and unable to tolerate a form of continence which, to its mind, far exceeds the acceptable measure. Both the convert and the man who encourages such behaviour are accordingly faced with fire and sword. The story of Paul and Thecla as told in the *Praxeis* (‘Acts’) of Paul is the most exhaustive and most frequently imitated elaboration of these motifs.” – HOLZBERG, N. *The ancient novel*. An introduction. London and New York, Routledge, 1995, p. 17.

<sup>34</sup> HOLTZBERG, 1995, p. 8-19.

<sup>35</sup> IPIRANGA JUNIOR, P., A concepção de *páthos* em relatos híbridos na Antiguidade: José e Aseneth e os Atos de Paulo e Tecla. *Clássica*, São Paulo, v. 26, p. 65-84, 2014 (B), p. 80.

os *Atos de Paulo e Tecla* têm companheiros ilustres que partilham do mesmo estilo, a saber: *Quéreas e Calíroe*, *Leucipa e Clitofonte*, *As efesíacas*, *As etiópicas* e *As babilônicas*.

Então, que texto é esse, os *Atos de Paulo e Tecla*? Para torná-lo conhecido no contexto acadêmico, apresentaremos uma tradução bilíngüe (grego-português) no próximo capítulo.



## 2 ATOS DE PAULO E TECLA: TRADUÇÃO DO TEXTO GREGO.

Os *Atos de Paulo e Tecla*, novela antiga cristã escrita por volta do ano 165 E.C., é um dos poucos Atos Apostólicos Apócrifos cujo texto se preservou e que apresenta grande testemunho textual: há códices em grego, versões em latim e copta. Infelizmente, não há como detalhar as características desses textos. Pinêro e Del Cerro<sup>36</sup> apresentam uma listagem com os manuscritos mais conhecidos dos *Atos de Paulo e Tecla*, a saber:

- A = cod. *Paris*. gr. 520, s. XI
- B = cod. *Paris*. gr. 1454, s. X
- C = cod. *Paris*. gr. 1468, s. XI
- E = cod. *Vatic*. gr. 797, s. XI
- F = cod. *Vatic*. gr. 866, s. XI
- G = cod. *Oxon. Barocc*. gr. 180, s. XII
- H = cod. *Oxon. Auct*. E. 5. 12 (Misc. 77), s. XII
- I = cod. *Paris*. gr. 1506, s. XII
- K = cod. *Paris*. gr. 769, s. XIII
- L = cod. *Vatic. Palat*. gr. 68, s. XIII
- M = cod. *Vatic*. gr. 1190, s. XIV

Por isso, para essa tradução, eu adoto a edição crítica de Lipsius e Bonnet<sup>37</sup> por apresentar uma riqueza de variantes em seu aparato. Informo, que eu não me debruçarei sobre todas variantes, selecionei apenas aquelas que poderão contribuir para a pesquisa por apresentar: 1) tentativa de harmonização com o texto do Novo testamento; 2) conflito interno com algumas correntes cristãs presentes na Ásia Menor; e, 3) conflito externo com os

<sup>36</sup> DEL CERRO, G.; PIÑERO, A. Cronología relativa de los Hechos Apócrifos de los Apóstoles. Reflexiones sobre ediciones recientes.”, in Aguilar, R.M.; López-Salvá, M. & Rodríguez Alfageme, I. (eds.) *ΧΑΡΙΣ ΔΙΔΑΣΚΑΛΙΑΣ, Studia in honorem Ludovici Aegidi, Homenaje a Luis Gil*, Madrid, 1994, p. 453-463.

<sup>37</sup> LIPSIUS, R. A.; BONNET, M. *Acta apostolorum apocrypha*. Hildesheim: 1990, v. II, p.235-272.

seguidores do Culto a Ártemis. Tais variantes serão retomadas no último capítulo da pesquisa, não detalhadamente, somente como referenciais.

Informo que emprego de forma simultânea e correspondente no corpo do texto e no aparato crítico algumas siglas para identificação da natureza das variantes e outras sinais usados para demarcar as distintas variantes, que tomo pro empréstimo de Nestle-Aland, aqui tal como citados por Uwe Wegner<sup>38</sup>. Trata-se das seguintes:

a) Para identificação das variantes:

ã à As palavras contidas entre estes sinais são substituídas por outras em um ou mais manuscritos;

Ⓛ Esse sinal indica que em alguns manuscritos há inserção de palavra ou palavras.

b) Para demarcar e distinguir as variantes:

! Esse sinal separa as variantes relacionadas com a mesma passagem do texto;

txt Introduz a apresentação dos manuscritos que apóiam o texto ora traduzo.

Por questão de espaço, informo que as últimas variantes do aparato crítico serão destacadas em anexo.

<sup>38</sup> WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*. Manual de metodologia. São Leopoldo: Sinão Paulo: Paulus, 1998, p. 48-49.

## 2.1 Tradução do texto grego, edição bilíngüe e destaque a algumas variantes textuais dos Atos de Paulo e Tecla.

Πράξεις Παύλου καὶ Θέκλης

- 1.1 Ἀναβαίνοντος Παύλου εἰς Ἰκόνιον μετὰ τὴν φυγὴν τὴν ἀπὸ Ἀντιοχείας ἐγενήθησαν σύνοδοι αὐτῶ Ἀδημᾶς καὶ Ἑρμογένης ἁ ὁ χαλκεύς, ὑποκρίσεως γέμοντες, καὶ ἐξελιπάρουν τὸν Παῦλον ὡς ἀγαπῶντες αὐτόν. ὁ δὲ Παῦλος ἀποβλέπων εἰς μόνην τὴν ἀγαθο-
- 1.5 σύνην τοῦ Χριστοῦ οὐδὲν φαῦλον ἐποίει αὐτοῖς, ἀλλ' ἔστεργεν αὐτοὺς σφόδρα, ὥστε πάντα τὰ λόγια κυρίου καὶ τῆς διδασκαλίας καὶ τῆς ἐρμηνείας τοῦ εὐαγγελίου καὶ τῆς γεννήσεως καὶ τῆς ἀναστάσεως τοῦ ἠγαπημένου ἐγλύκαιεν αὐτούς, καὶ τὰ μεγαλεῖα τοῦ Χριστοῦ, πῶς ἀπεκαλύφθη αὐτῶ, κατὰ ῥῆμα διηγεῖτο
- 1.10 αὐτοῖς.
- 2.1 Καὶ τις ἀνὴρ ὀνόματι Ὀνησιφόρος ἀκούσας τὸν Παῦλον παραγενόμενον εἰς Ἰκόνιον, ἐξῆλθεν σὺν τοῖς τέκνοις αὐτοῦ Σιμμία καὶ Ζήνωνι καὶ τῇ γυναικὶ αὐτοῦ Λέκτρα εἰς συνάντησιν Παύλου, ἵνα αὐτὸν ὑποδέξηται· διηγήσατο γὰρ αὐτῶ Τίτος
- 2.5 ποταπός ἐστιν τῆ εἰδέα ὁ Παῦλος· οὐ γὰρ εἶδεν αὐτὸν σαρκὶ ἀλλὰ μόνον πνεύματι.
- 3.1 Καὶ ἐπορεύετο κατὰ τὴν βασιλικὴν ὁδὸν τὴν ἐπὶ Λύστραν, καὶ εἰστήκει ἀπεκδεχόμενος αὐτόν, καὶ τοὺς ἐρχομένους ἐθεώρει κατὰ τὴν μὴνυσιν Τίτου. εἶδεν δὲ τὸν Παῦλον ἐρχόμενον, ἄνδρα μικρὸν τῶ μεγέθει, ψιλὸν τῇ κεφαλῇ, ἀγκύλον ταῖς κνήμαις,
- 3.5 εὐεκτικόν, σύνοφρον, μικρῶς ἐπίρρινον, χάριτος πλήρη· ποτὲ μὲν γὰρ ἐφαίνετο ὡς ἄνθρωπος, ποτὲ δὲ ἀγγέλου πρόσωπον εἶχεν.

---

2 ὉΔημᾶς καὶ Κηφᾶς καὶ Ἑρμογένης E! Demas Ermogenes Alexander d ! text ABCFGHIKLM

## ATOS DE PAULO E TECLA

- 1.1 Enquanto Paulo subia para Icônio, após fugir de Antioquia, tornaram-se seus companheiros de viagem Demas e Hermógenes, o ferreiro, os quais, cheios de falsidade, o incomodavam, como se o amassem. Porém, Paulo, olhando apenas a bondade de Cristo, não fez nenhum mal contra eles, mas os estimava sobremaneira, ao ponto de ensinar-lhes com doçura os ditos do Senhor, - os ensinamentos e as interpretações do Evangelho -, e sobre o nascimento e a ressurreição do Amado, as grandezas do Cristo, como Ele lhe foi revelado, contou a eles palavra por palavra.
- 1.10
- 2.1 Certo homem, chamado Onesíforo, ao ouvir que Paulo estava chegando a Icônio, juntamente com seus filhos, Símias e Zenon, e sua esposa Léctra, foi encontrar-se com ele, a fim de recebê-lo em sua casa. Tito havia descrito a Onesíforo como era a aparência física de Paulo, porque ele nunca o tinha visto pessoalmente, mas espiritualmente.
- 2.5
- 3.1 Onesíforo caminhou ao longo da Estrada Real para Listra, aguardando-o ansiosamente. Ele observava os que iam chegando conforme a descrição de Tito. Então, ele viu Paulo se aproximando: um homem de estatura baixa, careca, de pernas arqueadas, saudável, de sobrancelhas unidas, um pouco narigudo, cheio de encanto. De fato, ora parecia um homem, ora parecia um anjo.
- 3.5

- 4.1** Καὶ ἰδὼν ὁ Παῦλος τὸν Ὀνησιφόρον ἐμειδίασεν, καὶ εἶπεν ὁ Ὀνησιφόρος Χαῖρε, ὑπὴρέτα τοῦ εὐλογημένου θεοῦ· κάκεινος εἶπεν Ἡ χάρις μετὰ σοῦ καὶ τοῦ οἴκου σου. Δημᾶς δὲ καὶ Ἑρμογένης ἐζήλωσαν καὶ πλείονα τὴν ὑπόκρισιν ἐκίνησαν, ὡς
- 4.5** εἰπεῖν τὸν Δημᾶν Ἡμεῖς οὐκ ἐσμὲν τοῦ εὐλογημένου, ὅτι ἡμᾶς οὐκ ἠσπάσω οὕτως; καὶ εἶπεν ὁ Ὀνησιφόρος Οὐχ ὁρῶ ἐν ὑμῖν καρπὸν δικαιοσύνης· εἰ δὲ ἔστε τινές, δεῦτε καὶ ὑμεῖς εἰς τὸν οἶκόν μου καὶ ἀναπαύσασθε.
- 5.1** Καὶ εἰσελθόντος Παύλου εἰς τὸν τοῦ Ὀνησιφόρου οἶκον ἐγένετο χαρὰ μεγάλη, καὶ κλίσις γονάτων καὶ κλάσις ἄρτου καὶ λόγος θεοῦ περὶ ἐγκρατείας καὶ ἀναστάσεως, λέγοντος τοῦ Παύλου· Μακάριοι οἱ καθαροὶ τῇ καρδίᾳ, ὅτι αὐτοὶ τὸν θεὸν
- 5.5** ὄψονται. μακάριοι οἱ ἀγνὴν τὴν σάρκα τηρήσαντες, ὅτι αὐτοὶ ναὸς θεοῦ γενήσονται. μακάριοι οἱ ἐγκρατεῖς, ὅτι αὐτοῖς λαλήσει ὁ θεός. μακάριοι οἱ ἀποταξάμενοι τῷ κόσμῳ τούτῳ, ὅτι αὐτοὶ εὐαρεστήσουσιν τῷ θεῷ. μακάριοι οἱ ἔχοντες γυναῖκας ὡς μὴ ἔχοντες, ὅτι αὐτοὶ κληρονομήσουσιν τὸν θεόν. μακάριοι οἱ φόβον
- 5.10** ἔχοντες θεοῦ, ὅτι αὐτοὶ ἄγγελοι θεοῦ γενήσονται.
- 6.1** Μακάριοι οἱ τρέμοντες τὰ λόγια τοῦ θεοῦ, ὅτι αὐτοὶ παρακληθήσονται. μακάριοι οἱ σοφίαν λαβόντες Ἰησοῦ Χριστοῦ, ὅτι αὐτοὶ υἱοὶ ὑψίστου κληθήσονται. μακάριοι οἱ τὸ βάπτισμα τηρήσαντες, ὅτι αὐτοὶ ἀναπαύσονται πρὸς τὸν πατέρα καὶ τὸν
- 6.5** υἱόν. μακάριοι οἱ σύνεσιν Ἰησοῦ Χριστοῦ χωρήσαντες, ὅτι αὐτοὶ ἐν φωτὶ γενήσονται. μακάριοι οἱ δι' ἀγάπην θεοῦ ἐξεληθόντες τοῦ σχήματος τοῦ κοσμικοῦ, ὅτι αὐτοὶ ἀγγέλους κρινουῖσιν καὶ ἐν δεξιᾷ τοῦ πατρὸς εὐλογηθήσονται. μακάριοι οἱ ἐλεήμονες, ὅτι αὐτοὶ ἐλεηθήσονται καὶ οὐκ ὄψονται ἡμέραν κρίσεως πικράν.
- 6.10** μακάρια τὰ σώματα τῶν παρθένων, ὅτι αὐτὰ εὐαρεστήσουσιν τῷ θεῷ καὶ οὐκ ἀπολέσουσιν τὸν μισθὸν τῆς ἀγνείας αὐτῶν· ὅτι ὁ λόγος τοῦ πατρὸς ἔργον αὐτοῖς γενήσεται σωτηρίας εἰς ἡμέραν τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ, καὶ ἀνάπαυσιν ἔξουσιν εἰς αἰῶνα αἰῶνος.

- 4.1 Ao ver Onesíforo, Paulo sorriu. Onesíforo disse:  
 “Saúde, ó servo do Deus Bendito!” Em resposta, Paulo disse: “A graça esteja contigo e com a tua casa!” Porém, Demas e Hermógenes ficaram com ciúmes e demonstravam muita falsidade. Então,
- 4.5 Demas disse: “Nós não somos também do Bendito, porque você não nos saudou da mesma forma?” Onesíforo disse: “Eu não vejo em vocês o fruto da justiça. Se, porém, vocês têm algum, venham, também, a minha casa para descansar.”
- 5.1 Quando Paulo entrou na Casa de Onesíforo, houve grande alegria, eles se ajoelharam e partiram o pão e a Palavra de Deus sobre o encratismo e a ressurreição. Disse Paulo: “Felizes são os puros de coração, pois eles verão
- 5.5 a Deus. Felizes são os que guardam a carne casta, pois eles se tornarão Santuário de Deus. Felizes os encratistas, pois Deus falará a eles. Felizes são os que renunciaram a este mundo, pois eles agradarão a Deus. Felizes são os que têm suas esposas como se não as possuíssem, pois eles herdarão a Deus. Felizes são os que temem a
- 5.10 Deus, pois eles se tornarão anjos de Deus.
- 6.1 Felizes são os que tremem ante as palavras de Deus, pois eles serão consolados. Felizes são os que aceitam a sabedoria de Jesus Cristo, pois eles serão chamados filhos do Altíssimo. Felizes são os que têm guardado o batismo, pois eles descansarão ao lado do Pai e do
- 6.5 Filho. Felizes são os inteligentes que compreendem Jesus Cristo, pois eles serão gerados na luz. Felizes são os que por causa do amor a Deus saem do esquema deste mundo, pois eles julgarão os anjos e serão louvados à mão direita do Pai. Felizes são os misericordiosos, pois eles alcançarão misericórdia e não verão o dia amargo do julgamento.
- 6.10 Felizes os corpos das virgens, pois elas agradarão a Deus e não perderão a recompensa de sua castidade, pois a palavra do Pai se tornará para elas uma obra de salvação no dia do seu Filho, e elas descansarão para sempre.”



- 7.1** Καὶ ταῦτα τοῦ Παύλου λέγοντος ἐν μέσῳ τῆς ἐκκλησίας ἐν τῷ Ὀνησιφόρου οἴκῳ, Θέκλα τις παρθένος Θεοκλείας μητρὸς μεμνηστευμένη ἀνδρὶ Θαμύριδι, καθεσθεῖσα ἐπὶ τῆς σύνεγγυς θυρίδος τοῦ οἴκου ἤκουεν νυκτὸς καὶ ἡμέρας τὸν περὶ ἀγνείας
- 7.5** λόγον λεγόμενον ὑπὸ τοῦ Παύλου· καὶ οὐκ ἀπένευεν ἀπὸ τῆς θυρίδος, ἀλλὰ τῇ πίστει ἐπήγετο ὑπερευφραϊνομένη. ἔτι δὲ καὶ βλέπουσα πολλὰς γυναῖκας καὶ παρθέτους εἰσπορευομένας πρὸς τὸν Παῦλον, ἐπεπόθει καὶ αὐτὴ καταξιοθῆναι κατὰ πρόσωπον στῆναι Παύλου καὶ ἀκούειν τὸν τοῦ Χριστοῦ λόγον·
- 7.10** οὐδέπω γὰρ τὸν χαρακτῆρα Παύλου ἐωράκει, ἀλλὰ τοῦ λόγου ἤκουεν μόνον.
- 8.1** Ὡς δὲ οὐκ ἀρίστατο ἀπὸ τῆς θυρίδος, πέμπει ἡ μήτηρ αὐτῆς πρὸς τὸν Θάμυριν· ὁ δὲ ἔρχεται περιχαρῆς, ὡς ἤδη λαμβάνων αὐτὴν πρὸς γάμον. εἶπεν οὖν ὁ Θάμυρις πρὸς Θεοκλείαν Ποῦ μού ἐστιν ἡ Θέκλα; Καὶ εἶπεν ἡ Θεοκλεία Καινόν σοι ἔχω
- 8.5** εἰπεῖν διήγημα, Θάμυρι. καὶ γὰρ ἡμέρας τρεῖς καὶ νύκτας τρεῖς Θέκλα ἀπὸ τῆς θυρίδος οὐκ ἐγείρεται, οὔτε ἐπὶ τὸ φαγεῖν οὔτε ἐπὶ τὸ πιεῖν, ἀλλὰ ἀτενίζουσα ὡς πρὸς εὐφρασίαν, οὕτως πρόκειται ἀνδρὶ ξένῳ ἀπατηλοῦς καὶ ποικίλους λόγους διδάσκοντι, ὥστε με θαυμάζουν πῶς ἡ τοιαύτη αἰδῶς τῆς παρθένου χαλε-
- 8.10** πῶς ἐνοχλεῖται.
- 9.1** Θάμυρι, ὁ ἄνθρωπος οὗτος τὴν Ἰκονιέων πόλιν ἀνασεῖει, ἔτι δὲ καὶ τὴν σὴν Θέκλαν· πᾶσαι γὰρ αἱ γυναῖκες καὶ οἱ νέοι εἰσέρχονται πρὸς αὐτόν, διδασκόμενοι παρ' αὐτοῦ ὅτι Δεῖ, φησίν, ἓνα καὶ μόνον θεὸν φοβεῖσθαι καὶ ζῆν ἀγνῶς. ἔτι δὲ καὶ ἡ
- 9.5** θυγάτηρ μου ὡς ἀράχνη ἐπὶ τῆς θυρίδος δεδεμένη τοῖς ὑπ' αὐτοῦ λόγοις κρατεῖται ἐπιθυμία καινῇ καὶ πάθει δεινῷ. ἀτενίζει γὰρ τοῖς λεγομένοις ὑπ' αὐτοῦ καὶ ἐάλωται ἡ παρθένος. ἀλλὰ πρόσελθε αὐτῇ σὺ καὶ λάλησον· σοὶ γὰρ ἐστιν ἡρμοσμένη.

- 7.1 E enquanto Paulo falava essas coisas no meio da igreja da casa de Onesíforo, certa virgem chamada Tecla, filha de Teoclia, prometida em casamento a um homem chamado Tamiro, estava sentada na janela da casa vizinha e ouvia, noite e dia, Paulo falando sobre a
- 7.5 castidade. Ela não se afastava da janela e suscitou-se nela uma excessiva alegria em fé. E enquanto ela via muitas mulheres e virgens indo até Paulo, também sentiu ansiosamente o desejo de ser considerada digna de se colocar diante dele para ouvir o ensino de Cristo,
- 7.10 pois ela ainda não tinha visto o rosto de Paulo, mas somente ouvido a palavra.
- 8.1 Ora, como Tecla não se afastava da janela, a sua mãe mandou chamar Tamiro. Tamiro veio cheio de alegria, com a expectativa de receber Tecla como sua esposa. Então, Tamiro disse a Teoclia: “Onde está a minha Tecla?” Em resposta, Teoclia disse: “Tamiro, eu tenho
- 8.5 algo estranho para lhe contar. Há três dias e três noites que Tecla não se levanta da janela, nem para comer e nem para beber. Porém, ela tem os olhos fixos em alguma coisa espetacular, com tanta devoção a um homem estrangeiro que ensina palavras enganosas e ardilosas que eu me assombro de como uma virgem tão
- 8.10 modesta pode ser duramente violentada.”
- 9.1 “Tamiro, este homem incita a cidade de Icônio, inclusive a sua Tecla. Na verdade, todas as mulheres e os jovens vão a ele e aprendem da parte dele que ‘devem, dizem, temer somente a Deus e viver em castidade.’ Até a
- 9.5 minha filha, como uma aranha presa na janela por suas palavras, é dominada por um estranho desejo e por uma paixão terrível. A virgem está com os olhos fixos nos ensinamentos dele e presa. Então, vá até ela e lhe fale, afinal ela é sua noiva.”

- 10.1** Καὶ προσελθὼν Θάμυρις, ἅμα μὲν φιλῶν αὐτήν, ἅμα δὲ καὶ φοβούμενος τὴν ἔκκληξιν αὐτῆς, εἶπεν Θέκλα ἐμοὶ μνηστευθεῖσα, τί τοιαύτη κάθησαι; καὶ ποῖόν σε πάθος κατέχει ἔκκληκτον; ἐπιστράφηθι πρὸς τὸν σὸν Θάμυριν καὶ αἰσχύνθητι. Ἔτι
- 10.5** δὲ καὶ ἡ μήτηρ αὐτῆς τὰ αὐτὰ ἔλεγεν Τέκνον, τί τοιαύτη κάτω βλέπουσα κάθησαι, καὶ μηδὲν ἀποκρινομένη ἀλλὰ παραπλήξ; Καὶ οἱ μὲν ἔκλαιον δεινῶς, Θάμυρις μὲν γυναικὸς ἀστοχῶν, Θεοκλεία δὲ τέκνου, αἱ δὲ παιδίσκαι κυρίας· πολλὴ οὖν σύγχυσις ἦν ἐν τῷ οἴκῳ πένθους. καὶ τούτων οὕτως γινομένων Θέκλα οὐκ
- 10.10** ἀπεστράφη, ἀλλ' ἦν ἀτενίζουσα τῷ λόγῳ Παύλου.
- 11.1** Ὁ δὲ Θάμυρις ἀναπηδήσας ἐξῆλθεν εἰς τὸ ἄμφοδον, καὶ παρετήρει τοὺς εἰσερχομένους πρὸς τὸν Παῦλον καὶ ἐξερχομένους. καὶ εἶδεν δύο ἄνδρας εἰς ἑαυτοὺς μαχομένους πικρῶς. καὶ εἶπεν πρὸς αὐτούς Ἄνδρες, τίνες ἐστὲ εἵπατέ μοι, καὶ τίς
- 11.5** οὗτος ὁ ἔσω μεθ' ὑμῶν, πλανῶν ψυχὰς νέων καὶ παρθένων ἀπατῶν, ἵνα γάμοι μὴ γίνωνται ἀλλὰ οὕτως μένωσιν· ὑπισχνούμαι οὖν ὑμῖν δοῦναι πολλὰ χρήματα, ἐὰν εἴπητέ μοι περὶ αὐτοῦ· εἰμὶ γὰρ πρῶτος τῆς πόλεως.
- 12.1** Καὶ ὁ Δημᾶς καὶ Ἑρμογένης εἶπον Ὁ αὐτῷ Οὗτος μὲν τίς ἐστίν, οὐκ οἶδαμεν· στερεῖ δὲ νέους γυναικῶν καὶ παρθένους ἀνδρῶν, λέγων Ἄλλως ἀνάστασις ὑμῖν οὐκ ἔστιν, ἐὰν μὴ ἀγνοῖ μείνητε καὶ τὴν σάρκα μὴ μολύνητε ἀλλὰ τηρήσητε ἀγνήν.
- 13.1** Ὁ δὲ Θάμυρις εἶπεν αὐτοῖς Δεῦτε, ἄνδρες, εἰς τὸν οἶκόν μου καὶ ἀναπαύσασθε μετ' ἐμοῦ. καὶ ἀπῆλθον εἰς πολύτιμον δεῖπνον καὶ πολὺν οἶνον καὶ πλοῦτον μέγαν καὶ τράπεζαν λαμπράν· καὶ ἐπότισεν αὐτοὺς ὁ Θάμυρις, φιλῶν τὴν Θέκλαν καὶ
- 13.5** θέλων τυχεῖν γυναικός. καὶ εἶπεν ἐν τῷ δεῖπνῳ ὁ Θάμυρις Ἄνδρες, εἵπατέ μοι, τίς ἐστίν ἡ διδασκαλία αὐτοῦ, ἵνα καγὼ γνῶ· οὐ γὰρ μικρῶς ἀγωνιῶ περὶ τῆς Θέκλης, ὅτι οὕτως φιλεῖ τὸν ξένον καὶ ἀποστεροῦμαι γάμου.

- 10.1** Tamiro foi a ela, e por amá-la tanto e temendo por causa do seu estado avassalador, disse a Tecla: “Tecla, minha noiva, por que você fica aí assentada? Que tipo de paixão a domina? Toma vergonha na cara e volte ao seu Tamiro.” Então a
- 10.5** mãe dela interveio de novo e disse: “Filha, por que você fica aí assentada olhando para baixo, sem nos responder e paralisada?” E eles lamentaram terrivelmente. Tamiro, por perder a mulher. Teoclia, a filha; as servas, a senhora. Então houve muita agitação e pranto naquela casa. Enquanto todas estas coisas aconteciam, Tecla
- 10.10** não voltou atrás e continuou a olhar atentamente o ensino de Paulo.
- 11.1** Tamiro levantou-se abruptamente e saiu à rua e observava com atenção os que entravam e saiam para encontrar Paulo. Foi quando ele viu dois homens que discutiam amargamente entre si. Tamiro perguntou-lhes: “Homens, digam-me quem são vocês e quem é
- 11.5** este, aí dentro, que está com vocês, que corrompe a alma dos jovens e todas as virgens para que não se casem e permaneçam como estão. Prometo dar-lhes muito dinheiro se vocês me disserem alguma coisa sobre ele, pois eu sou a pessoa mais importante da cidade.”
- 12.1** Demas e Hermógenes responderam-lhe: “Quem ele é? Não sabemos. No entanto, sabemos que ele priva os jovens das mulheres e as virgens dos homens, dizendo: ‘De outro modo, não haverá ressurreição para vocês, a não ser que permaneçam castos e não contaminem a sua carne, mas fiquem castos.’”
- 13.1** Tamiro disse para eles: “Homens, venham à minha casa e descansem comigo.” Então eles foram a um suntuoso jantar, regado a vinho, com grande luxo e mesa esplêndida. E Tamiro, que amava Tecla e ansiava desposá-la,
- 13.5** deu-lhes de beber. E, assim, à mesa disse: “Homens, diga-me, qual é a sua doutrina, para que eu também a conheça. Pois eu estou muito aflito com Tecla, que tanto ama ao estrangeiro e, por isso, estou sendo privado de me casar com ela.”

- 14.1** Εἶπον δὲ Δημᾶς καὶ Ἑρμογένης Προσάγαγε αὐτὸν τῷ ἡγεμόνι Καστελίῳ ὡς ἀναπείθοντα τοὺς ὄχλους ἐπὶ καινῇ διδαχῇ Χριστιανῶν, καὶ οὕτως ἀπολεῖ αὐτὸν καὶ σὺ ἕξεις τὴν γυναῖκά σου Θεέκλαν. καὶ ἡμεῖς σε διδάξομεν, ἣν λέγει οὗτος ἀνάστασιν
- 14.5** γενέσθαι, ὅτι ἤδη γέγονεν ἐφ' οἷς ἔχομεν τέκνοις, καὶ ἀνιστάμεθα θεὸν ἐπεγνωκότες ἀληθῆ.
- 15.1** Ὁ δὲ Θάμυρις ἀκούσας παρ' αὐτῶν ταῦτα, καὶ πλησθεὶς ζήλου καὶ θυμοῦ ὀρθρου ἀναστάς εἰς τὸν οἶκον Ὀνησιφόρου ἀπῆλθεν μετὰ ἀρχόντων καὶ δημοσίων καὶ ὄχλου ἱκανοῦ μετὰ ζύλων, λέγων τῷ Παύλῳ Διέφθειας τὴν Ἰκονιέων πόλιν καὶ τὴν
- 15.5** ἡρμωσμένην μοι, ἵνα μὴ θελήσῃ με· ἄγωμεν ἐπὶ τὸν ἡγεμόνα Καστέλιον. Καὶ πᾶς ὁ ὄχλος ἔλεγεν Ἀπάγαγε τὸν μάγον· διέφθειρεν γὰρ ἡμῶν πάσας τὰς γυναῖκας, καὶ συνεπίσθησαν οἱ ὄχλοι.
- 16.1** Καὶ στάς πρὸ τοῦ βήματος ὁ Θάμυρις κραυγῇ μεγάλη εἶπεν Ἀνθύπατε, ὁ ἄνθρωπος οὗτος οὐκ οἶδαμεν πόθεν ἐστίν, ὃς οὐκ ἔα γαμῆσθαι τὰς παρθένας· εἰπάτω ἐπὶ σοῦ τίνας ἔνεκεν ταῦτα διδάσκει. Ὁ δὲ Δημᾶς καὶ Ἑρμογένης εἶπον Ὁτῷ
- 16.5** Θαμύριδι Ὁ Λέγε αὐτὸν Χριστιανόν, καὶ οὕτως ἀπολέσεις αὐτόν. Ὁ δὲ ἡγεμὼν ἔστησεν τὴν διάνοιαν αὐτοῦ καὶ ἐκάλεσεν τὸν Παῦλον λέγων αὐτῷ Τίς εἶ, καὶ τί διδάσκεις; οὐ γὰρ μικρῶς σου κατηγοροῦσιν.
- 17.1** Καὶ ἤρην τὴν φωνὴν αὐτοῦ ὁ Παῦλος λέγων Εἰ ἐγὼ σήμερον ἀνακρίνομαι τί διδάσκω, ἄκουσον, ἀνθύπατε. Θεὸς ζῶν, θεὸς ἐκδικήσεων, θεὸς ζηλωτής, θεὸς ἀπροσδεής, χρήζων τῆς τῶν ἀνθρώπων σωτηρίας ἔπεμψέν με, ὅπως ἀπὸ τῆς φθορᾶς
- 17.5** καὶ τῆς ἀκαθαρσίας ἀποσπάσω αὐτοὺς καὶ πάσης ἡδονῆς καὶ θανάτου, ὅπως μηκέτι ἀμαρτάνωσιν· διὸ ἔπεμψεν ὁ θεὸς τὸν ἑαυτοῦ παῖδα, ὃν ἐγὼ εὐαγγελίζομαι καὶ διδάσκω ἐν ἐκείνῳ ἔχειν τὴν ἐλπίδα τοὺς ἀνθρώπους, ὃς μόνος συνεπάθησεν πλανωμένῳ κόσμῳ, ἵνα μηκέτι ὑπὸ κρίσιν ᾧσιν οἱ ἄνθρωποι, ἀλλὰ πίστιν

- 14.1** Demas e Hermógenes disseram: “Denuncia-o ao governador Castélio sob a acusação de seduzir as massas com a nova doutrina dos cristãos; você o arruinará e, desta forma, terá Tecla como sua mulher. Nós lhe ensinaremos que ele afirma que a ressurreição já
- 14.5** ocorreu, porque já aconteceu nas nossas crianças e que nós ressuscitaremos porque temos conhecido o Deus Verdadeiro.”
- 15.1** Tamiro, por ter ouvido essas coisas, levantou-se de madrugada cheio de ciúme e ódio, foi à Casa de Onesíforo com os magistrados e os oficiais do povo, e uma grande multidão com porretes, dizendo: “Você corrompeu a cidade de Icônio e a
- 15.5** minha noiva, a ponto dela não me querer mais. Vamos até o governador Castélio!” Toda a multidão disse: “Fora com o bruxo, pois ele corrompeu todas as nossas mulheres, e convenceu as multidões a se insurgirem contra os costumes!”
- 16.1** Tamiro, pondo-se de pé diante do Tribunal, disse em alta voz: “Ó Proconsul, este homem, a quem não sabemos de onde é, faz as virgens avessas ao casamento, que ele lhe diga o porquê de estar ensinando essas coisas!” Demas e Hermógenes disseram a
- 16.5** Tamiro: ‘Diga que ele é um cristão, e assim você o arruinará.’” O governador manteve sua intenção e chamou a Paulo, a quem perguntou: “Quem é você e o que você ensina? Pois eles o acusam de algo muito sério.”
- 17.1** Paulo levantou a voz, dizendo: “Se hoje eu estou sendo examinado pelo o que ensino, ouça, ó Proconsul: O Deus Vivo, o Deus Zeloso, o Deus que não deve nada a ninguém, mas que deseja a salvação da humanidade, enviou-me para que eu os resgatasse
- 17.5** da corrupção e da impureza e de todo o prazer e da morte, para que não pequem. Por essa razão é que Deus enviou o seu próprio Filho, a quem proclamo, no qual ensino à humanidade que tenha esperança, e que somente Ele é que teve compaixão pelo mundo enganado, para que não mais estejam sob julgamento, mas tenham fé

- 17.10** ἔχουσιν καὶ φόβον θεοῦ καὶ γινῶσιν σεμνότητος καὶ ἀγάπην ἀληθείας. εἰ οὖν ἐγὼ τὰ ὑπὸ θεοῦ μοι ἀποκεκαλυμμένα διδάσκω, τί ἀδικῶ, ἀνθρώπατε; Ὁ δὲ ἡγεμῶν ἀκούσας ἐκέλευσεν δεθῆναι τὸν Παῦλον καὶ εἰς φυλακὴν ἀπαχθῆναι, μέχρις ἂν εὐσκολήσας ἐπιμελέστερον ἀκούσῃ αὐτοῦ.
- 18.1** Ἡ δὲ Θέκλα νυκτὸς περιελομένη τὰ ψέλια ἔδωκεν τῷ πυλωρῷ, καὶ ἀνοιγείσης αὐτῇ τῆς θύρας ἀπῆλθεν εἰς τὴν φυλακὴν· καὶ δοῦσα τῷ δεσμοφύλακι κάτοπτρον ἀργυροῦν εἰσῆλθεν πρὸς τὸν Παῦλον, καὶ καθίσασα παρὰ τοὺς πόδας αὐτοῦ ἤκουσεν
- 18.5** τὰ μεγαλεῖα τοῦ θεοῦ. καὶ οὐδὲν ἐδεδοίκει ὁ Παῦλος, ἀλλὰ τῇ τοῦ θεοῦ παρρησίᾳ ἐνεπολιτεύετο· κἀκείνης ηὔξανεν ἡ πίστις, καταφιλοῦσης τὰ δεσμὰ αὐτοῦ.
- 19.1** Ὡς δὲ ἐζητεῖτο Θέκλα ὑπὸ τῶν ἰδίων καὶ Θαμύριδος, ὡς ἀπολλυμένη ἐδιώκετο κατὰ τὰς ὁδοὺς, καὶ τις τῶν συνδούλων τοῦ πυλωροῦ ἐμήνυσεν ὅτι νυκτὸς ἐξῆλθεν. καὶ ἀνήτασαν τὸν πυλωρόν, καὶ εἶπεν αὐτοῖς ὅτι πεπόρευται πρὸς τὸν ξένον
- 19.5** εἰς τὸ δεσμοτήριον· καὶ ἀπῆλθον καθὼς εἶπεν αὐτοῖς καὶ εὔρον αὐτὴν τρόπον τινὰ συνδεδεμένην τῇ στοργῇ. καὶ ἐξελθόντες ἐκεῖθεν τοὺς ὄχλους ἐπεσπάσαντο καὶ τῷ ἡγεμόνι ἐνεφάνισαν.
- 20.1** Καὶ ἐκέλευσεν ἄγεσθαι τὸν Παῦλον ἐπὶ τὸ βῆμα· ἡ δὲ Θέκλα ἐκυλίετο ἐπὶ τοῦ τόπου οὗ ἐδίδασκεν ὁ Παῦλος καθήμενος ἐν τῇ φυλακῇ. ὁ δὲ ἡγεμῶν ἐκέλευσεν κἀκείνην ἀχθῆναι ἐπὶ τὸ βῆμα· ἡ δὲ μετὰ χαρᾶς ἀπίει ἀγαλλιωμένη. ὁ δὲ ὄχλος προς-
- 20.5** αχθέντος πάλιν τοῦ Παύλου περισσοτέρως ἐβόα Μάγος ἐστίν, αἶρε αὐτόν. Ἡδέως δὲ ἤκουεν ὁ ἡγεμῶν τοῦ Παύλου ἐπὶ τοῖς ὁσίοις ἔργοις τοῦ Χριστοῦ· καὶ συμβούλιον ποιήσας ἐκάλεσεν τὴν Θέκλαν λέγων Διὰ τί σὺ γαμεῖ κατὰ τὸν Ἰκονιέων νόμον τῷ Θαμύριδι; ἡ δὲ εἰστήκει Παύλῳ ἀτενίζουσα· τῆς δὲ μὴ ἀπο-
- 20.10** κρινομένης, Θεοκλεία ἡ μήτηρ αὐτῆς ἀνέκραγεν λέγουσα Κατάκαιε τὴν ἄνομον, κατάκαιε τὴν ἄνυμφον ἐν μέσῳ θεάτρου, ἵνα πᾶσαι αἱ ὑπὸ τούτου διδαχθεῖσαι γυναῖκες φοβηθῶσιν.



- 17.10** e temor a Deus e que saibam se conduzir respeitosamente e amem a verdade. Portanto, se eu ensino, ó Proconsul, as coisas que foram reveladas por Deus, por que estou sendo injustiçado? Após ouvir a Paulo, o governador ordenou que o acorrentassem e o levassem à prisão, até que, com calma, pudesse ouvi-lo mais cuidadosamente.”
- 18.1** De noite, Tecla tirou os seus braceletes e deu-os ao porteiro, e ele lhe abriu as portas, assim, ela entrou na prisão. Depois de dar ao carcereiro um espelho de prata, ela foi até Paulo, assentou-se aos seus pés e ouviu
- 18.5** sobre os grandes feitos de Deus. Paulo, porém, nada temia, comportava-se confiantemente em Deus. E a fé dela também crescia enquanto beijava, docilmente, as suas algemas.
- 19.1** Tecla era procurada pelos seus e por Tamiro,  
- eles percorriam as ruas como se ela estivesse desaparecida -, até que um dos companheiros do porteiro informou que ela saiu durante a noite. Então, eles foram ao porteiro que lhes disse que ela foi ao cárcere para
- 19.5** ver o estrangeiro. Foram conforme o que lhes foi dito e a encontraram, de alguma maneira, unida a ele de forma amorosa. Após saírem de lá, reuniram a multidão, e contaram ao governador o que havia acontecido.
- 20.1** O governador ordenou que Paulo fosse levado ao Tribunal. Por sua vez, Tecla rolava pelo chão no lugar onde Paulo, sentado, a instrua na prisão. Por isso, o governador mandou que ela também fosse conduzida ao tribunal. E Tecla foi exultante de alegria. Quando Paulo foi
- 20.5** apresentado novamente, a multidão gritava: “Ele é um bruxo! Levem-no embora!” Porém, o governador escutou alegremente de Paulo sobre as sagradas obras de Cristo. Após deliberar, ele intimou Tecla, e disse-lhe: “Por que você não se casa com Tamiro conforme a lei de Icônio?” Ela, porém, permanecia de pé com os olhos fixos em Paulo.
- 20.10** E como Tecla não respondia, Teoclia, sua mãe, gritando disse: “Queimem o criminoso! Queimem, no meio do teatro, a que não vai se casar, para que todas as mulheres, que este homem instruiu, temam.”

- 21.1** Καὶ ὁ ἡγεμῶν ἔπαθεν μεγάλως, καὶ τὸν μὲν Παῦλον φραγελλώσας ἔξω τῆς πόλεως ἐξέβαλεν, τὴν δὲ Θέκλαν ἔκρινεν κατακαῆναι. καὶ εὐθέως ὁ ἡγεμῶν ἀναστὰς ἀπίει εἰς τὸ θέατρον· καὶ πᾶς ὁ ὄχλος ἐξῆλθεν ἐπὶ τὴν ἀνάγκην τῆς θεωρίας.
- 21.5** ἢ δὲ Θέκλα ὡς ἀμνὸς ἐν ἐρήμῳ περισκοπεῖ τὸν ποιμένα, οὕτως ἐκείνη τὸν Παῦλον ἐζήτει. καὶ ἐμβλέψασα εἰς τὸν ὄχλον εἶδεν τὸν κύριον καθήμενον ὡς Παῦλον, καὶ εἶπεν Ὡς ἀνυπομονήτου μου οὔσης ἦλθεν Παῦλος θεάσασθαί με. Καὶ προσεῖχεν αὐτῷ ἀτενίζουσα· ὁ δὲ εἰς οὐρανὸς ἀπίει.
- 22.1** Οἱ δὲ παῖδες καὶ αἱ παρθένοι ἤνεγκαν ξύλα καὶ χόρτον ἵνα Θέκλα κατακαῆ. ὡς δὲ εἰσήχθη γυμνή, ἐδάκρυσεν ὁ ἡγεμῶν καὶ ἐθαύμασεν τὴν ἐν αὐτῇ δύναμιν. ἔστρωσαν δὲ τὰ ξύλα καὶ ἐκέλευσαν αὐτὴν οἱ δήμιοι ἐπιβῆναι τῇ πυρᾷ· ἢ δὲ τὸν τύπον
- 22.5** τοῦ σταυροῦ ποιησαμένη ἐπέβη τῶν ξύλων· οἱ δὲ ὑφῆσαν. καὶ μεγάλου πυρὸς λάμπαντος οὐχ ἦψατο αὐτῆς τὸ πῦρ· ὁ γὰρ θεὸς σπλαγγισθεὶς ἦχον ὑπόγειον ἐποίησεν, καὶ νεφέλη ἄνωθεν ἐπεσκίασεν ὕδατος πλήρης καὶ χαλάζης, καὶ ἐξεχύθη πᾶν τὸ κύτος, ὡς πολλοὺς κινδυνεῦσαι καὶ ἀποθανεῖν, καὶ τὸ πῦρ σβε-
- 22.10** σθῆναι τὴν δὲ Θέκλαν σωθῆναι.
- 23.1** Ἦν δὲ ὁ Παῦλος νηστεύων μετὰ Ὀνησιφόρου καὶ τῆς γυναικὸς αὐτοῦ καὶ τῶν τέκνων ἐν μνημείῳ ἀνοικτῷ, ἐν ὁδῷ ἐν ἧ ἀπὸ Ἴκονίου εἰς Δάφνην πορεύονται. ἡνίκα δὲ ἡμέραι πολλαὶ διῆλθον, νηστευόντων αὐτῶν εἶπον οἱ παῖδες τῷ Παύλῳ Πει-
- 23.5** νῶμεν. Καὶ οὐκ εἶχον πόθεν ἀγοράσωσιν ἄρτους· κατέλιπεν γὰρ τὰ τοῦ κόσμου ὁ Ὀνησιφόρος καὶ ἠκολούθει Παύλῳ πανοικί. Παῦλος δὲ ἀπεδύσατο τὸν ἐπενδύτην καὶ εἶπεν Ὑπαγε, τέκνον, ἀγόρασον ἄρτους πλείονας καὶ φέρε. Ὡς δὲ ἠγόραζεν ὁ παῖς, εἶδεν Θέκλαν τὴν γείτονα, καὶ ἐθαμβήθη καὶ εἶπεν Θέκλα, ποῦ
- 23.10** πορεύῃ; ἢ δὲ εἶπεν Παῦλον διώκω, ἐκ πυρὸς σωθεῖσα. Καὶ ὁ παῖς εἶπεν Δεῦρο, ἀπαγάγω σε πρὸς αὐτόν· στενάζει γὰρ περὶ σοῦ καὶ προσεύχεται καὶ νηστεύει ἡμέρας ἤδη ἕξ.

- 21.1** O governador sofreu grandemente, e depois de açoitar Paulo, o expulsou da cidade e condenou Tecla à fogueira. Imediatamente o governador levantou e foi até o teatro, e toda a multidão se adiantou por causa do terrível espetáculo.
- 21.5** Tecla, tal como um cordeiro no deserto que olha ao redor à procura do pastor, buscava a Paulo. E, enquanto olhava entre a multidão, viu o Senhor sentado à semelhança de Paulo, e disse: “Como se eu não fosse capaz de suportar meu destino, Paulo veio me ver.” Ela aproximou-se dele, olhando fixamente. Porém, ele subiu aos céus.
- 22.1** Os meninos e as moças levaram tora e palha para que Tecla fosse queimada. Porém, quando ela entrou nua, o governador chorou e admirou-se da coragem dela. Os carrascos amontoaram a lenha e a mandaram subir na pira. Após fazer o sinal da
- 22.5** cruz, Tecla subiu sobre as toras e eles acenderam a pira. E embora uma grande labareda ardesse, o fogo não a tocou. Porém, Deus, comovido por ela, provocou um terremoto. Então, uma nuvem do alto, cheia de água e granizo, a encobriu, e derramou todo o seu conteúdo sobre os que estavam na arquibancada do teatro, pondo muitos
- 22.10** em perigo de morte. O fogo apagou-se e Tecla foi salva.
- 23.1** Paulo estava jejuando com Onesíforo, sua esposa e seus filhos, em um sepulcro aberto no caminho que vai de Icônio até Dafne. Depois de muitos dias jejuando, as crianças disseram a Paulo: “Estamos
- 23.5** com fome.” Eles não tinham com o que comprar pães, pois Onesíforo havia abandonado as coisas do mundo e seguia Paulo com toda a sua família. Porém, Paulo tirou a sua túnica e disse: “Vá, meu filho, venda isso e compre muitos pães, depois os traga!” Quando a criança estava comprando pão, ela viu Tecla, sua vizinha, e ficou surpresa, e
- 23.10** disse: “Tecla, onde é que você vai?” Ela disse: “Eu fui salva do fogo, e procuro Paulo.” A criança disse para ela: “Venha, eu lhe levarei a ele, pois ele lamenta por você e está jejuando e orando a seis dias.”

- 24.1** Ὡς δὲ ἐπέστη ἐπὶ τὸ μνημεῖον Παύλῳ κεκλικότι τὰ γόνατα καὶ προσευχομένῳ καὶ λέγοντι Πάτερ Χριστοῦ, μὴ ἀπάσθω Θεέκλης τὸ πῦρ, ἀλλὰ πάρεσο αὐτῆ, ὅτι σὴ ἐστίν, ἢ δὲ ὀπισθεν ἐστῶσα ἐβόησεν Πάτερ, ὁ ποιήσας τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν, ὁ τοῦ παιδὸς
- 24.5** τοῦ ἀγαπητοῦ σου Ἰησοῦ Χριστοῦ πατὴρ, εὐλογῶ σε ὅτι ἔσωσάς με ἐκ πυρός, ἵνα Παῦλον ἴδω. Καὶ ἀναστὰς Παῦλος εἶδεν αὐτὴν καὶ εἶπεν Θεὲ καρδιογνώστα, ὁ πατὴρ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, εὐλογῶ σε ὅτι ὁ ἠρώτησα ἐτάχυνάς μοι καὶ εἰσήκουσάς μου.
- 25.1** Καὶ ἦν ἔσω ἐν τῷ μνημείῳ ἀγάπη πολλή, Παύλου ἀγαλλιωμένου καὶ Ὀνησιφόρου καὶ πάντων. εἶχον δὲ ἄρτους πέντε καὶ λάχανα καὶ ὕδωρ καὶ ἄλας, καὶ εὐφραίνοντο ἐπὶ τοῖς ὁσίοις ἔργοις τοῦ Χριστοῦ. καὶ εἶπεν Θεέκλα τῷ Παύλῳ Περικαροῦμαι
- 25.5** καὶ ἀκολουθήσω σοι ὅπου δᾶν πορεύῃ. Ὁ δὲ εἶπεν Ὁ καιρὸς αἰσchrός, καὶ σὺ εὐμορφος· μὴ ἄλλος σε πειρασμὸς λήψεται χείρων τοῦ πρώτου, καὶ οὐχ ὑπομείνης ἀλλὰ δειλανδρήσης. καὶ εἶπεν Θεέκλα Μόνον δός μοι τὴν ἐν Χριστῷ σφραγίδα, καὶ οὐχ ἄνεταί μοι πειρασμὸς. καὶ εἶπεν Παῦλος Θεέκλα μακροθύμησον,
- 25.10** καὶ λήψη τὸ ὕδωρ.
- 26.1** Καὶ ἀπέπεμψεν Παῦλος τὸν Ὀνησιφόρον πανοικί εἰς Ἴκόνιον, καὶ οὕτως λαβόμενος τὴν Θεέκλαν εἰς Ἀντιόχειαν εἰσηλθεν. ἅμα δὲ τῷ εἰσέρχεσθαι αὐτοῦς, συριάρχης τις Ἀλέξανδρος ὀνόματι ἰδὼν τὴν Θεέκλαν ἠράσθη αὐτῆς, καὶ ἐξελιπάρει τὸν Παῦλον
- 26.5** χρήμασι καὶ δώροις. ὁ δὲ Παῦλος εἶπεν Οὐκ οἶδα τὴν γυναῖκα ἦν λέγεις, οὐδὲ ἔστιν ἐμῆ. ὁ δὲ πολὺ δυνάμενος, αὐτὸς αὐτῆ περιεπλάκη εἰς τὸ ἄμφοδον· ἢ δὲ οὐκ ἠνέσχετο, ἀλλὰ Παῦλον ἐζήτει. καὶ ἀνέκραγεν πικρῶς λέγουσα Μὴ βιάση τὴν ξένην, μὴ βιάση τὴν τοῦ θεοῦ δούλην. Ἰκονιέων εἰμὶ πρώτη, καὶ διὰ τὸ
- 26.10** μὴ θέλειν με γαμηθῆναι Θαμύριδι, ἐκβέβλημαι τῆς πόλεως. καὶ λαβομένη τοῦ Ἀλεξάνδρου περιέσχισεν αὐτοῦ τὴν γλαμύδα καὶ τὸν στέφανον ἀφείλετο ἀπὸ τῆς κεφαλῆς αὐτοῦ, καὶ ἔστησεν αὐτὸν θρίαμβον.

- 24.1** Ela ficou ao lado da tumba onde Paulo estava de joelhos, orando e dizendo: “Pai de Cristo, não permita que o fogo toque em Tecla, pois ela lhe pertence.” Tecla, de pé, ao lado de Paulo, gritou: “Ó Pai, que fizeste o céu e a terra, o Pai do teu Filho
- 24.5** Amado, Jesus Cristo, eu te bendigo por ter-me salvado do fogo, para que eu pudesse ver Paulo.” Paulo, levantou-se, a viu, e disse: “Ó Deus, aquele que conhece os corações, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, eu te bendigo, pois, rapidamente, me respondeste e me ouviste.”
- 25.1** E havia muito amor dentro do sepulcro. Paulo, Onesíforo e todos os demais celebravam o ocorrido. Eles tinham cinco pães, umas hortaliças, água e sal e exultaram-se por causa das santas obras de Cristo. Tecla disse a Paulo: “Cortarei o meu cabelo bem curto
- 25.5** e lhe seguirei onde quer que você vá”. Paulo disse: “O tempo é ruim e você é linda. Temo que outra tentação possa lhe atingir, pior que a primeira, e que você não a suporte, mas se acovarde.” Tecla, disse: “Apenas me dê o selo em Cristo e nenhuma tentação me tocará”. Disse Paulo: “Tecla, espere com paciência,
- 25.10** e você receberá a água”.
- 26.1** Paulo enviou Onesíforo e os de sua casa para Icônio. Então, tomando Tecla, foi para Antioquia. Quando eles chegaram lá, certo homem chamado Alexandre, o Sírio, ao ver Tecla, apaixonou-se por ela e tentou cair nas graças de Paulo,
- 26.5** oferecendo-lhe brindes e presentes. Paulo lhe disse: “Eu não conheço a mulher de quem você fala; ela não é minha”. Alexandre, um homem muito forte, a agarrou no meio rua. Tecla, não suportando tal coisa, ficou à procura de Paulo. Ela gritou amargamente, dizendo: “Não violente uma estrangeira! Não violente uma serva de Deus. Eu sou uma nobre cidadã
- 26.10** de Icônio e, por não querer me casar com Tamiro, fui expulsa da cidade”. E atacando Alexandre, Tecla rasgou sua túnica e arrancou sua coroa, e, assim, ela fez dele um motivo de piada.

- 27.1** Ὁ δὲ ἄμα μὲν φιλῶν αὐτήν, ἄμα δὲ καὶ αἰσχυρόμενος τὸ γεγονός αὐτῶ, προσήγαγεν αὐτήν τῷ ἡγεμόνι, κάκεινης ὁμολογησάσης ταῦτα πεπραχέναι κατέκρινεν αὐτήν εἰς θηρία. αἱ δὲ γυναῖκες ἐξεπλάγησαν καὶ ἀνέκραζαν παρὰ τὸ βῆμα Κακῆ
- 27.5** κρίσις, ἀνοσία κρίσις. Ἡ δὲ Θέκλα ἠτήσατο τὸν ἡγεμόνα ἵνα ἀγνὴ μείνη μέχρις οὗ θηριομαχίῃ. καὶ τις γυνὴ πλουσία, ὀνόματι Τρύφαινα, ἧς ἡ θυγάτηρ ἐτεθνήκει, ἔλαβεν αὐτήν εἰς τήρησιν, καὶ εἶχεν εἰς παραμυθίαν.
- 28.1** Ἦνίκα δὲ τὰ θηρία ἐπόμπευεν, προσέδησαν αὐτήν λεαίνη πικρᾶ, καὶ ἡ βασίλισσα Τρύφαινα ἐπηκολούθει αὐτῇ. ἡ δὲ λέαινα ἐπάνω καθεζομένης Θέκλης περιέλειχεν αὐτῆς τοὺς πόδας, καὶ πᾶς ὁ ὄχλος ἐξίστατο· ἡ δὲ αἰτία τῆς ἐπιγραφῆς αὐτῆς ἦν
- 28.5** Ἰερόσυλος. αἱ δὲ γυναῖκες μετὰ τῶν τέκνων ἔκραζον ἄνωθεν λέγουσαι Ὡ θεέ, ἀνοσία κρίσις γίνεται ἐν τῇ πόλει ταύτῃ. Καὶ ἀπὸ τῆς πομπῆς πάλιν λαμβάνει αὐτήν ἡ Τρύφαινα· ἡ γὰρ θυγάτηρ αὐτῆς Φαλκονίλλα ἦν τεθνεῶσα, καὶ κατ' ὄναρ εἶπεν αὐτῇ Μήτηρ, τὴν ξένην τὴν ἔρημον Θέκλαν ἔξεις εἰς τὸν ἐμὸν
- 28.10** τόπον, ἵνα εὗξηται ὑπὲρ ἐμοῦ καὶ μετατεθῶ εἰς τὸν τῶν δικαίων τόπον.
- 29.1** Ὅτε οὖν ἀπὸ τῆς πομπῆς ἐλάμβανεν αὐτήν ἡ Τρύφαινα, ἄμα μὲν ἐπένθει ὅτι ἔμελλεν εἰς τὴν αὐρίον θηριομαχεῖν, ἄμα δὲ καὶ στέργουσα ἐπόνως ὡς τὴν θυγατέρα Φαλκονίλλαν εἶπεν Τέκνον μου δεύτερον Θέκλα, δεῦρο πρόσευξαι ὑπὲρ τοῦ τέκνου
- 29.5** μου, ἵνα ζῆσεται εἰς τοὺς αἰῶνας· τοῦτο γὰρ εἶδον ἐν ὕπνοις. ἡ δὲ μὴ μελλήσασα ἐπῆρεν τὴν φωνὴν αὐτῆς καὶ εἶπεν Ὁ θεός μου, ὁ υἱὸς τοῦ ὑψίστου ὁ ἐν τῷ οὐρανῷ, δὸς αὐτῇ κατὰ τὸ θέλημα αὐτῆς, ἵνα ἡ θυγάτηρ αὐτῆς Φαλκονίλλα ζῆσεται εἰς τοὺς αἰῶνας. καὶ ταῦτα εἰπούσης Θέκλης ἐπένθει ἡ Τρύφαινα
- 29.10** ἐπέχουσα τοιοῦτον κάλλος εἰς θηρία βαλλόμενον.



- 27.1** Este, em parte movido pela paixão a Tecla e, em parte, por sentir-se envergonhado pelo o que lhe ocorreu, a levou diante do governador. Quando ela confessou ter feito tais coisas, o governador a condenou às feras. As mulheres ficaram estupefatas, e gritaram do lado de
- 27.5** fora do Tribunal: “Julgamento mau! Julgamento ímpio!” Tecla pediu ao governador que a permanecesse pura até que enfrentasse as feras. Certa mulher rica, chamada Trifena, cuja filha havia morrido, a recebeu em custódia domiciliar, e consolou-se com ela.
- 28.1** Quando os animais selvagens eram conduzidos em procissão, Tecla foi amarrada a uma leoa feroz, e a rainha Trifena a acompanhava. Mas a leoa, com Tecla assentada sobre ela, lambia seus pés, e toda a multidão ficou surpreendida. A acusação em seu letreiro era:
- 28.5** “Profanadora”. Então, as mulheres e as crianças gritavam novamente, dizendo: “Ó Deus, uma sentença injusta aconteceu nessa cidade!” Após a procissão, Trifena a levou novamente sob custódia, porque
- Falconília, sua filha, em sonho lhe disse:
- “Mãe, receba Tecla, essa estrangeira solitária, em meu
- 28.10** lugar para que ela interceda em meu favor, para que eu seja transferida para o lugar dos justos.”
- 29.1** Quando, após a sua exibição, Trifena a recebeu, ao mesmo tempo lamentava por Tecla ter que enfrentar as feras no dia seguinte, e ao mesmo tempo amando-a tanto quanto havia amado a sua filha Falconília. Trifena disse: “Tecla, minha segunda filha, venha orar por minha filha,
- 29.5** para que ela viva para sempre, pois eu sonhei com isso”. Ela, sem hesitação, levantou a voz, dizendo: “Ó Deus meu, ó Filho do Altíssimo que estás no céu, dá-lhe segundo a sua vontade, para que Falconília, sua filha, possa viver para sempre.” Quando Tecla disse isso, Trifena lamentou
- 29.10** que tanta beleza pudesse ser lançada às feras.



- 30.1** Καὶ ὅτε ὄρθρος ἐγένετο, ἦλθεν Ἀλέξανδρος παραλαβεῖν αὐτήν, αὐτὸς γὰρ ἐδίδου τὰ κυνήγια, λέγων Ὁ ἡγεμῶν κάθηται καὶ ὁ ὄχλος θορυβεῖ ἡμᾶς· δὸς ἀπαγάγω τὴν θηριομάχον. ἡ δὲ Τρύφαινα ἀνέκραξεν ὥστε φυγεῖν αὐτὸν λέγουσα· Φαλκονίλλης
- 30.5** μου δεύτερον πένθος ἐπὶ τὴν οἰκίαν γίνεται, καὶ οὐδεὶς ὁ βοηθῶν· οὔτε τέκνον, ἀπέθανεν γάρ, οὔτε συγγενής, χήρα γάρ εἰμι. ὁ θεὸς Θέκλης τοῦ τέκνου μου, βοήθησον Θέκλι.
- 31.1** Καὶ πέμπει ὁ ἡγεμῶν στρατιώτας ἵνα ἀχθῆ Θέκλα. ἡ δὲ Τρύφαινα οὐκ ἀπέστη, ἀλλὰ αὐτὴ λαβομένη τῆς χειρὸς αὐτῆς ἀνήγαγεν λέγουσα Τὴν μὲν θυγατέρα μου Φαλκονίλλαν ἀπήγαγον εἰς τὸ μνημεῖον· σὲ δέ, Θέκλα, εἰς θηριομαχίαν ἀπάγω. καὶ
- 31.5** ἔκλαυσεν Θέκλα πικρῶς καὶ ἐστέναξεν πρὸς κύριον, λέγουσα Κύριε ὁ θεὸς ὃ ἐγὼ πιστεύω, ἐφ' ὃν ἐγὼ κατέφυγα, ὁ ῥυσάμενός με ἐκ πυρός, ἀπόδος μισθὸν Τρυφαίνῃ τῇ εἰς τὴν δούλην σου συμπαθησάσῃ, καὶ ὅτι με ἀγνὴν ἐτήρησεν.
- 32.1** Θόρυβος οὖν ἐγένετό τε καὶ πάταγος τῶν θηρίων καὶ βοῆ τοῦ δήμου καὶ τῶν γυναικῶν ὁμοῦ καθεσθεισῶν, τῶν μὲν λεγόντων Τὴν ἱερόσυλον εἰσάγαγε· τῶν δὲ λεγουσῶν Ἀρθήτω ἡ πόλις ἐπὶ τῇ ἀνομίᾳ ταύτῃ· αἶρε πάσας ἡμᾶς, ἀνθύπατε· πικρὸν
- 32.5** θέαμα, κακῆκρίσις.
- 33.1** Ἡ δὲ Θέκλα ἐκχειρὸς Ἰρυφαίνης ληφθεῖσα ἐξεδύθη καὶ ἔλαβεν διαζώστραν καὶ ἐβλήθη εἰς τὸ στάδιον. Καὶ λέοντες καὶ ἄρκοι ἐβλήθησαν ἐπ' αὐτήν. καὶ πικρὰ λέαινα προσδραμοῦσα εἰς τοὺς πόδας αὐτῆς ἀνεκλίθη· ὁ δὲ ὄχλος τῶν γυναικῶν
- 33.5** ἐβόησεν μέγα. Καὶ ἔδραμεν ἐπ' αὐτήν ἄρκος· ἡ δὲ λέαινα δραμοῦσα ὑπήντησεν καὶ διέρρηξεν τὴν ἄρκον. καὶ πάλιν λέων δεδιδαγμένος ἐπ' ἀνθρώπους ὃς ἦν Ἀλεξάνδρου ἔδραμεν ἐπ' αὐτήν· Καὶ ἡ λέαινα συμπλέξασα τῷ λέοντι συνανηρέθη. Μειζόνως δὲ ἐπένθησαν αἱ γυναῖκες, ἐπειδὴ καὶ ἡ βοηθὸς αὐτῇ λέαινα
- 33.10** ἀπέθανεν.

- 30.1** Quando amanheceu, Alexandre veio buscá-la, pois foi ele quem ofereceu a caçada, e disse: “O governador está assentado e a multidão protesta contra nós. Deixa-me levá-la para combater com as feras”. Trifena gritou tão alto que o afugentou, e disse: “Um segundo luto por minha
- 30.5** Falconília veio sobre minha casa, e não há ninguém para ajudar; nem minha filha, pois está morta, e nem um parente, porque sou viúva. Ó Deus da minha filha Tecla, socorra Tecla!”
- 31.1** O governador enviou soldados para que buscassem Tecla. Porém, Trifena não a abandonou, mas a pegou pelas mãos, e a levou dizendo: “Eu levei minha filha Falconília até o túmulo, mas você, Tecla, eu a levo para lutar com as feras!”
- 31.5** Tecla chorou amargamente e, com gemidos dirigidos ao Senhor, disse: “Ó Senhor, o Deus em quem eu confio, em quem me refugio e me libertou do fogo, recompense a Trifena, que teve compaixão da sua serva, e porque ela me manteve pura!”
- 32.1** Então, começou um tumulto, o rugido das feras e uma gritaria no meio do povo. Entre as mulheres que estavam sentadas, umas diziam: “Levem a profanadora!” Outras diziam: “Que a cidade se levante contra essa injustiça! Mate a todas nós, ó Proconsul! Cruel
- 32.5** espetáculo! Sentença má!”
- 33.1** Tecla, arrebatada das mãos de Trifena, foi despida, puseram uma cinta nela, e a jogaram na arena. Os leões e os ursos foram lançados contra ela e uma leoa selvagem correu em direção dela e deitou-se a seus pés. A multidão de mulheres,
- 33.5** por sua parte, gritava mais alto. Então, um urso a atacou, mas a leoa enfrentou o urso e o rasgou em pedaços. Novamente um leão, que foi treinado para enfrentar homens e que pertencia a Alexandre, pulou sobre Tecla, mas a leoa o enfrentou, morrendo junto com ele. Então, as mulheres choraram ainda mais, pois a leoa, sua protetora,
- 33.10** morreu.

- 34.1** Τότε εισβάλλουσιν πολλὰ θηρία, ἐστῶσης αὐτῆς καὶ ἐκτετακυίας τὰς χεῖρας καὶ προσευχομένης. ὡς δὲ ἐτέλεσεν τὴν προσευχὴν, ἐστράφη καὶ εἶδεν ὄρυγμα μέγα πλήρες ὕδατος, καὶ εἶπεν· Νῦν καιρὸς λούσασθαί με. καὶ ἔβαλεν ἑαυτὴν λέγουσα· Ἐν τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ Χριστοῦ ὑστέρα ἡμέρα βαπτίζομαι. Καὶ ἰδοῦσαι αἱ γυναῖκες καὶ πᾶς ὁ ὄχλος ἔκλαυσαν λέγοντες· Μὴ βάλῃς ἑαυτὴν εἰς τὸ ὕδωρ, ὥστε καὶ τὸν ἡγεμόνα δακρῦσαι, ὅτι τοιοῦτον κάλλος φῶκαι ἔμελλον ἐσθίειν. ἡ μὲν οὖν ἔβαλεν ἑαυτὴν εἰς τὸ ὕδωρ ἐν τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ Χριστοῦ· αἱ δὲ φῶκαι πυρὸς ἀστραπῆς φέγγος ἰδοῦσαι νεκραὶ ἐπέπλευσαν. καὶ ἦν περὶ αὐτὴν νεφέλη πυρός, ὥστε μήτε τὰ θηρία ἄπτεσθαι αὐτῆς, μήτε θεωρεῖσθαι αὐτὴν γυμνὴν.
- 35.1** Αἱ δὲ γυναῖκες ἄλλων θηρίων βαλλομένων φοβερωτέρων ὠλόλυξαν, καὶ αἱ μὲν ἔβαλλον φύλλον, αἱ δὲ νάρδον, αἱ δὲ κασίαν, αἱ δὲ ἄμωμον, ὡς εἶναι πλῆθος μύρων. πάντα δὲ τὰ βληθέντα θηρία ὥσπερ ὑπὸ κατασχεθέντα οὐχ ἤψαντο αὐτῆς· ὡς τὸν
- 35.5** Ἀλέξανδρον εἰπεῖν τῷ ἡγεμόνι Ταύρους ἔχω λίαν φοβερούς, ἐκεῖνοις προσδήσωμεν τὴν θηριομάχον. καὶ στυγνάσας ἐπέτρεψεν ὁ ἡγεμὼν λέγων Ποίει ὃ θέλεις. Καὶ ἔδησαν αὐτὴν ἐκ τῶν ποδῶν μέσον τῶν ταύρων, καὶ ὑπὸ τὰ ἀναγκαῖα αὐτῶν πεπωρωμένα σίδηρα ὑπέθηκαν, ἵνα πλείονα ταραχθέντες ἀποκτείνωσιν
- 35.10** αὐτήν. οἱ μὲν οὖν ἤλλοντο· ἡ δὲ περικαιομένη φλόξ διέκαυσεν τοὺς κάλους, καὶ ἦν ὡς οὐ δεδεμένη.
- 36.1** Ἡ δὲ Τρύφαινα ἐξέψυξεν ἐστῶσα παρὰ τὴν ἀρήναν ἐπὶ τοὺς ἄβακας, ὥστε τὰς θεραπαινίδας εἰπεῖν Ἀπέθανεν ἡ βασίλισσα Τρύφαινα. καὶ ἐπέσχευεν ὁ ἡγεμὼν, καὶ πᾶσα ἡ πόλις ἐπτύρη· καὶ ὁ Ἀλέξανδρος πεσὼν εἰς τοὺς πόδας τοῦ ἡγεμόνος εἶπεν·
- 36.5** Ἐλέησον καμὲ καὶ τὴν πόλιν, καὶ ἀπόλυσον τὴν θηριομάχον, μὴ καὶ ἡ πόλις συναπόληται. ταῦτα γὰρ ἐὰν ἀκούσῃ ὁ Καῖσαρ, τάχα ἀπολέσει σὺν ἡμῖν καὶ τὴν πόλιν, ὅτι ἡ συγγενὴς αὐτοῦ Τρύφαινα ἡ βασίλισσα ἀπέθανεν παρὰ τοὺς ἄβακας.

- 34.1** Então, eles soltaram muitas feras. Tecla ficou de pé, com as mãos erguidas, e orava. Quando terminou a oração, ela virou-se e viu um grande fosso cheio de água, e disse: “Chegou o tempo oportuno para eu me lavar!” Então, ela jogou-se ali, dizendo: “Em
- 34.5** nome de Jesus Cristo, eu me batizo no meu último dia.” Quando as mulheres viram isto, choraram, e com toda a multidão, disseram: “Não se lance na água!”. O governador também verteu-se em lágrimas, porque as focas devorariam tal formosura. Então, ela lançou-se
- 34.10** na água em nome de Jesus Cristo e as focas viram o resplendor de um raio de fogo e caíram mortas. Porém, ao redor de Tecla havia uma nuvem de fogo para que as feras não a tocassem e ninguém visse a sua nudez.
- 35.1** As mulheres, quando foram lançadas outras feras ainda mais terríveis, lamentavam. Algumas arremessavam pétalas, outras cássia, outras amomo, de forma que lá ficou cheio de perfume. Todas as feras que foram lançadas ali caíram no sono e não a tocaram. Então,
- 35.5** Alexandre disse ao governador: “Tenho alguns touros mais terríveis, permita-me prender a eles a condenada.” O governador, com semblante entristecido, disse: “Faça como quiser.” Eles a amarraram pelos pés entre os touros, e puseram ferros incandescentes nas genitais deles, para que ficassem mais furiosos, e a destruíssem. Os touros começaram a
- 35.10** pular. Então, as chamas queimaram as cordas, e Tecla se soltou como se nunca tivesse sido amarrada.
- 36.1** Trifena, que estava de pé na entrada da arena, desmaiou, de modo que suas servas disseram: “A rainha Trifena está morta!” O governador interrompeu o espetáculo, desapontando toda a cidade. Então, Alexandre caiu aos pés do
- 36.5** governador e disse: “Tenha misericórdia de mim e desta cidade e liberte essa mulher do combate com as feras. Pois se César ouvir falar dessas coisas, ele destruirá imediatamente a cidade e a todos nós, porque a Rainha Trifena, sua parente, está morta na entrada.”

- 37.1** Καὶ ἐκάλεσεν ὁ ἡγεμὼν τὴν Θέκλαν ἐκ μέσου τῶν θηρίων καὶ εἶπεν αὐτῇ Τίς εἶ σύ; καὶ τίνα τὰ περὶ σέ, ὅτι οὐδὲ ἐν τῶν θηρίων ἡψατό σου; ἡ δὲ εἶπεν Ἐγὼ μὲν εἰμι θεοῦ τοῦ ζῶντος δούλη· τὰ δὲ περὶ ἐμέ, εἰς ὃν εὐδόκησεν ὁ θεὸς υἱὸν
- 37.5** αὐτοῦ ἐπίστευσα· δι' ὃν οὐδὲ ἐν τῶν θηρίων ἡψατό μου. οὗτος γὰρ μόνος σωτηρίας ὄρος καὶ ζωῆς ἀθανάτου ὑπόστασις ἐστίν· χειμαζόμενοις γὰρ γίνεται καταφυγή, θλιβομένοις ἄνεσις, ἀπηλπισμένοις σκέπη, καὶ ἀπαξιαπλῶς ὅς ἐάν μὴ πιστεύσῃ εἰς αὐτόν, οὐ ζήσεται ἀλλὰ ἀποθανεῖται εἰς τοὺς αἰῶνας.
- 38.1** Καὶ ταῦτα ἀκούσας ὁ ἡγεμὼν ἐκέλευσεν ἐνεχθῆναι ἱμάτια καὶ εἶπεν· Ἔνδυσαι τὰ ἱμάτια. Ἡ δὲ εἶπεν Ὁ ἐνδύσας με γυμνὴν ἐν τοῖς θηρίοις, οὗτος ἐν ἡμέρᾳ κρίσεως ἐνδύσει με σωτηρίαν. Καὶ λαβοῦσα τὰ ἱμάτια ἐνεδύσατο. καὶ ἐξέπεμψεν εὐθέως ὁ ἡγεμὼν
- 38.5** ἄκτον λέγων Θέκλαν τὴν τοῦ θεοῦ δούλην τὴν θεοσεβῆ ἀπολύω ὑμῖν. Αἱ δὲ γυναῖκες πᾶσαι ἔκραξαν φωνῇ μεγάλη καὶ ὡς ἐξ ἐνὸς στόματος ἔδωκαν αἶνον τῷ θεῷ λέγουσαι Εἰς θεὸς ὁ Θέκλαν σώσας, ὥστε ἀπὸ τῆς φωνῆς σεισθῆναι πᾶσαν τὴν πόλιν,
- 39.1** καὶ τὴν Τρύφαιναν εὐαγγελισθεῖσαν ἀπαντῆσαι μετὰ ὄχλου καὶ περιπλακῆναι τῇ Θέκλῃ καὶ εἰπεῖν Νῦν πιστεύω ὅτι νεκροὶ ἐγείρονται· νῦν πιστεύω ὅτι τὸ τέκνον μου ζῆ· δεῦρο ἔσω, καὶ τὰ ἐμὰ πάντα σοὶ καταγράψω. ἡ μὲν οὖν Θέκλα
- 39.5** εἰσῆλθεν μετ' αὐτῆς καὶ ἀνεπαύσατο εἰς τὸν οἶκον αὐτῆς ἡμέρας ὀκτώ, κατηγήσατο αὐτὴν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ, ὥστε πιστεῦσαι καὶ τῶν παιδισκῶν τὰς πλείονας, καὶ μεγάλην εἶναι χαρὰν ἐν τῷ οἴκῳ.
- 40.1** Ἡ δὲ Θέκλα Παῦλον ἐπεπόθει καὶ ἐζήτησε αὐτὸν περιπέμπουσα πανταχοῦ· καὶ ἐμηνύθη αὐτῇ ἐν Μύροις εἶναι αὐτόν. καὶ λαβοῦσα νεανίσκους καὶ παιδίσκας, ἀναζωσαμένη καὶ ῥάψασα τὸν χιτῶνα εἰς ἐπενδύτην σχήματι ἀνδρικῷ ἀπῆλθεν ἐν Μύροις,

- 37.1** O governador chamou Tecla, do meio das feras, e disse-lhe: “Quem é você? O que há em você, pois nenhuma das feras lhe tocou?” Então, ela disse: “Eu sou uma serva do Deus Vivente. Quanto ao que há em meu redor, eu creio no Filho em quem Deus se agrada, por isso nenhuma das feras me tocou, pois somente Ele é o caminho da salvação e o fundamento da vida eterna. Aos que foram atingidos por tempestades, Ele tornou-se um refúgio; aos que sofrem perseguições, alívio; aos desesperados, abrigo. Em suma, quem não crer nele, não viverá para sempre.”
- 37.5** Quando o governador ouviu isto, mandou trazer umas roupas, e disse: “Coloque esta roupa.” Tecla disse: “Aquele que me vestiu quando estava nua entre as feras, me revestirá de salvação no dia do juízo.” E tendo recebido as vestes, vestiu-se. O governador emitiu, imediatamente, um edito, dizendo: “Tecla, a temente serva de Deus, eu a liberto para vocês.” E todas as mulheres gritaram bem alto e, em uníssono, deram louvor a Deus, dizendo: “Há apenas um Deus, o que salvou a Tecla!” E as bases da cidade se estremeceram com suas vozes.
- 38.1** E Trifena, após receber a boa notícia, reuniu-se com a multidão e abraçou Tecla, dizendo: “Agora creio que os mortos ressuscitam! Agora creio que a minha filha vive! Entre, e lhe darei por herança tudo o que tenho”. Elas, então, entraram juntas, e Tecla descansou na casa dela por oito dias, ensinando-lhe a palavra de Deus, de forma que a maior parte das criadas creram. E havia grande alegria na casa.
- 39.1** Tecla desejava a Paulo e o procurava enviando pessoas por toda a parte. Finalmente, lhe informaram que ele estava em Mira. Então, tomando uns moços e algumas moças, ela se cingiu, ajustando uma túnica a um manto de aparência masculina e foi para Mira,

- 40.5** καὶ εὗρεν Παῦλον λαλοῦντα τὸν λόγον τοῦ θεοῦ καὶ ἐπέστη αὐτῷ. ὁ δὲ ἐθαμβήθη βλέπων αὐτὴν καὶ τὸν ὄχλον τὸν μετ' αὐτῆς, λογισάμενος μή τις αὐτῇ πειρασμὸς πάρεστιν ἕτερος. ἢ δὲ συνιδούσα εἶπεν αὐτῷ Ἔλαβον τὸ λουτρόν, Παῦλε· ὁ γὰρ σοὶ συνεργήσας εἰς τὸ εὐαγγέλιον κάμοι συνήργησεν εἰς τὸ
- 40.10** λούσασθαι.
- 41.1** Καὶ λαβόμενος ὁ Παῦλος τῆς χειρὸς αὐτῆς ἀπήγαγεν αὐτὴν εἰς τὸν οἶκον Ἑρμείου καὶ πάντα ἀκούει παρ' αὐτῆς, ὥστε ἐπὶ πολὺ θαυμάσαι τὸν Παῦλον, καὶ τοὺς ἀκούοντας στηριχθῆναι καὶ προσεύξασθαι ὑπὲρ τῆς Τρυφαίνης, καὶ ἀναστᾶσα Θέκλα
- 41.5** εἶπεν τῷ Παύλῳ Πορεύομαι εἰς Ἰκόνιον. Ὁ δὲ Παῦλος εἶπεν Ὑπαγε καὶ δίδασκε τὸν λόγον τοῦ θεοῦ. ἢ μὲν οὖν Τρύφαινα πολὺν ἰματισμὸν καὶ χρυσὸν ἔπεμψεν αὐτῇ, ὥστε καταλιπεῖν τῷ Παύλῳ εἰς διακονίαν τῶν πτωχῶν.
- 42.1** Αὐτὴ δὲ ἀπῆλθεν εἰς Ἰκόνιον. καὶ εἰσέρχεται εἰς τὸν Ὀνησιφόρου οἶκον, καὶ ἔπεσεν εἰς τὸ ἔδαφος ὅπου Παῦλος καθεζόμενος ἐδίδασκεν τὰ λόγια τοῦ θεοῦ, καὶ ἔκλαιεν λέγουσα Ὁ θεὸς μου καὶ τοῦ οἴκου τούτου, ὅπου μοι τὸ φῶς ἔλαμψεν,
- 42.5** Χριστὲ Ἰησοῦ ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ, ὁ ἐμοὶ βοηθὸς ἐν φυλακῇ, βοηθὸς ἐπὶ ἡγεμόνων, βοηθὸς ἐν πυρί, βοηθὸς ἐν θηρίοις, αὐτὸς εἶ θεός, καὶ σοὶ ἡ δόξα εἰς τοὺς αἰῶνας, ἀμήν.
- 43.1** Καὶ εὗρεν τὸν Θάμυριν τεθνεῶτα, τὴν δὲ μητέρα ζῶσαν· καὶ προσκαλεσαμένη τὴν μητέρα αὐτῆς λέγει αὐτῇ· Θεοκλεία μητερ, δύνασαι πιστεῦσαι ὅτι ζῆ κύριος ἐν οὐρανοῖς; εἴτε γὰρ χρήματα ποθεῖς, δώσει σοὶ κύριος δι' ἐμοῦ· εἴτε τὸ τέκνον,
- 43.5** ἰδοῦ, παρέστηκά σοι. καὶ ταῦτα διαμαρτυραμένη ἀπῆλθεν εἰς Σελεύκειαν, καὶ πολλοὺς φωτίσασα τῷ λόγῳ τοῦ θεοῦ μετὰ καλοῦ ὕπνου ἐκοιμήθη.<sup>†</sup>



- 40.5** onde encontrou Paulo pregando a Palavra de Deus e caiu aos seus pés. Paulo ficou tremendamente surpreso ao vê-la junto com uma multidão, e pensou que ela estava prestes a enfrentar outra provação. Quando ela o viu, disse-lhe: “Eu recebi o batismo, Paulo. Pois o que colaborou contigo no Evangelho também tem colaborado comigo
- 40.10** no lavar!”
- 41.1** Paulo, tomando-a pela mão, a levou para casa de Hermes e ouviu tudo que ela tinha a dizer, de forma que Paulo muito se maravilhou, e todos os que a ouviram ficaram fortalecidos e oraram a favor de Trifena. Tecla, levantando-se,
- 41.5** disse a Paulo: “Vou para Icônio.” Paulo disse: “Vá e ensine a Palavra de Deus.” Trifena havia enviado por ela muitas roupas e ouro. Tecla deixou com Paulo muitas coisas para o serviço dos pobres.
- 42.1** Tecla foi para Icônio. Lá ela entrou na Casa de Onesíforo, e caiu ao chão onde Paulo, assentado, ensinava a palavra de Deus, e chorou dizendo: “Deus meu e desta casa, onde a luz brilhou em mim;
- 42.5** ó Cristo Jesus, o Filho de Deus, meu auxílio na prisão, meu auxílio diante do governador, meu auxílio no fogo, meu auxílio entre as feras. Tu és o próprio Deus e a Ti seja dada a glória para sempre! Amém.”
- 43.1** Ela encontrou Tamiro morto, mas sua mãe viva. Então, Tecla chamou sua mãe e disse: “Teoclia, minha mãe, você crê que o Senhor vive nos céus? Pois, se você desejar riquezas, o Senhor dar-lhes-á através de mim; ou se quiser sua filha,
- 43.5** aqui estou do seu lado.” Tendo dado testemunho, ela foi para Selêucida e, depois de iluminar a muitos pela palavra de Deus, dormiu um doce sono.<sup>T</sup>

## ANEXO: Variantes textuais presentes nos Manuscritos ABC e Códice G.

As variantes textuais abaixo, provavelmente dos séculos IV e V da E.C., desenvolveram-se no contexto da devoção à Santa Tecla, - celebrado no dia 24 de setembro -, e buscaram afirmar que não há correlação entre o Culto a Tecla e o Culto a Ártemis. Tecla é apresentada como uma cristã santa, eremita e que cura as pessoas o que lhe acarreta a oposição dos médicos de Selêucida.

Outra informação interessante tem a ver com o local em que Tecla está enterrada. Nos manuscritos ABC, Tecla vai à Roma para encontrar-se com Paulo. Lá ela descobre que Paulo está morto. Depois de ficar lá por pouco tempo, Tecla descansa “um glorioso sono”. Os seus seguidores a enterram uns dois a três estádios de distância do túmulo de Paulo. Já no Códice G, Tecla, após “iluminar a muitos com a Palavra de Deus”, aos noventa anos morre na montanha chamada Calamon ou Rodeon, em Selêucida.

<sup>T</sup> **44** Τινὲς δὲ τῆς πόλεως Ἑλληνες ὄντες τὴν θρησκείαν, ἰατροὶ δὲ τὴν τέχνην, ἀπέστειλαν πρὸς αὐτὴν ἄνδρας νεωτέρους σοβαροὺς ἐπὶ τὸ φθεῖραι αὐτήν· ἔλεγον γὰρ ὅτι τῇ Ἀρτέμιδι δουλεύει παρθένος οὖσα, καὶ ἐκ τούτου ἰσχύει πρὸς τὰς ἰάσεις. Προνοία δὲ θεοῦ εἰσηλθεν ἐν τῇ πέτρα ζῶσα, καὶ τὴν γῆν ὑπέβη. καὶ ἀπῆλθεν ἐν τῇ Ῥώμῃ θεάσασθαι τὸν Παῦλον, καὶ εὔρεν αὐτὸν κοιμηθέντα. Μείνασα δὲ ἐκεῖ χρόνον οὐ πολὺν, μετὰ καλοῦ ὕπνου ἐκοιμήθη· καὶ θάπτεται ὡς ἀπὸ δύο ἢ τριῶν σταδίων τοῦ μνήματος τοῦ διδασκάλου Παύλου. **45** Ἐβλήθη μὲν οὖν εἰς τὸ πῦρ χρόνων οὖσα ἑπτὰ καὶ δέκα, καὶ εἰς τοὺς θῆρας χρόνων ὀκτὼ καὶ δέκα, καὶ ἡ σκησεν ἐν τῷ σπηλαίῳ ὡς εἴρηται χρόνους ἑβδομήκοντα δύο, ὡς εἶναι τὰ πάντα ἔτη τῆς ζωῆς αὐτῆς ἐνενήκοντα. Πάμπολλα δὲ ἰάματα τελέσσασα ἀναπαύεται εἰς τὸν τόπον τῶν ἁγίων, κοιμηθεῖσα τῇ εἰκάδι τετάρτῃ τοῦ Σεπτεμβρίου μηνὸς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ τῷ κυρίῳ ἡμῶν, ᾧ ἡ δόξα καὶ τὸ κράτος εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων ἀμήν. ABC | **45** Καὶ νεφέλη φωτεινὴ ὠδήγει αὐτήν. καὶ εἰσελθοῦσα ἐν Σελευκίᾳ ἐξῆλθεν ἔξω τῆς πόλεως ἀπὸ ἐνὸς σταδίου· καὶ ἐκείνους δὲ ἐδεδοίκει, ὅτι τὰ εἰδῶλα ἐθεράπευον. καὶ ὁ δηγὸς γέγονεν αὐτῆς ἐν τῷ ὄρει τῷ λεγομένῳ Καλαμώνος ἧτοι Ῥοδεῶνος· καὶ εὐροῦσα ἐκεῖ σπήλαιον εἰσηλθεν αὐτῷ. καὶ ἦν ἐκεῖ ἐπὶ ἔτη ἰκανά, καὶ πολλοὺς καὶ χαλεποὺς πειρασμοὺς ὑπέστη ὑπὸ τοῦ διαβόλου, καὶ ὑπήνεγκεν γενναίως βοηθουμένη ὑπὸ τοῦ Χριστοῦ. Μαθοῦσαι δὲ τινες τῶν εὐγενίδων γυναικῶν περὶ τῆς παρθένου Θεκλῆς, ἀπήσαν πρὸς αὐτήν καὶ ἐμάνθανον τὰ λόγια τοῦ θεοῦ· καὶ πολλαὶ ἐξ αὐτῶν ἀπετάξαντο τῷ βίῳ καὶ συνήσκουν αὐτῇ. Καὶ φήμη ἀγαθὴ ἤχθη πανταχοῦ περὶ αὐτῆς, καὶ ἰάσεις ἐγίνοντο ὑπ’ αὐτῆς. Γνοῦσα οὖν πᾶσα ἡ πόλις καὶ ἡ

περίχωρος, ἔφερον τοὺς ἀρρώστους αὐτῶν ἐν τῷ ὄρει, καὶ πρηνὴ τῇ θύρᾳ προσεγγίσωσι, θάπτον ἀπῆλλάττοντο, οἷω δὴποτε κατείχοντο νοσήματι, καὶ τὰ πνεύματα τὰ ἀκάθαρτα κράζοντα ἐξήρχοντο· καὶ πάντες κατελάμβανον τὰ ἴδια αὐτῶν ὑγιῆ, δοξάζοντες τὸν θεὸν δόντα τοιαύτην χάριν τῇ παρθένῳ Θεέκλῃ. οἱ ἱατροὶ οὖν τῆς πόλεως Σελευκίῳ ἐξουδενώθησαν, τὴν ἐμπορείαν ἀπολέσαντες, καὶ οὐδεὶς λοιπὸν προσεῖχεν αὐτοῖς· καὶ φθόνου καὶ ζήλου πλησθέντες ἐμηχανοῦντο κατὰ τῆς τοῦ Χριστοῦ δούλης τὸ τί αὐτῇ ποιήσωσιν. Ὑποβάλλει οὖν αὐτοῖς ὁ διάβολος λογισμὸν πονηρὸν. καὶ μιᾷ τῶν ἡμερῶν συναχθέντες καὶ συνέδριον ποιήσαντες συμβουλευόνται πρὸς ἀλλήλους λέγοντες· Αὕτη ἡ παρθένος ἱερὰ τυγχάνει τῆς μεγάλης θεᾶς Ἀρτέμιδος· καὶ εἴ τι ἂν αἰτήσῃ αὐτήν, ἀκούει αὐτῆς ὡς παρθένου οὔσης, καὶ φιλοῦσιν αὐτήν πάντες οἱ θεοί. δεῦτε οὖν λάβωμεν ἄνδρας ἀτάκτους καὶ μεθύσωμεν αὐτοὺς οἶνον πολὺν καὶ δώσωμεν αὐτοῖς χρυσίον πολὺ καὶ εἴπωμεν αὐτοῖς· Εἰ δυνήθητε φθεῖραι καὶ μιᾶν αὐαυτήν, διδοῦμεν ὑμῖν καὶ ἄλλα χρήματα. Ἔλεγον οὖν πρὸς αὐτοὺς οἱ ἱατροὶ ὅτι· Ἐὰν ἰσχύσουσιν αὐτήν μιᾶναι, οὐκ ἀκούουσιν αὐτῆς οἱ θεοὶ οὔτε Ἄρτεμις ἐπὶ τῶν ἀσθενούντων. ἐποίησαν οὖν οὕτως. Καὶ ἀπελθόντες οἱ πονηροὶ ἄνδρες ἐπὶ τὸ ὄρος, καὶ ἐπιστάντες ὡς λέοντες τῷ σπηλαίῳ ἐπάταξαν τὴν θύραν· ἤνοιξεν δὲ ἡ ἀγία μάρτυς Θεέκλα, θαρροῦσα ᾧ ἐπίστευσεν θεῷ· προέγνω γὰρ τὸν δόλον αὐτῶν. καὶ λέγει πρὸς αὐτούς· Τί θέλετε, τέκνα; Οἰδὲ εἶπον· Τίς ἐστὶν ἐνταῦθα λεγομένη Θεέκλα; Ἡ δὲ εἶπεν· Τί αὐτήν θέλετε; Λέγουσιν αὐτῇ ἐκεῖνοι· Συγκαθευδῆσαι αὐτῇ θέλομεν. Λέγει αὐτοῖς ἡ μακαρία Θεέκλα· Ἐγὼ ταπεινὴ γραῦς εἰμί, δούλη δὲ τοῦ κυρίου μου Ἰησοῦ Χριστοῦ· καὶ κἂν τί ποτε δρᾶσαι θέλετε ἄτοπον εἰς ἐμέ, οὐ δύνασθε. Λέγουσιν αὐτῇ ἐκεῖνοι· Οὐκ ἐστὶν δυνατόν μὴ πρᾶξι εἰς σὲ ἃ θέλομεν. Καὶ ταῦτα εἰπόντες ἐκράτησαν αὐτήν ἰσχυρῶς, καὶ ἐβούλοντο καθυβρίσαι αὐτήν. Ἡ δὲ λέγει αὐτοῖς μετ'ἐπεικείας· Αναμείνατε, τέκνα, ἵνα ἴδητε τὴν δόξαν κυρίου. Καὶ κρατουμένη ὑπ'αὐτῶν ἀνέβλεψεν εἰς τὸν οὐρανὸν καὶ εἶπεν· Ὁ θεὸς ὁ φοβερὸς καὶ ἀνεῖκαστος καὶ ἔνδοξος τοῖς ὑπεναντίοις, ὁ ῥυσάμενός με ἐκ πυρός, ὁ μὴ παραδώσας με Θάμυρι, ὁ μὴ παραδώσας με Ἀλεξάνδρῳ, ὁ ῥυσάμενός με ἐκ θηρίων, ὁ δια σῶσας με ἐν τῷ βυθῷ, ὁ πανταχοῦ συνεργήσας μοι καὶ δοξάσας τὸ ὄνομά σου ἐν ἐμοί, καὶ τανῦν ῥῦσαι με ἐκ τῶν ἀνόμων ἀνθρώπων τούτων, καὶ μὴ ἐάσης με ἐνυβρίσαι τὴν παρθενίαν μου, ἣν διὰ τὸ ὄνομά σου ἐφύλαξα μέχρι τοῦ νῦν, ὅτι σὲ φιλῶ καὶ σὲ ποθῶ καὶ σοὶ προσκυνῶ τῷ πατρὶ καὶ τῷ υἱῷ καὶ τῷ πνεύματι ἀγίῳ εἰς τοὺς αἰῶνας, ἀμήν. Καὶ ἐγένετο φωνὴ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ λέγουσα Μὴ φοβηθῆς Θεέκλα, δούλη μου ἀληθινή, μετὰ σοῦ γὰρ εἰμί· ἀπόβλεψον καὶ ἴδε ὅπου ἠνέγκται ἔμπροσθέν σου, ἐκεῖ γὰρ οἶκος αἰώνιος ἔσται σοι, κάκεῖ τὴν ἐπίσκεψιν δέχη. Καὶ προσχοῦσα ἡ μακαρία Θεέκλα ἴδεν τὴν πέτραν ἀνεωχθεῖσαν ὅσον χωρεῖ ἄνθρωπον εἰς ἰέναι, καὶ κατὰ τὸ λεχθὲν αὐτῇ ἐποίησεν, καὶ ἀποφυγοῦσα γενναίως τοὺς ἀνόμους εἰσῆλθεν εἰς τὴν πέτραν· καὶ συνεκλείσθη εὐθὺς ἡ πέτρα, ὥστε μήτε ἀρμὸν φαίνεσθαι. ἐκεῖν οἰδὲ θεωροῦντες τὸ παράδοξον θαῦμα ὥσπερ ἐν ἐκστάσει ἐγίνοντο, καὶ οὐκ ἴσχυσαν ἐπισχεῖν τὴν τοῦ θεοῦ δούλην, ἀλλ' ἡ μόνον τοῦ μαφορίου αὐτῆς ἐπελάβοντο καὶ μέρος τι ἠδυνήθησαν ἀποσπᾶσαι· κάκεῖνο κατὰ συγχώρησιν θεοῦ πρὸς πίστιν τῶν ὁρώντων τὸν σεβασμιον τόπον, καὶ εἰς εὐλογίαν ταῖς μετὰ ταῦτα γενεαῖς, τοῖς πιστεύουσιν εἰς τὸν κύριον ἡμῶν Ἰησοῦν Χριστὸν ἐκ καρδίας καθαρᾶς. Ἔπαθεν οὖν ἡ τοῦ θεοῦ πρωτομάρτυς καὶ ἀπόστολος καὶ παρθένος Θεέκλα ἡ ἀπὸ τοῦ Ἰκονίου ἐτῶν δέκα ὀκτώ· μετὰ δὲ τῆς ὀδοιπορίας καὶ τῆς περιόδου καὶ τῆς ἀσκήσεως τῆς ἐν τῷ ὄρει ἔζησεν ἔτη ἄλλα ἐβδομήκοντα καὶ δύο· ὅτε δὲ προσελάβετο αὐτὴν ὁ κύριος, ἦν ἐτῶν ἐνενήκοντα, καὶ οὕτως ἡ τελείωσις αὐτῆς γίνεται. Γίνεται δὲ ἡ ὁσία μνήμη αὐτῆς μηνὶ Σεπτεμβρίῳ εἰκάδι τετάρτη, εἰς δόξαν τοῦ πατρὸς καὶ τοῦ υἱοῦ καὶ τοῦ ἀγίου πνεύματος νῦν καὶ ἀεὶ καὶ εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων, ἀμήν. - G

### 3 ANÁLISE DO DISCURSO DO TEXTO *ATOS DE PAULO E TECLA* OU COMO A LINGUAGEM, NESSA NOVELA ANTIGA CRISTÃ, CONSTRÓI A IMAGEM DO APOSTÓLO PAULO.

No primeiro capítulo desta dissertação, além de afirmarmos que o texto *Atos de Paulo e Tecla* partilha do gênero discursivo novela antiga e, portanto, deve ser considerado como tal, buscamos situá-lo no contexto da Segunda Sofística: movimento cultural, de recorte literário e artístico, que se inspirava no estilo e na forma cultural dos escritos clássicos da Grécia Antiga (o que ousamos identificar como aticismo).

Os escritores desse período, do segundo ao quarto séculos da Era Comum, classificavam os gêneros discursivos segundo os critérios da comunicação e, por isso, eles consideravam os textos como “um acontecimento entre o autor e o leitor”.<sup>39</sup> Enquanto “acontecimento”, os textos são classificados como simbulêuticos, epidícticos e dicânicos. Klaus Berger os distingue da forma seguinte:

- textos *simbulêuticos*: pretendem mover o ouvinte a agir ou omitir uma ação. O nome vem do grego *symboléuomai* = aconselhar. Frequentemente dirige-se à segunda pessoa. A forma mais simples é a admoestação; a mais complexa, a argumentação simbulêutica.
- textos *epidícticos*: tencionam impressionar o leitor, para fazê-lo sentir admiração ou repulsa; sua sensibilidade para valores é abordada na esfera pré-moral. Epidícticos são textos que pintam e representam coisas, pessoas ou acontecimentos. São descritivos, narrativos, copiam um quadro, criam uma imagem. O nome vem do grego *epidéiknymi* = indicar, apontar.
- textos *dicânicos*: a finalidade é levar o leitor, por argumentação ou sugestão, a uma decisão numa causa disputada. Trata-se do “sim” ou “não” num assunto polêmico; trata-se de divisão e decisão; daí a estrutura da argumentação na base do “não isto, mas aquilo”. Dicânico é um texto que tenta levar o leitor a tomar partido e decidir-se em favor de uma coisa ou contra ela, mas sem exortação. O nome vem do gr. *dikanikós* = o que faz parte de um processo.<sup>40</sup>

É importante que saibamos discernir essas categorias, pois o texto *Atos de Paulo e Tecla* recorre à epidíctica para afetar os seus leitores e, no

<sup>39</sup> BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 21.

<sup>40</sup> BERGER, 1998, p. 21.

intuito de reforçar o alcance do texto, ele adiciona a *ékphrasis* como recurso retórico. A *ékphrasis* é um dos aspectos retóricos presentes nos *progymnásmata*<sup>41</sup>. Era empregada como uma técnica de amplificação de tópicos narrativos, composição de etopeias (exposição descritiva dos costumes, caracteres, inclinações e demais paixões humanas) e exercícios de qualificação de causas deliberativas, judiciais e epidíticas.<sup>42</sup>

Mas... O que é a *ékphrasis*? O sentido literal da expressão *ékphrasis* é “exposição” ou “descrição”. Os oradores da Segunda Sofística, Aftônio, Élio Théon e Hermógenes de Tarso, apresentam em seus respectivos *Progymnásmata* conceituações quase similares, que nos ajudarão a entender e compreender o sentido que a antiguidade dava a esse recurso retórico, a *ékphrasis*.<sup>43</sup>

Para Aftônio, por exemplo, a *ékphrasis* é “o *lógos* descritivo que coloca sob a vista, com vividez, o que é explicitado”<sup>44</sup> (tradução nossa). Élio Théon, na mesma dimensão de Aftônio, afirma que a podemos conceituar como o “discurso periegético, pondo sob os olhos com *enargeia* (vividez), o que deve ser mostrado. Há *ékphrasis* de personagens, de fatos, de lugares e de épocas.”<sup>45</sup> (tradução nossa). Hermógenes, além de definir a *ékphrasis* como um discurso descritivo, vivaz, e que põe sob o olhar o que deve ser apresentado, reforça que a virtude dela é a de produzir a visão por meio da audição. Leiamos a seguir:

As virtudes da *ékphrasis* são, especificamente, a clareza e a vividez. É necessário que a expressão quase produza a visão por meio da audição. Os elementos da elocução devem, além disso, assemelhar-se aos fatos: se o fato é florido, também será o estilo;

<sup>41</sup> Os *progymnásmata* eram exercícios preparatórios de oratória escritos por oradores gregos entre os séculos I e IV da Era Comum.

<sup>42</sup> HANSEN, João Adolfo. *Categorias epidíticas da ekphrasis*. REVISTA USP, São Paulo, n.71, p. 85-105, setembro/novembro 2006, p. 71.

<sup>43</sup> Para tradução dos textos gregos de Aftônio, Élio Theón e Hermógenes de Tarso, uso o texto fixado por SPENGEL, Leonhard Von. *Rhetores graeci*. Ex recognitione. Lipsiae: Sumptibus et typis B. G. Teubneri, 1856 vol. 2).

<sup>44</sup> Cf. “Ἐκφρασίς ἐστι λόγος περιηγηματικὸς ὑπ’ ὄψιν ἐναργῶς τὸ δηλούμενον. In: SPENGEL, 1856, p. 46.

<sup>45</sup> Cf. “Ἐκφρασίς ἐστι λόγος περιηγηματικὸς ἐναργῶς ὑπ’ ὄψιν ἄγωντὸ δηλούμενον. γίγεται δὲ ἔκφρασις προσώπων τε καὶ πραγμάτων καὶ τόπων καὶ χρόνων. In: SPENGEL, 1856, p. 118.

se o fato é seco, também o estilo será de igual forma.<sup>46</sup> (tradução nossa)

Isso é o que faz Longo. Ele, no texto *Dáfnis e Cloé*, também chamado de *As pastorais* - romance escrito por volta do II e III século da Era Comum, explora essa capacidade da *ékphrasis* ao despertar no leitor, através da audição, o que realmente o narrador vê.

No próêmio da sua obra, Longo sugere, de forma mais enfática, que exploremos os enlaces possíveis entre *eikónes* (imagem) e *grámmata* (palavra) ao definir a *ékphrasis* como *antígraphai ten graphein*, traduzido por Jacyntho Lins Brandão como “contra-escrever a pintura”. Aqui destaco que no grego antigo o verbo *gráphō* significa “escrever” e “pintar”, tal como podemos ver na tradução do texto de Longo, a seguir:

Em Lesbos caçando, no bosque das Ninfas, um espetáculo vi, o mais belo de quantos vi: uma pintura de um quadro, uma história de amor. Belo também era o bosque, arborizado, florido, irrigado: uma fonte tudo alimentava, tanto as flores, quanto as árvores. Mas a pintura era mais encantadora, mostrando uma arte ímpar, um entrecho de amor. Assim muitos, mesmo dentre os estrangeiros, pela fama ali vinham, como suplicantes das Ninfas, como espectadores do quadro. Mulheres havia, nele, que davam à luz, e outras enrolavam em cueiros criancinhas abandonadas, gado que nutria, pastores que recolham, jovens que faziam juras, incursão de piratas, invasão de inimigos. Muitas outras coisas – e todas de amor – vendo eu e admirando-as, um desejo tomou-me de contra-escrever a pintura. E, tendo procurado um exegeta do quadro, quatro livros trabalhei, oferenda ao Amor e às Ninfas e a Pã, patrimônio encantador para todos os homens, o qual ao doente curará, ao triste consolará, ao que já amou fará recordar, ao que não amou instruirá. Pois jamais ninguém do amor fugiu ou fugirá, enquanto beleza houver e olhos para ver. E, a nós, o deus permita sermos sensatos ao escrever o acontecido a outros.<sup>47</sup>

Mais que uma *ékphrasis*, o próêmio de *Dáfnis e Cloé* sugere ao narrador (*diegetés*) a necessidade de narrar a história gravada na imagem para além da mera descrição - que se limita à esfera visual - conduzindo-se ao campo discursivo. Observemos que a imagem (*eikón*) torna-se elemento importante para a origem do romance de Longo. No entanto, e é bom que

<sup>46</sup>Cf. ἀρεται δὲ ἐκφράσεως μάλιστα μὲν σαφήνεια καὶ ἐνάργεια· δεῖ γὰρ τὴν ἐρμηνείαν διὰ τῆς ἀκοῆς σχεδὸν τὴν ὄψιν μηχανᾶσθαι. ἔτι μὲντοι συνεχομοιοῦσθαι τὰ τῆς φράσεως ὀφείλει τοῖς πράγμασιν· ἂν ἀνθηρὸν τὸ πρᾶγμα, ἔστω καὶ ἡ λέξις τοιαύτη, ἂν ἀύχμηρὸν τὸ πρᾶγμα, ἔστω καὶ ἡ λέξις παρακλησίαι. In: SPENGLER, 1856, p. 16-17.

<sup>47</sup> BRANDÃO, 2005, p. 118-119.



seja dito, não se trata de uma imagem qualquer, mas de uma imagem em que se lê uma história, uma narrativa.

Portanto, eis a razão de Hansen afirmar ser a *ekphrasis* uma “falsa fictio”, por narrar o que não é. Aqui ele está coerente com Luciano de Samósata para quem a narrativa ficcional não deve ser vista como contrário do “verdadeiro”, e sim como “uma narrativa sobre as narrativas verdadeiras”.<sup>48</sup>

E mais: por ser um discurso retórico epidíctico efrásico, ela se desenvolve nos *topoi* da memória partilhada como herdeira da arte mimética. Eis o motivo de Hansen nos alertar da necessidade premente de se ler a *ékphrasis* a partir da forma de agir do mundo antigo. Ele diz:

A *ekphrasis* é uma arte mimética e, para lê-la segundo o seu modo de operar antigo, devem-se considerar os modos retóricos prescritos para que o discurso mimetize em sua invenção e elocução os procedimentos miméticos considerados próprios da invenção e da elocução da pintura. Para isso, deve-se descartar a oposição romântica “forma/conteúdo”, que a instituição retórica não conhece, e observar os preceitos epidícticos da *ekphrasis*.<sup>49</sup>

Por isso, com o objetivo de percebermos como a imagem de Paulo é construída no texto *Atos de Paulo e Tecla*, enquanto discurso retórico epidíctico efrásico, dividiremos este capítulo em duas partes.

Na primeira, apresentaremos uma tentativa de moldar a descrição de Paulo, tomando como referência a *kalokagathía*, mais explorada nas chamadas Cartas Pastorais de Paulo. Na *kalokagathía*, a imagem do Apóstolo das Nações é construída a partir do ideal de virtude do cidadão da *pólis* greco-romana, fazendo uso da arte fisiognômica antiga, a adotada por alguns eruditos do século XX diante do incômodo da representação feia e cômica de Paulo buscando destacar seus alcances mas também limitações.

Na segunda parte, a partir dos conceitos bakhtinianos sobre o “grotesco” e a “carnavalização”, e em diálogo com a contribuição da pesquisa de Paul Zanker sobre a imagem na antiguidade, tentaremos abrir uma nova perspectiva para entendermos a motivação retórica do texto *Atos de Paulo e*

<sup>48</sup> HANSEN, 2006, p. 86. Para aprofundamento da ideia de ficção em Luciano de Samósata, recomendo o livro seguinte: BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A poética do hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

<sup>49</sup> HANSEN, 2006, p. 91.



*Tecla* para apresentar a imagem do Paulo como um homem feio, como se feio ele o fosse.

### 3.1 A descrição de Paulo e a referência com a cultura: o emprego da *kalokagathía* para construção de uma *ekfrásis* de Paulo, e uma resenha da literatura existente que interpreta a imagem de Paulo a partir da fisionomia antiga.

O mundo social em que se desenvolve a literatura cristã dos dois primeiros séculos é um mundo marcadamente influenciado pela cosmovisão grega sobre a *pólis*, palavra comumente traduzida como "cidade". Tradução infeliz, é bom que isto seja dito, pois não nos diz exatamente o sentido de *pólis*.

Então, o que os gregos antigos queriam dizer quando empregavam a palavra *pólis*? Para os gregos, segundo Wayne Meeks, uma cidade implicava em ser "um corpo de cidadãos formalmente catalogados, o *demos* (limitado ordinariamente aos varões livres e proprietários) e um conselho citadino (*boule*).<sup>50</sup> De forma concreta, a vida na cidade era sujeita a leis (*nomoi*) às quais todos os cidadãos deveriam se submeter; e, em caso de divergências, as disputas eram resolvidas através da retórica, a arte do discurso persuasivo. Outro fator importante é que, como integrantes da cidade, as pessoas deveriam viver a partir de um ideal de virtude que buscasse a promoção da *kosmopoliteía*. A esse ideal de virtude, como meio de busca da *pólis* ideal, os gregos chamaram de *kalokagathía*<sup>51</sup>, é o que nos diz a seguir Rudolf Bultmann:

A meta consiste na *pólis* ideal ou na *kosmopoliteía* [cosmopolitismo], ou, tendo em vista o indivíduo, na *kalokagathía* [virtude plena] ou na *dikaiosyne* [justiça]; e a situação ideal indicada com esses conceitos é descrita como um *kósmos*, ou seja, uma forma harmônica, estruturada ordenadamente como uma obra acabada da *téchne* [ofício manual], sendo a terminologia moral, na cultura grega, tomada basicamente da *téchne*. A partir disso, surge o conceito da *areté* [virtude] como a destreza no *ergátzesthai* [trabalhar, operar], por meio da qual, em cada caso, é produzido um *érgon* [obra]. [...] Por conseguinte, a cultura grega concebe a relação do ser humano

<sup>50</sup> MEEKS, Wayne A. *O mundo moral dos primeiros cristãos*. São Paulo: Paulus, 1996, p.16.

<sup>51</sup> A palavra grega *kalokagathia*, traduzida como ideal de virtude, é uma junção dos termos *kalós* (belo) *kai* (e) *agathós* (bom) que tornou-se um termo técnico para expressar as qualidades de um *kalokagathós*, homem bom e belo tanto física quanto moralmente.

com o ser humano, na medida em que esta encontra-se sob o dever, do ponto de vista da *paideia*, da formação e educação.<sup>52</sup>

A *kalokagathía*, como o ideal de virtude do cidadão da *pólis*, tornou-se tema na obra *Banquete*, a que foi escrita por Xenofonte. Nela, Xenofonte contrasta a imagem de Sócrates - um homem fisicamente feio porém belo, segundo o ideal de virtude – com as imagens de Nicerato e de Critóbulo, ambos retratados como personagens que expressam certa incapacidade de equilíbrio e de ponderação em decorrência da presença de *hybris* (ὑβρις, desmedida) em seu comportamento. Nicerato é apresentado como um exímio recitador de Homero. Exagerado, porém. Critóbulo, um homem de beleza física sem igual, mas que demonstra a *hybris* ao dizer que se contenta em ser “cego para tudo o mais, desde que pudesse ver somente Clínias”.<sup>53</sup> O amor exasperado por Clínias o cega.

Dessa forma, Xenofonte leva-nos a perceber que não pode ser reivindicado, enquanto valor fundamental para se ser um homem virtuoso na *pólis*, “ter educação de qualidade e possuir beleza física”<sup>54</sup>, pois tanto Nicerato quanto Critóbulo são indivíduos tomados por comportamento desmedido, demonstrando que, por menor que seja a quantidade de *hybris presente*, ela compromete a atividade de um cidadão em sua *pólis*.

O ideal de virtude da *kalokagathía* também foi transmitido através da arte, ao representar, por meio de pinturas e esculturas, corpos de homens belos e nus, harmônicos e perfeitos para retratar um herói, um líder político e o masculino ideal. Isso inspirou a fisiognomia.

A fisiognomia era uma “ciência” que compartilhava da compreensão de que podemos ler e perceber as virtudes de alguém, e de nós mesmos, a partir da análise de certas características do corpo humano. Há uma obra escrita sobre esse tema que foi atribuída a Aristóteles, mas os críticos literários desconfiam dessa autoria e por isso a classificam como um pseudo-

<sup>52</sup> BULTMANN, R. *Crer e compreender*. Ensaios selecionados. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 110.

<sup>53</sup> XENOFONTE. *Banquete*. Tradução de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008, p. 13-26.

<sup>54</sup> SOUSA, Luana Neres de. O ideal de *kalokagathia* em Xenofonte: uma análise dos excessos. In: *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 2, 2013, p. 243.

epígrafo. Nela temos informações sobre o método empregado pelos fisiognomistas. Assim, lemos:

Devemos então limitar os sinais de que trata a ciência fisiognômica, uma vez que nem todos são abordados por ela, e também os indivíduos dos quais ela extrai esses sinais; devemos então indicar pela ordem, em cada caso, os sinais mais reconhecíveis. A ciência fisiognômica, como está implícito no próprio nome, trata dos afetos naturais da disposição, e dos sinais adquiridos que são produzidos por qualquer mudança nos sinais estudados pelo fisiognomista. O que eles são será explicado mais tarde. No momento, apresentarei os tipos dos quais os sinais são extraídos, e este é o número completo. O fisiognomista extrai seus dados de movimentos, formas e cores, e de hábitos que transparecem na face, como do crescimento do cabelo, da maciez da pele, da voz, das condições da carne, de partes do corpo, e do caráter geral do corpo. De forma geral, este é o tipo de coisa que os fisiognomistas citam sobre todos aqueles tipos nos quais os sinais existem. Se esta lista fosse obscura ou não francamente indicativa, o que já foi dito seria suficiente. Mas o que foi dito, se dito com maior cuidado, na medida em que os sinais possam ser claramente obtidos daqueles que estudam a fisiognômica, apresentando os sinais, qual a natureza de cada um e fazer aquilo a que eles se referem, na medida em que eles não tenham sido explicados pelas minhas palavras anteriores.<sup>55</sup> (tradução nossa)

Os fisiognômicos acreditavam que a análise meticulosa do corpo humano ofereceria elementos que denunciavam as disposições internas e o caráter de uma pessoa, todos avaliados a partir da ecfrase kalokagáthica: o ideal de virtude cosmopolita.

Isso tudo nos leva a formular algumas perguntas, que pretendemos responder nos parágrafos posteriores, a saber: O texto *Atos de Paulo e Tecla* teria, conscientemente, descrito a imagem de Paulo a partir da fisiognomia antiga? Como a *kalokagathía* influenciou as Cartas Pastorais, pseudo-escritos cristãos da primeira metade do II século, na construção discursiva da imagem

<sup>55</sup> ἡ μὲν οὖν φυσιognωμονία ἐστὶ, καθάπερ καὶ τοῦνομα αὐτῆς λέγει, περὶ τὰ φυσικὰ παθήματα τῶν ἐν τῇ διανοίᾳ, καὶ τῶν ἐπικτητῶν ὅσα παραγινόμενα μεθίστησι τῶν σημείων τῶν φυσιognωμονουμένων. ὅποια δὲ ταῦτά ἐστιν, ὕστερον δηλωθήσεται. ἐξ ὧν δὲ γενῶν τὰ σημεία λαμβάνεται, νῦν ἐρῶ, καὶ ἔστιν ἅπαντα· ἐκ τε γὰρ τῶν κινήσεων φυσιognωμονοῦσι, καὶ ἐκ τῶν σχημάτων, καὶ ἐκ τῶν χρωμάτων, καὶ ἐκ τῶν ἡθῶν τῶν ἐπὶ τοῦ προσώπου ἐμφαινομένων, καὶ ἐκ τῶν τριχωμάτων, καὶ ἐκ τῆς λειότητος, καὶ ἐκ τῆς φωνῆς, καὶ ἐκ τῆς σαρκός, καὶ ἐκ τῶν μερῶν, καὶ ἐκ τοῦ τύπου ὅλου τοῦ σώματος. καθόλου μὲν οὖν τοιαῦτά ἐστιν ἃ λέγουσιν οἱ φυσιognώμονες περὶ ἄλλων τῶν γενῶν ἐν οἷς ἐστὶ τὰ σημεία. εἰ μὲν οὖν ἀσαφής ἢ μὴ εὐσημος ἦν ἡ τοιαύτη διέξοδος, ἀπέχρησεν ἂν τὰ εἰρημένα. νυνὶ δ' ἴσως βέλτιόν ἐστι καθ' ἕκαστον περὶ πάντων, ὅσα ἐπιφανῆ παρὰ τῶν φυσιognωμονουμένων, ἀκριβέστερον φράσαι, τὰ τε σημεία λέγοντα, οἷά τ' ἐστὶν ἕκαστα καὶ ἐπὶ τί ἀναφέρεται, ὅσα μὴ ἐν τοῖς προειρημένοις δεδήλωται. In: ARISTOTLES. *Minor works*. Cambridge: Harvard University Press, 1936, p. 90-91.

de Paulo? E se o texto *Atos de Paulo e Tecla* não se preocupou em descrever a imagem de Paulo a partir da arte fisiognômica e nem pela kalokagathía, há outra possibilidade de leitura da imagem do Paulo fisicamente feio?

Com o intuito de responder as perguntas acima formuladas, e abrir possibilidades para que surjam outras perguntas, subdividiremos a primeira parte em dois segmentos. No primeiro segmento, discutiremos a descrição de Paulo nas Cartas Pastorais, o que chamamos de *diégesis* de Tito; e no segundo segmento, apresentaremos as tentativas de interpretação da imagem de Paulo a partir da fisiognomia antiga.

### **3.1.1 A descrição de Paulo nas Cartas Pastorais: o discurso kalokagáthico ekrásico a partir da diégesis (narrativa) de Tito**

Os *Atos de Paulo e Tecla* nos informam que Onesíforo, sua esposa Lectra e seus filhos Símia e Zenon, souberam que Paulo chegaria a Icônio, e por isso sentiram o desejo de sair ao encontro dele para recepcioná-lo. No entanto, havia um problema. É que eles ainda não conheciam Paulo fisicamente. Diz o texto:

*Onesíforo caminhou ao longo da Estrada Real para Listra e ficou aguardando-o ansiosamente. Ele observava os que iam chegando conforme a descrição de Tito. Então, ele viu Paulo vindo: um homem de estatura baixa, careca, de pernas arqueadas, saudável, de sobranceiras unidas, um pouco narigudo, cheio de encanto. De fato, ora parecia um homem, ora parecia um anjo.*

Então, o texto nos surpreende com um dado interessante, ao afirmar que é Tito quem narra a Onesíforo (διηγῆσατο γὰρ αὐτῷ Τίτος) as características físicas de Paulo. Para a nossa pesquisa, esse destaque não é apresentado de forma ingênua no texto, e por isso não podemos permitir que passe por nós despercebidamente. Na retórica grega antiga, segundo Sophie Trenker<sup>56</sup>, a *diégesis*, conjugado no texto na forma pretérita de *diegéomai* (narrar), é mais que a mera narração de um caso, a narrativa, pois descreve o

<sup>56</sup>TRENKER, Sophie. Diégēsis in public speeches. In: *The greek novella in the classical period*. New York: Cambridge University Press, 1958, p. 154-162.

método de pormenorizar o discurso, enxertando nele algo cômico, para convencer os ouvintes de certa verdade (recurso de persuasão).

Portanto, partimos da ideia de que o texto *Atos de Paulo e Tecla*, ao destacar comicamente a imagem de Paulo e ao informar que essa imagem é um construto de Tito, busca colocar em evidência o esforço discursivo das Cartas Pastorais na tentativa de apresentar o apóstolo Paulo a partir do ideal de virtude do homem da *pólis* greco-romana.<sup>57</sup>

Mas em quê a *diégesis* de Tito se contrasta com a percepção de Tecla sobre Paulo? Qual era a imagem de Paulo descrita por Tito, presente e assumida pelo paulinismo posterior no II século da Era Comum?

Para responder as perguntas acima e entender o conteúdo da *diégesis* de Tito, recorreremos a afirmações de Tertuliano<sup>58</sup> (escrita no livro *O Batismo*, especificamente no capítulo XVII) sobre a quem compete ministrar o Sacramento do Batismo. Tais afirmações trazem à tona os conflitos eclesiásticos e as disputas sobre a interpretação que se faz de Paulo. Outro dado importante é que Tertuliano situa geograficamente a região em que o texto foi elaborado e o conflito com alguns grupos dissidentes compostos por “mulheres petulantes” que fundamentam a sua ação a partir de Tecla. Ele diz:

Mas que a petulância da mulher, que já usurpou o direito de ensinar, não se arrogue também o direito de batizar. Não! A menos que surgissem algumas novas bestas semelhantes à antiga. Aquela pretendia suprimir o batismo; uma outra quer administrá-lo ela mesma. E se essas mulheres invocam os escritos que erroneamente levam o nome de Paulo e citam o exemplo de Tecla para defender o direito de ensinar e batizar, saibam que foi um presbítero da Ásia que elaborou este escrito, como que cobrindo sua própria autoridade com a de Paulo. Depois de reconhecida a fraude etendo ele confessado que agiu por amor a Paulo, foi deposto. De fato, como seria fidedigno que o apóstolo desse à mulher o poder de ensinar e batizar, ele que só com restrição permitiu às esposas que se instruissem? Disse: devem silenciar e perguntar a seus maridos em casa.<sup>59</sup>

<sup>57</sup>Denis MacDonald escreveu um bom texto sobre a relação conflituosa da interpretação de Paulo entre os Atos de Paulo e Tecla e as Cartas Pastorais. Recomendo a leitura dessa obra. Só não concordo com a tese de que as Cartas Pastorais são escritos da “Grande Igreja” ou dos Bispos, por entender que MacDonald transpõe ao segundo século a realidade de uma Igreja do século IV. Referência: MACDONALD, Dennis Ronald. *The legend and the apostle: the battle for Paul in story and Canon*. Philadelphia: The Westminster Press, 1983.

<sup>58</sup>TERTULIANO. *O sacramento do batismo*. Teologia pastoral do batismo segundo Tertuliano. Petrópolis: Vozes, 1981.

<sup>59</sup>TERTULIANO, 1981, p. 64.

Tertuliano, além de destacar alguns movimentos de mulheres cristãs, mais com o intuito de desacreditá-los do que informar algo relevante sobre eles, afirma que tais grupos usavam o texto *Atos de Paulo e Tecla* como um escrito que testemunhava certa tradição paulina que reconhecia o direito da mulher em ministrar o batismo. Ele ainda ressalta que esse texto foi “elaborado” por um presbítero da Ásia que, “por amor a Paulo”, cobriu sua própria autoridade com a do Apóstolo das Nações e, por assim se comportar, foi deposto.

O texto de Tertuliano não deixa clara a razão exata da deposição do presbítero. Por exemplo, para Bart Ehrman, o presbítero foi deposto por ter cometido falsidade ideológica ao tentar passar-se por Paulo como autor do texto que narra a história de Tecla. Estaríamos, portanto, diante de uma “falsificação descoberta”.<sup>60</sup>

Todavia, diferentemente da conclusão de Ehrman, Jeremy Barrier<sup>61</sup>, após extensa pesquisa do emprego técnico do verbo latino *construxit* - no texto acima, traduzido como “elaborou” - entende que não podemos identificar o presbítero deposto como autor do texto *Atos de Paulo e Tecla*, mas como compilador/redator da obra. Desfeita a tese de Ehrman, Barrier afirma que o que incomoda demasiadamente a Tertuliano é o papel que essas “mulheres petulantes” reivindicam na vida das comunidades cristãs em Cartago, lugar onde Tertuliano se situa.

Portanto, o presbítero foi deposto não por ter sido descoberta a falsidade autoral do texto. Sua deposição se deu por compartilhar de uma leitura paulina divergente daquela adotada pelas Cartas Pastorais (Tito e 1, 2 Timóteo) e pelo grupo que se sentia representado por elas. Então, qual é a *ekfrasis* epidíctica de Paulo presente nessas epístolas? Seria essa a *diégesis* de Tito?

<sup>60</sup>EHRMAN, Bart. *Evangelhos perdidos*. A batalha pela Escritura e os cristianismos que não chegamos a conhecer. Rio de Janeiro: Record, 2008.

<sup>61</sup>BARRIER, Jeremy W. *Tertulian and the Acts of Thecla or Paul? Readership of the ancient Christian novel and the invocation of Thecline and Pauline authority*. Apresentado em 20 de Novembro de 2006, na seção “Christian Apocrypha”, no Annual Meeting of the SBL in Washington, D. C., 2006.



A *diégesis* de Tito se desenvolve na mesma região de origem do presbítero deposto, a Ásia. A Ásia era um “mundo plural e sincrético”<sup>62</sup>, com vários cristianismos originários interagindo e em disputa, e de perfil religioso sincrético. Dentre os diversos cristianismos, temos aqueles de tradição paulina, sobressaindo o paulinismo das Cartas Pastorais: Tito e as duas Cartas a Timóteo.

Para Koester<sup>63</sup>, as Cartas Pastorais foram escritas durante a primeira metade do século II. Por isso, podemos afirmar que elas são contemporâneas ao texto *Atos de Paulo e Tecla*, que foi compilado por volta do ano 165. Tal como a Carta a Filêmon, Àpia e Árquipo, as Cartas Pastorais também são dirigidas a pessoas como indivíduos. O que as diferencia da Carta a Filêmon, Apía e Árquipo é que Timóteo e Tito não são retratados como meros indivíduos, mas como lideranças das comunidades. É o que destaca Koester, conforme atesta a citação a seguir:

Enquanto a carta de Paulo a Filêmon trata de um assunto particular, a manumissão de Onésimo, as cartas a Timóteo e Tito lhes são endereçadas não como indivíduos, mas como líderes da igreja, responsáveis pela organização e supervisão da vida de comunidades cristãs. São documentos oficiais relacionados com a estruturação das igrejas, adequadamente introduzidos por apresentações do remetente como, por exemplo, “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, por ordem de Deus, nosso Salvador, e de Jesus Cristo, nossa esperança” (1 Tim 1,1).<sup>64</sup>

As Cartas Pastorais nos mostram a substituição da figura do Paulo Mártir, presente nas “cartas da prisão”, pela imagem do Paulo Mestre, preocupado em transmitir uma tradição (em grego παράδοσις) a Timóteo e a Tito, pois tem como certo que eles preservarão a sua herança (παραθήκη, parathékē). Por isso, as Cartas Pastorais utilizam-se do gênero discursivo

<sup>62</sup> Para compreendermos os cristianismos originários da Ásia Menor como herdeiros de um mundo plural e sincrético, recomendo a leitura de dois textos que me servem como fontes imprescindíveis, a saber: OSTER JR, R. E., Christianity in Asia Minor. In: *Anchor Bible Dictionary*. New York, Doubleday, 1992, v.1, p. 941; NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Cristianismos na Ásia Menor. O mundo plural deixado por Paulo em Éfeso. In: *Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 129-165.

<sup>63</sup> KOESTER, Helmut. A organização da Igreja em nome de Paulo: As Epístolas Pastorais. In: *Introdução ao Novo Testamento*. Volume 2: História e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005, p. 317-325.

<sup>64</sup>KOESTER, 2005, p. 317.



testamento.<sup>65</sup> Ao empregar esse gênero, os autores das Cartas Pastorais não somente se apresentam como herdeiros de uma tradição, mas também se empoderam e, portanto, se autoproclamam como representantes legítimos do seu Mestre. Koester afirma que:

Com a escolha desse gênero literário que fora desenvolvido no judaísmo e que também determinou o gênero de 2 Pedro, foi tomada uma decisão prévia que dá a esse tipo de defesa de Paulo seu caráter especial. Quem fala em seu testamento não precisa mais ser defendido, porque já é um dos “antigos” – nesse testamento um mártir reverenciado – cuja autoridade está além de qualquer questão. O testamento permite uma recapitulação do passado, interpretado e sintetizado da perspectiva do presente, e assim se torna um sinalizador do futuro. O testamento também inclui orientações de conduta no presente como parte natural do gênero, e não obriga o autor a definir e a atacar oponentes sistematicamente, mas autoriza exortações gerais com relação a adversários presentes e futuros reais, mas ainda não especificados.<sup>66</sup>

Como herdeiros, os líderes da comunidade de fé precisam agir e viver a partir do ideal de virtude dos antigos gregos, a *kalokagathia*. Como vimos, o apelo ao *ethos* ou ao caráter do orador era de importância capital no contexto greco-romano, pois constituía o meio de prova mais eficaz para afirmação da sua honra. Assim, para que a persuasão fosse satisfatória, o auditório tinha que considerar o orador como sensato e honorável. A mesma compreensão encontramos em Tito 2,11-12, que diz:

<sup>11</sup> Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos as pessoas, <sup>12</sup> instruindo-nos para que, renegadas a impiedade (*ἀσέβειαν*) e as paixões mundanas (*τὰς κοσμικὰς ἐπιθυμίας*), vivamos, no presente século, sensata (*σωφρόνῳ*), justa (*δικαίως*) e piedosamente (*εὐσεβῶς*), <sup>13</sup> aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, <sup>14</sup> o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras.

Em outro texto, a Carta de Tito, no capítulo 2 versos 1-10, após fazer duras críticas a certo grupo que parece ter uma ética mais liberal que a adotada por ele (Tt 1,10-16), aprofunda o processo de assimilação da virtude, ao correlacionar o “ensino da sã doutrina” ao ideal de cidadão da *pólis* greco-

<sup>65</sup> Para quem deseja se aprofundar no gênero testamento recomendamos a leitura de BERGER, 1998, p. 71-76.

<sup>66</sup> KOESTER, 2005, p. 320.

romana. Destacaremos somente, do capítulo 2 da carta de Tito, os versos 3-5, que descrevem os deveres das “anciãs” e o conteúdo do ensino que elas, como mestras do bem (καλοδιδασκάλους), devem ministrar às jovens recém-casadas que partilham da vida na comunidade de fé. As virtudes que as mulheres recém-casadas precisam desenvolver levam em consideração a “sujeição” delas à família patriarcal. Leiamos, abaixo, o texto de Tito 2,3-5. Os destaques entre parentes foram postos para que visualizemos melhor os termos gregos empregados:

<sup>3</sup> Quanto às anciãs (πρεσβύτιδας), semelhantemente, que tenham comportamento digno de reverência (ιεροπρεπεῖς), não caluniadoras, não escravizadas a muito vinho; sejam mestras do bem (καλοδιδασκάλους), <sup>4</sup> a fim de instruírem (σωφρονίζωσιν) as jovens recém-casadas a amarem ao marido e a seus filhos (φιλόανδρους εἶναι, φιλοτέκνους), <sup>5</sup> a serem sensatas (σώφρονας), honestas (ἀγνάς), donas de casa (οἰκουροῦς), bondosas (ἀγαθάς), sujeitas ao marido (ὑποτασσομένας τοῖς ἰδίοις ἀνδράσιν), para que a palavra de Deus não seja difamada.

Portanto, a *diégesis* de Tito nos retrata um Paulo favorável às regras de comportamento decente para mulheres na sociedade greco-romana, limitando a sua ação ao espaço da casa. Isso explica o motivo de Tertuliano citar as Cartas Pastorais como textos autoritativos que fundamentam sua crítica ao grupo de mulheres petulantes. Transparece-nos também que a intenção do autor da Carta de Tito, e concomitantemente o das duas cartas a Timóteo, é a de “pleitear seu lugar legítimo na sociedade [greco-romana]”<sup>67</sup>, construindo sua identidade e negociando sua pertença no Império Romano. Na linguagem do professor Paulo Nogueira, “os cristãos pós-paulinos representados pelas pastorais [...] [eram] uma minoria frágil na sociedade e, como tal, se articulavam em busca de sobrevivência.”<sup>68</sup>

É claro que a proposta das Cartas Pastorais, de adequação à sociedade greco-romana, e a *ekfrasis* de Paulo construída pela *diégesis* de Tito não encontraram unanimidade junto aos outros movimentos que se achavam herdeiros ou participantes de uma tradição do apóstolo Paulo.

<sup>67</sup> KOESTER, 2005, p. 324.

<sup>68</sup> NOGUEIRA, 2003, p. 152.

Dentre esses movimentos, temos o cristianismo de Tecla: uma mulher que, afectada de amor por Paulo, rompe com Tamiro seu noivo e, dessa forma, coloca em xeque a cidade de Icônio, a ponto de Teoclía, sua mãe, pedir que a condenem à morte para que outras mulheres se sintam intimidadas e não sigam o exemplo dela. Qual foi o exemplo de Tecla? Romper com a sociedade patriarcal. Concluimos, então, que é possível afirmar que a *diegesis* da imagem de Paulo construída por Tito é alvo de crítica e controvérsia no escrito *Atos de Paulo e Tecla*.

### **3.1.2 Resenha da literatura existente e a interpretação da imagem de Paulo a partir da fisionomia antiga**

A imagem de Paulo, aquela que é descrita no texto *Atos de Paulo e Tecla*, influenciou fortemente a iconografia cristã, que a acolheu como um relato fidedigno - uma foto exata - de como seria a aparência física dele. Isso podemos conferir no afresco encontrado na Gruta de São Paulo, em Éfeso, que reproduzimos a seguir:



Figura 2: Destaque do afresco de Paulo na Gruta de São Paulo em Éfeso.

No entanto, no século XX da Era Comum, alguns estudiosos desconfiaram dessa tradição iconográfica e, incomodados com a “feiura” de Paulo, buscaram paralelos na forma fisionomia antiga, a fim de apresentar uma interpretação mais coerente da descrição de Paulo no contexto do mundo mediterrâneo antigo.

Todavia, por ser aberta a múltiplas interpretações, a fisionomia demonstrou ser uma “ciência” não tão exata como eles pretendiam. Com o

intuito de ir além da descrição de um Paulo aparentemente feio, Robert Grant, Abraham Malherbe e, mais recentemente, Bruce Malina e Jerome Neyrey oferecem interpretações que buscam destacar a figura de Paulo como o modelo ideal de virtude aceitável para um homem da *pólis* greco-romana.

Robert Grant foi o primeiro a produzir um ensaio sobre a descrição de Paulo.<sup>69</sup> Ele argumenta que a figura de Paulo deve ser lida à luz da descrição do “general ideal”, fundamentando sua interpretação no poeta grego Arquíloco de Paros. O poeta de Paros disserta que prefere ter como imagem do “general ideal” um homem de “pequena estatura, cambota, firme em seus pés e pleno de coração” a um homem musculoso, que se gabe das suas conquistas e do seu penteado ou corte do cabelo. Após fazer um paralelismo entre Paulo e a imagem do “general ideal”, Grant conclui que não é intenção dos *Atos de Paulo e Tecla* dizer que Paulo era feio, e sim mostrá-lo como “um homem nobre e corajoso”.

Já Abraham Malherbe, embora tenha elaborado sua pesquisa a partir da contribuição de Grant, argumenta que, para chegarmos à compreensão exata da imagem de Paulo, é necessário que a comparemos com a imagem de Augusto na descrição que dele faz Suetônio: “um homem de estatura baixa, com nariz adunco e sobrancelhas unidas”, ou então a partir da descrição que Filóstrato faz de Hércules (o semideus Hermes para os romanos), retratado como um herói dotado de força e coragem, que tem “pernas arqueadas”. Isto posto, Malherbe conclui que Paulo não pode ser visto como o “general ideal” de Grant. Ele deve ser visto como o “paradigma do herói”.

A pesquisa mais recente sobre a imagética de Paulo no texto *Atos de Paulo e Tecla* é a obra de Bruce Malina e Jerome Neyrey, *Portraits of Paul: an archeology of ancient personality*. Nela, diferentemente de Grant e Malherbe, Malina e Neyrey apresentam uma interpretação sucinta de cada uma das características físicas de Paulo presentes no texto *Atos de Paulo e Tecla*. Para isso, eles empregam vasta fonte bibliográfica retirada de antigos manuais de fisiognomia, e concluem que a imagem de Paulo não pode ser interpretada como a descrição de um “general ideal” (Grant), nem apreendida

---

<sup>69</sup> GRANT, Robert. The description of Paul in the Acts of Paul and Thecla. In: *Vigiliae Christianae* 36 (1982), p. 1-4.

a partir do “paradigma de herói” (Malherbe). Para eles, Paulo é apresentado como o “ideal de masculino” a ser seguido. Destaco, a seguir, a interpretação que eles fazem de Paulo:

Que tipo de pessoa é Paulo, então? Ele é claramente uma figura masculina ideal. A composição de suas várias características físicas sugerem certo tipo de pessoa. Seus olhos benevolentes são fixados na bondade; sua voz, com um tom coloquial, evoca sinceridade, bondade e verdade. Sua estatura, ainda que baixa, é a de uma pessoa ativa que realiza muito; ele tem humor “equilibrado”, um sinal de excelência. Sua cabeça raspada denota devoção a Deus. Suas pernas arqueadas, embora ideais para uma figura militar, sugerem uma pessoa destemida que não se rende. O corpo de Paulo tem boa forma e é saudável, o que pode sugerir uma posição relativamente alta, associada ao treinamento em ginástica. Suas sobrancelhas cerradas sugerem masculinidade e beleza; seu nariz meio longo, virtuosidade e beleza; Ser cheio de graça indica uma pessoa bem dotada e adequada para um papel público. Suas características físicas indicam, então, o tipo de pessoa que ele é: masculino, corajoso, piedoso, virtuoso, honesto, benevolente, mas acima de tudo feito para a vida pública.<sup>70</sup> (tradução nossa)

Podemos constatar que as propostas de interpretação da *ekfrásis* paulina de Grant, Malherbe, Malina e Neyrey têm em comum duas coisas. A primeira é que elas são nitidamente reações ao incômodo que a imagem do Paulo feio gera neles. Por isso, eles se esforçam em buscar na fisionomia antiga modelos de personagens proeminentes com o objetivo de tornar a imagem de Paulo mais atrativa e ofuscar uma possível leitura cômica dele. A segunda: eles submetem a imagem de Paulo à *kalokagathia* com o objetivo de apresentá-lo como aquele em quem incide o ideal do cidadão da *pólis* greco-romana: general (líder), herói e masculino.

Há ainda duas outras interpretações, divergentes das anteriores, que propõem novas perspectivas para a compreensão da imagem de Paulo

<sup>70</sup> “What kind of person is Paul, then? He is clearly an ideal male figure. The composite of his various physical features suggests a certain kind of person. His benevolent eyes are fixed on goodness; his voice, with a conversational tone, evokes sincerity, kindness and truthfulness. His stature, although short, is that of an active person who accomplishes much; he has “balanced” humors, a sign of excellence. His shaved head denotes piety to God. His crooked legs, although ideal for a military figure, suggest a fearless person who stands his ground. Paul’s body is in good shape and healthy, which may suggest a relatively high status associated with gymnastic training. His meeting eyebrows suggest manliness and beauty; his longish nose, virtuousness and handsomeness. Being full of grace indicates a favored person suitable for a public role. His physical features, then, indicate the kind of person he is: masculine, fearless, pious, virtuous, truthful, benevolent, but above all, fit for public life.” In: MALINA, Bruce e Neyrey, Jerome. *Portraits of Paul: An archeology of ancient personality*. Louisville: Westminster John Knox, 1996, p. 148.

retratada no texto *Atos de Paulo e Tecla*. Elas aparecem em János Bollók e Jan Bremmer.

Após criticar como enganosas as interpretações anteriores sobre a aparência física de Paulo, por suas conclusões fundamentadas nos manuais de fisiognomia, János Bollók<sup>71</sup> levanta a hipótese de que o autor do texto *Atos de Paulo e Tecla*, apoiando-se nas características da personalidade de Paulo encontradas na Segunda Carta aos Coríntios, fez uma leitura a partir da fisiognomia antiga. Para justificar sua hipótese, ele apresenta as equivalências seguintes:

[...] 1) A debilidade corporal de Paulo (ἀσθενής), narrada em 2Cor.10,10; 11,29-30; 12,5 e 9-10, corresponde ao “homem de baixa estatura, calvo” (ἄνδρα μικρὸν τῷ μεγέθει, ψιλὸν τῇ κεφαλῇ); 2) Sua astúcia (πανουργός), presente em 2Cor.12,16, equivaleria à descrição “nariz alargado” (ἐπίρρινον); 3) A referência de que eles (os apóstolos) vivem conforme a carne (κατὰ σάρκα περιπατῶν), em 2Cor. 10,2, se manifesta através das pernas arqueadas do apóstolo (ἀγκύλον τὰς κνήμιας), - ainda, este aspecto poderia se referir à crença popular de que Paulo andava a cavalo quando lhe apareceu a “luz divina” no caminho de Damasco narrado em Atos dos Apóstolos; 4) A sua insensatez (ἄφρων), presente em 2Cor.12, 11, refere-se ao seu aspecto saudável (εὐεκτικόν); 5) A sua timidez (ταπεινός), narrada em 2Cor. 10, 1, pode, também, se relacionar às suas pernas cambotas; e, 6) Finalmente, sua falta de compaixão (οὐ φείσομαι), em 2Cor. 13,2, se manifesta de maneira corpórea em suas sobrancelhas peculiares (σύνοφρυον).<sup>72</sup>

Como vimos, a abordagem de Bollók diverge das anteriores em dois aspectos: o primeiro aspecto é que ele não busca sublimar o apóstolo como modelo de cidadão da *pólis*: general (líder), herói e masculino. O segundo aspecto revela o peso insignificante que ele dá à fisiognomia, ao considerá-la como mero material de apoio usado pelo autor dos *Atos de Paulo e Tecla* com o propósito de destacar a “fragilidade” de Paulo. No entanto, o próprio Bollók deixa escapar para nós a confusão de sua abordagem, como por exemplo quando aponta as várias possibilidades de leitura das “pernas arqueadas” de Paulo: A referência é à vida conforme a carne, à crença popular de que Paulo andava a cavalo, ou à timidez do Apóstolo?

<sup>71</sup> BOLLÓK, János. The description of Paul in the Acta Pauli. In: *The Apocryphal Acts of Paul and Thecla*. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles 2, Kampen: Kok Pharos, 1996, p. 1-15.

<sup>72</sup> BOLLÓK, 1996, p. 14-15.



No entanto, Jan Bremmer<sup>73</sup>, de forma simples e direta, não busca fazer malabarismos. Ele afirma que, ao representar o apóstolo como um homem feio, semelhantemente à descrição do filósofo Sócrates feita por Xenofonte, o texto *Atos de Paulo e Tecla* tem como intenção destacar que Tecla, a protagonista desse texto, se apaixonou por Paulo não por causa da sua beleza física, mas por causa do seu ensino e estilo de vida ascético. Bremmer não apela à fisionomia como suporte, nem como referencial para se ler Paulo. Não. Nem tenta ele trazer à tona algum texto do Novo Testamento que possa ajudar na interpretação da descrição de Paulo. Isso lhe é desnecessário. Para ele, e isso é inovador, o que nos é necessário saber é que a aparência física de Paulo exerce no texto, unicamente, uma função retórica.

Concluimos, então, que as tentativas de leitura da imagem de Paulo a partir do ideal de virtude (*kalokagathía*) da *pólis* greco-romana não se mostraram satisfatórias.

A primeira leitura, a *diégesis* de Tito, encontrou reação do grupo de mulheres chamadas por Tertuliano de “petulantes” que, fundamentadas no texto *Atos de Paulo e Tecla*, reivindicavam o direito de ensinar e batizar. A segunda, a que se apoia na fisionomia antiga, não conseguiu criar uma interpretação uniforme de Paulo, embora lhe seja característica comum tentar apresentá-lo a partir do ideal de cidadão da *pólis* (general/líder, herói e masculino). Já a leitura de Bollók parece confusa e menos crível. No entanto, ao entender a descrição de Paulo como recurso retórico, Bremmer nos oferece nova perspectiva para a interpretação da imagem de nosso personagem. É o que pretendemos desenvolver na última parte deste texto

---

<sup>73</sup> BREMMER, JAN N. Magic, Martyrdom and women's liberation in the Acts of Paul and Thecla. In: *The Apocryphal Acts of Paul and Thecla*. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles 2, Kampen: Kok Pharos, 1996, p. 36-59.



### 3.2 Novos elementos discursivos para a leitura da imagem de Paulo no texto *Atos de Paulo e Tecla*.

A presente pesquisa busca manter uma atitude de reconstrução da leitura da imagética de Paulo no texto *Atos de Paulo e Tecla*, uma das novelas cristãs do II século. Neste caso específico, dialogaremos com Mikhail Bakhtin, teórico da literatura crítica, e Paul Zanker, arqueólogo e professor de Arte Antiga. Em Bakhtin buscaremos os conceitos carnavalização e, principalmente, corpo grotesco. Em Zanker, nos apoiaremos no estudo sobre a imagem feia de Sócrates como crítica à *kalokagathía* antiga.

#### 3.2.1 A Carnavalização e o Corpo Grotesco, em Mikhail Bakhtin

Para Bakhtin, um dos nascedouros do gênero discursivo novela antiga é a sátira menipeia<sup>74</sup> da qual sobreviveram algumas obras como *Aboborificação do divino Cláudio*, escrita por Sêneca, *Diálogo dos Mortos*, de Luciano de Samósata, o *Satiricon* de Petrônio, e *O asno de ouro*, obra de Lucio Apuleio. Gostaríamos de salientar que essa literatura cômica não estava somente a serviço da promoção do humor, elas também traziam em si críticas às instituições antigas - tanto as políticas quanto as religiosas - por meio do riso. Eis a razão de Bakhtin nomenclaturar esse gênero literário como “sério-cômico”. Ele diz assim:

Estamos convencidos de que não havia literalmente um só gênero direto estrito, nem um só tipo de discurso direto – literário, retórico, filosófico, religioso, popular – que não tivesse o seu duplo paródico-travestizante, sua contraparte cômico-irônica, ademais, estes duplos

<sup>74</sup> No texto *Bakhtin para exegetas: o carnaval como hermenêutica*, Francisco Benedito Leite nos conta um pouco da história da sátira menipeia e de seus antecedentes teóricos. Ele afirma o seguinte: “A sátira menipeia se reporta a Menipo de Gadara (a mesma cidade referida no *Novo Testamento*), discípulos de Diógenes de Sinope, pai da filosofia cínica – ramificação do socratismo que destaca o riso e o desprezo das instituições sociais, muito embora a maioria dos comentaristas da história da filosofia não destaque a primeira característica dessa escola filosófica. Portanto, apesar de encontrar-se na sátira menipeia, o exemplo concreto do riso na antiguidade, para Bakhtin, o riso como filosofia é muito mais antigo, pois já se ancora em Sócrates, o parceiro das idéias, um zombador por natureza, e, ainda anteriormente a Sócrates, vemos sua manifestação em algumas tragédias, como nas Eurípedes, e nas primitivas manifestações das festas dionisíacas, testemunhada, por exemplo, nas *Bacantes* de Eurípedes.” In: SOUSA, Rodrigo F.; LEITE, Francisco Benedito. *Literatura cristã primitiva: olhares bakhtinianos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, p. 20.

paródicos e os reflexos cômicos do discurso direto em alguns casos eram tão consagrados e canonizados pela tradição quanto seus protótipos elevados.<sup>75</sup>

É dentro da dinâmica do “sério-cômico” que os elementos presentes no espaço ficcional satírico menipeico, tais como o burlesco, o cômico, o dito chistoso, o travestizante, entre outros, passam a se transcender, e por isso promovem o ponto de intersecção entre a tensão política e a banalidade social. É a partir dessa convergência que Bakhtin desenvolve sua compreensão do carnavalesco e do grotesco.

O carnaval é referenciado por Bakhtin como espaço inclusivo, onde as classes sociais subalternas irrompem e questionam as estruturas opressoras, através do riso subversivo como expressão da catarse social.

Soma-se ainda ao carnaval medieval o conceito de corpo grotesco. Vejamos essa correlação em Harvey Cox. Ele diz o seguinte:

Durante a Idade Média florescia, em algumas partes da Europa, um festival conhecido como a Festa dos Foliões, ou a Festa dos Loucos. Nessa manifestação colorida, [...] até padres geralmente piedosos e cidadãos ordeiros colocavam máscaras grotescas, cantavam insinuantes modinhas e, numa palavra, mantinham todo mundo em suspenso por suas sátiras e folias. Componentes do baixo clero lambuzavam a cara, estadeavam por aí em trajes reservados a seus superiores e arremedavam os pomposos rituais da Igreja e da Corte. Às vezes escolhia-se um príncipe da bagunça, um rei-palhaço ou um bispo-garoto para presidir os eventos. Em alguns lugares, o bispo-garoto até parodiava a celebração duma missa. Durante a Festa dos Foliões, não havia costume nem convenção social que não se expusesse ao ridículo, e até as personalidades mais credenciadas da região não conseguiam subtrair-se à sátira.<sup>76</sup>

O realismo grotesco, como elemento discursivo dentro do carnavalesco, fruto do plurilinguismo do romance antigo, ressignifica a palavra “degradar”, vendo nela, e na postura que nela se inspira, possibilidades para que ocorra um “novo nascimento”. É assim que pensa Bakhtin:

No realismo grotesco, a degradação do sublime não tem um caráter formal ou relativo. O “alto” e o “baixo” possuem aí um sentido absoluto e rigorosamente topográfico. O “alto” é o céu; o “baixo” é a

<sup>75</sup> BAKHTIN, 2010, p. 373.

<sup>76</sup> COX, Harvey. *A festa dos foliões*. Um ensaio teológico sobre festividade e fantasia. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 11.

terra; a terra é o princípio de absorção (o túmulo, o ventre) e, ao mesmo tempo, de nascimento e ressurreição (o seio materno). Este é o valor topográfico do alto e do baixo no seu aspecto cósmico. No seu aspecto corporal, que não está nunca separado com rigor do seu aspecto cósmico, o alto é representado pelo rosto (a cabeça), e o baixo pelos órgãos genitais, o ventre e o prazer. O realismo grotesco e a paródia medieval baseiam-se nessas significações absolutas. Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como um princípio de absorção e, ao mesmo tempo, de nascimento: quando se degrada amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor. Degradar significa entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre e dos órgãos genitais, é portanto com atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação das necessidades naturais. A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar ao novo nascimento. E por isso não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas também o positivo, regenerador: é ambivalente, ao mesmo tempo negação e afirmação. Precipita-se não apenas para o baixo, para o nada, a destruição absoluta, mas também para o baixo produtivo, no qual se realizam a concepção e o renascimento, e onde tudo cresce profusamente. O realismo grotesco não conhece outro baixo; o baixo é a terra que dá a vida, é o seio corporal; o baixo é sempre o começo.<sup>77</sup>

Em outro momento, Bakhtin vai afirmar que no realismo grotesco, isto é, no sistema de imagens da cultura cômica popular, “o princípio material e corporal aparece sob a forma universal, festiva e utópica”.<sup>78</sup> O cósmico, o social e o corporal se correlacionam e estão intimamente ligados de forma indissolúvel, em totalidade e indivisível. É um conjunto alegre e benfazejo.

### **3.2.2 A imagem de Sócrates e a crítica à *kalokagathía* antiga na análise de Paul Zanker**

Como vimos anteriormente, a busca pelo ideal de virtude para a *pólis* fez com que os gregos e posteriormente os romanos criticassem qualquer comportamento desmedido que o colocasse em xeque ou mesmo o questionasse. Com o propósito de reforçar esse ideal, tanto gregos como romanos fizeram representações iconográficas de corpos masculinos e bustos bem esculpidos. Qualquer *hýbris*, comportamento desmedido, era reprovável, assim nos lembra Xenofonte ao narrar, com criticidade, o comportamento de Nicerato e Critóbulo, por colocarem em risco a vida na *pólis*.

<sup>77</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na idade média e no renascimento: O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 18-19.

<sup>78</sup> BAKHTIN, 2010, p. 17.

Preocupado em compreender como esse ideal de virtude influenciou a construção do imaginário do intelectual no contexto greco-romano, Paul Zanker, no livro *The mask of Socrates*<sup>79</sup>, contempla-nos com um estudo relevante e intrigante ao nos apresentar, a partir da análise de esculturas, a tentativa de se domesticar/apagar/substituir a imagem de Sócrates, filósofo grego, outrora retratado à semelhança de Sileno, e posteriormente descrito dentro do ideal da *kalokagathía*.

O título do livro é tão provocante e convidativo quanto o rosto de Sócrates representado na capa, pois de fato não existia na sociedade grega e romana a ideia do “intelectual”, o máximo que eles tinham eram poetas, filósofos, oradores etc., elogiados como sábios e que desempenhavam um papel especial, não menos, na sua autopercepção como povos.

A obra de Zanker trata desses "intelectuais", abrangendo da Atenas do V século antes da Era Comum até a Roma cristã, 400 anos da Era Comum. Zanker conclui que muitas das imagens desses “intelectuais” que temos preservadas não correspondem à realidade física de cada um, mas sim uma leitura tomada da *kalokagathía*.

Ao colocar esculturas famosas diretamente dentro do seu contexto social, e ao analisar as mudanças que essas imagens sofreram na antiguidade, Zanker nos oferece uma nova abordagem e uma fascinante visão da cultura do mundo antigo.

Por ser ampla a sua pesquisa e para atender ao objetivo deste trabalho, destacaremos uma das imagens mais conhecidas de Sócrates (figura 3), aquela em que ele é representado tendo lábios grossos, nariz arrebitado e um leve sorriso na face. Inspirado nessa representação de Sócrates é que Jan Bremmer viu uma semelhança entre a aparência do filósofo e a descrição física de Paulo narrada no texto *Atos de Paulo e Tecla*.

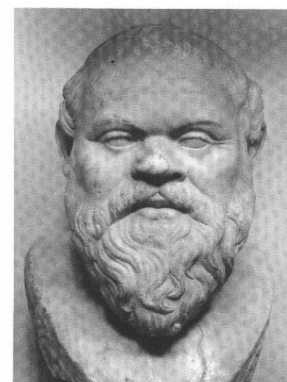


Figura 3: Busto de Sócrates, Museu Nacional de Nápoles, Itália.

<sup>79</sup>ZANKER, Paul. *The mask of Socrates: the image of the intellectual in Antiquity*. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 38.

O que se revela intrigante nessa conhecida imagem de Sócrates é que ela foi construída a partir da representação iconográfica de Sileno<sup>80</sup> (figura 4). Na mitologia grega, Sileno é descrito como discípulo fiel de Dioniso e sempre retratado em estado de embriaguez. Nas imagens, ora o vemos amparado por sátiros, ora carregado por um jumento. Ele ainda é descrito como o mais velho, o mais sábio e o mais beberrão dos seguidores de Dioniso.



Figura 4: Sileno, moeda de prata, Museu de Berlim, Alemanha.

Segundo Zanker, essa imagem de Sócrates foi criada cerca de 20 anos após sua morte. Ela era uma espécie de negação de todas as normas coletivas de *kalokagathía*, e os cidadãos atenienses devem ter-se sentido desafiado por ela, quase tanto quanto pelas perguntas desconcertantes que o filósofo formulava quando vivo. Sócrates, como sabemos, foi condenado à morte sob a acusação de corromper a juventude de Atenas.

Como o título do seu livro sugere, Zanker nos lembra que não estamos olhando para um retrato real de Sócrates, mas para uma máscara. Ela é inspirada na passagem que consta do *Banquete* de Xenofonte, em que Sócrates é comparado a Sileno, que além de professor de personagens heróicas, é sempre lembrado como uma criatura que rompe com as normas humanas e convencionais. Portanto, sua feiura abre espaço para a discursividade subversiva. Ela não é apenas feia, nela incide uma crítica à *kalokagathia* como perigosa e enganosa.

Zanker, após a análise acima, apresenta um relevo em bronze em que se encontram Sócrates e Diótima (figura 5). Essa representação deve ter causado um incômodo ainda maior. É que, enquanto as duas primeiras representações de Sócrates estavam limitadas ao seu rosto, esta o retrata de corpo inteiro. Nela vê-se, sem constrangimento

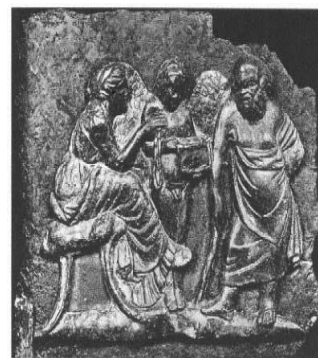


Figura 5: Sócrates e Diótima. Museu Nacional de Nápoles, Itália.

<sup>80</sup> HACQUARD, Georges. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Universidade Nova de Lisboa, 1996.



algum, uma barriga saliente, portanto um corpo fora dos padrões de beleza, harmonia e perfeição gregos. Sua postura é descontraída e tem uma aparência de bêbado. Dessa forma, a imagem retoma o que já foi dito, isto é, que a arte subverte o ideal de virtude adotado pela Grécia Antiga, ao apresentar um Sócrates grotesco, feio e bêbado.

Em outra obra, Paul Zanker expande o seu estudo à Roma de César Augusto e mostra como o imperador usou a imagem como elemento voltado para os interesses do seu programa político, tendo em vista a restauração e cura da República. Zanker informa:

Criou-se nova mitologia de Roma e novo ritual de poder para o imperador, por meio de imagens visuais. Contudo, sobre fundamentos simples o mito se perpetuou e transcendeu as realidades da vida cotidiana para projetar às gerações futuras a impressão de que se tinha vivido no melhor de todos os mundos e tempos possíveis... Ao mesmo tempo como parte da sua “restauração da República” e da criação de novo estilo político, Augusto pôs em funcionamento seu programa para “curar” a sociedade romana. Os temas principais foram a renovação da religião e dos costumes (*virtus*) e a honra do povo romano. Nunca antes nenhum novo governador havia implementado tão ambicioso programa cultural, concretizado efetivamente no imaginário visual; dificilmente isso poderia acontecer depois.<sup>81</sup>

Para atender os interesses da política isomórfica de Augusto em promover a *virtus*, Sócrates, mesmo não sendo romano, sofre uma

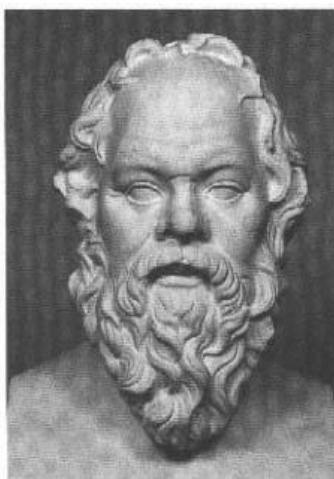


Figura 6: Retrato de Sócrates, cópia romana. Museu do Louvre, França.

repaginação. Retiraram dele a imagem de Sileno e o aproximaram da imagem do bom cidadão da *urbis*. A figura ao lado representa isso (cf. Figura 6). Trata-se de um busto de Sócrates que foi feito para homenageá-lo em um dos principais centros da vida religiosa e da educação dos jovens de Roma. Por tudo isso, podemos concluir que o intelectual outrora condenado por negar os deuses e corromper os jovens, agora em Roma tornou-se o símbolo da *Paidéia* ática e é apresentado como a encarnação da *virtus* e modelo para a juventude.

<sup>81</sup> ZANKER, 1990 apud CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L., 2007, p. 73.

### 3.3 A imagem de Paulo no texto *Atos de Paulo e Tecla*.

Reconhecemos que este é o clímax desta dissertação. No entanto, o que discorreremos a seguir é mais um ensaio do que um tratado isomórfico sobre a imagem de Paulo no texto *Atos de Paulo e Tecla*. Mas pretendemos apresentar alguns apontamentos para pesquisa futura.

A pergunta que nos animou a produzir esta dissertação foi: Como a linguagem constrói a imagem de Paulo nessa novela cristã do século II? Ora, quando Jan Bremmer afirmou que a imagem de Paulo descrita no texto *Atos de Paulo e Tecla* é uma *ékphrasis* empregada com objetivo retórico, ele estava indo além da constatação de que essa *ékphrasis* paulina se inspirou na imagem do filósofo Sócrates. Na verdade, ele promoveu uma inovação na interpretação da iconografia do Apóstolo das Nações ao relacionar imagem (*eikón*) e discurso (*lógos*).

Embora reconheçamos como válida a contribuição de Bremmer, esta dissertação busca ir um pouco além da conclusão desse autor. Olhando retrospectivamente, nos lembramos que Bremmer chegou à conclusão de que a intenção do texto *Atos de Paulo e Tecla* é afirmar que Tecla se sentiu atraída a Paulo por causa de seu discurso, não por causa de sua beleza física.

Porém o problema que temos com essa interpretação é que ela não leva em consideração a diversidade de cristianismos paulinos em disputa no final do II século da Era Comum, período de composição da nossa novela, nem atenta para as respectivas respostas desses cristianismos ao ideal de virtude no contexto greco-romano. Nesse caso, a disputa se dá entre o paulinismo das Cartas Pastorais (que chamo de *diégesis* de Tito) e, parafraçando Tertuliano, o paulinismo de “mulheres petulantes” representado pelo texto *Atos de Paulo e Tecla*.

No entanto, com o objetivo de compreender como esse paulinismo de “mulheres petulantes” construiu a imagem de Paulo, dialogaremos com o conceito bakhtiniano de corpo grotesco e o resultado da pesquisa de Paul Zanker sobre a imagem na antiguidade.

A aplicação do conceito bakhtiniano de corpo grotesco e a compreensão da imagem na antiguidade defendida por Zanker, no estudo da



literatura cristã, ainda é incipiente e, por isso, não há muitas bibliografias que dialoguem com elas.

Um dos poucos que se têm dedicado a esse campo de pesquisa transdisciplinar é István Czachesz<sup>82</sup>, para quem os relatos cristãos dos três primeiros séculos, especificamente os Atos Apostólicos Apócrifos, têm em comum com as principais comédias populares, o humor. O autor percebe essa característica humorística na maneira como esses relatos combinam seu poderoso discurso sobre o corpo humano grotesco - como uma forma de controle moral e de interação social - com o uso do corpo para zombar e ridicularizar os seus respectivos adversários internos e externos.

No entanto, quando disserta sobre “as políticas do grotesco”, Czachesz, destaca, a partir da narrativa da crucificação de Pedro de cabeça para baixo (e aqui ele emprega a dialética de “alto” e “baixo” presente em Bakhtin), que os cristãos empregavam retoricamente o discurso do corpo grotesco como forma de contestação do poder.<sup>83</sup> Assim, a partir das contribuições de Bakhtin e Zanker, a descrição da imagem de Paulo no texto *Atos de Paulo e Tecla* ganha mais vivacidade e criticidade.

Quando analisamos a imagem de Paulo através do olhar de Zanker, as tentativas anteriores de interpretação da sua descrição perdem força e valor, pois o Paulo que se revela no retrato de Tecla é aquele que ora usa a máscara de Sócrates, ora a de Sileno. Portanto, temos aqui uma construção híbrida do apóstolo. É bom lembrar aqui o que diz de Paulo o texto em questão: “ora tem a face de um homem, ora a face de um anjo”. Poderia ser esta outra maneira de se interpretar a parte final da descrição de Paulo presente no texto *Atos de Paulo e Tecla*?

O importante é que Sócrates e Sileno, na tradição literária grega, encarnam a figura dos questionadores da *kalokagathía*, o ideal de virtude. Por isso, as tentativas de interpretação que se apoiaram na fisionomia antiga, ou seja, aquelas que foram propostas por Grant, Malherbe, Maline e Neyrey, se revelam deficientes quando confrontadas com as contribuições de Bakhtin e Zanker.

<sup>82</sup> CZACHESZ, ISTVÁN. *The Grotesque Body in Early Christian Discourse. Hell, Scatology, and Metamorphosis*. New York: Routledge, 2012.

<sup>83</sup> CZACHESZ, 2012, p. 81.

No entanto, ao travestir Paulo com a máscara de Sileno, o texto *Atos de Paulo e Tecla* ridiculariza e subverte a *diégesis* de Tito. Por *diégesis* de Tito, a presente pesquisa entende o discurso *kalokagáthico* presente nas chamadas Cartas Pastorais (Tito e as duas Cartas a Timóteo). Esses pseudoepígrafos paulinos procuraram descrever Paulo como representante do ideal de virtude e cidadão exemplar da *pólis* greco-romana.

É sobre a descrição de Paulo feita pelas Cartas Pastorais que Tertuliano, no texto *O Batismo*, fundamenta o seu discurso autoritário<sup>84</sup> para justificar a negação às mulheres do direito de ministrar o batismo. Lá, nas Cartas Pastorais, - e na interpolação feita na Primeira Carta de Paulo aos Coríntios 14,33b-36 -, é que encontramos a efrase epidictica sobre o papel da mulher na vida comunitária como reflexo da vida na casa. A seguir exporemos o paralelo feito por MacDonald<sup>85</sup> de dois textos pseudoepígrafos e, com setas indicativas, destacaremos os termos que lhes são equivalentes, a seguir:

I Cor. 14:33b-36	I Tim. 2:11-13
Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas (sigátōsan) nas igrejas,	<sup>11</sup> A mulher aprenda em silêncio ( <i>hesychía</i> ), com toda a submissão ( <i>hypotagē</i> ).
porque não lhes é permitido (epitrepetai) falar; mas estejam submissas (hypotassesthōsan)	<sup>12</sup> E não permito (epitrepō) que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio.
como também a lei o determina.	<sup>13</sup> Porque primeiro foi formado Adão, depois, Eva.
Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja.	

Nesse paralelo, salta aos olhos uma estrutura discursiva clara e persuasiva, que marca os dois textos com o objetivo de se afirmar a

<sup>84</sup> Para Eni Orlandi, o discurso autoritário é “aquele em que a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece, e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando sua relação com o interlocutor.” In: ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999, p. 85.

<sup>85</sup> MACDONALD, 1983, p. 87.

submissão da mulher à ordem da *cosmopoliteía*. Por isso, exigem-se das mulheres silêncio e submissão ao seu marido. Na Carta aos Coríntios, tais exigências se legitimam por causa da “lei” (*nómos*), aqui entendida como o costume no contexto da *pólis* greco-romana. Porém na Carta a Timóteo, elas se fundamentam na ordem natural da criação presente no Gênesis, o primeiro livro da Torá de Moisés.

Todavia, o Paulo descrito pelas Cartas Pastorais não se contenta somente em exigir o silêncio e a submissão da mulher. Não. Valores ético-religiosos como modéstia, perseverança na fé, amor e santidade não são suficientes para que a mulher obtenha perdão por ter transgredido no Eden ou por ter aberto a caixa de Pandora. A mulher deve demonstrar em seu corpo, através da maternidade, sua total sujeição aos valores da *pólis*, como meio de salvação (cf. 1 Timóteo 2.14-15).

Se anteriormente o texto *Atos de Paulo e Tecla* travestiu Paulo com a máscara de Sileno, agora, com o intuito de criticar a assimilação da *pater familiae* defendida pela *diégesis* de Tito, nossa novela o reveste com a máscara de Sócrates.

O texto *Atos de Paulo e Tecla* compara com Paulo, literariamente, a história do filósofo Sócrates, que foi condenado à morte por corromper com seus ensinamentos os jovens da cidade de Atenas. Diante dos magistrados, dos oficiais do povo e da multidão que acompanha Paulo com porretes, ele é acusado por Tamiro de corromper as jovens, as meninas e as mulheres de Icônio a renunciar ao casamento. Essa acusação é muito grave. Paulo está sendo acusado de colocar em risco o futuro político da cidade de Icônio. Leiamos o que segue:

Tamiro, por ter ouvido essas coisas, levantou-se de madrugada cheio de ciúme e ódio, foi à Casa de Onesíforo com os magistrados e os oficiais do povo, e uma grande multidão com porretes, dizendo: “Você corrompeu a cidade de Icônio e a minha noiva, a ponto dela não me querer mais. Vamos até o governador Castélio!” Toda a multidão disse: “Fora com o bruxo, pois ele corrompeu todas as nossas mulheres e convenceu as multidões a se insurgirem contra os costumes!”

Isso explica a postura de Teoclia, mãe de Tecla, que, impulsionada pela acusação feita por Tamiro e em reação ao não-dito de Tecla diante da

pergunta do governador, pede a morte dela e de Paulo para que sirvam como exemplo de intimidação. Vejamos o texto:

Após deliberar, ele [o governador] intimou Tecla e disse-lhe: “Por que você não se casa com Tamiro conforme a lei de Icônio?” Ela, porém, permanecia de pé com os olhos fixos em Paulo. E como Tecla não respondia, Teoclia, sua mãe, gritando disse: “Queimem o criminoso! Queimem, no meio do teatro a que não vai se casar para que todas as mulheres que este homem instruiu, tenham.”

As reações de Tamiro e de Teoclia tornam-se plenamente compreensíveis quando lidas a partir da ideia do casamento como “dever cívico a cumprir”, na Roma Antiga. Paul Veyne nos surpreende com algumas informações interessantes:

[...] um censor disse à assembleia de cidadãos: “O casamento é uma fonte de confusão, todos sabemos; mas é necessário se casar por civismo. [...] O casamento, portanto, era tido como um dever entre outros, uma opção. Não é o “fundamento de um lar”, o eixo de uma vida, e sim uma das numerosas decisões dinásticas que um senhor deverá tomar: entrar na carreira pública ou permanecer na vida privada a fim de aumentar o patrimônio dinástico, tornar-se militar ou orador etc. A esposa será menos a companheira desse senhor que o objeto de uma de suas opções. Tanto será um objeto que dois senhores poderão repassá-la amigavelmente: Catão da Útica, modelo de todas as virtudes, emprestou a esposa a um amigo e mais tarde casou-se novamente com ela, abiscoitando de passagem uma herança imensa; um certo Nero “prometeu” (era o termo consagrado) sua esposa Lívía ao futuro imperador Augusto. O casamento é apenas um dos atos da vida, e a esposa não passa de um dos elementos da casa, que compreende igualmente os filhos, os libertos, os clientes e os escravos.”<sup>86</sup>

Porém o texto *Atos de Paulo e Tecla* nos mostra que a acusação feita por Tamiro está equivocada. Embora Paulo faça um discurso sobre o “enkratismo e a ressurreição” e apresente uma longa lista de *macarioi* (bem-aventuranças) que elogiam certa atitude enkratista (cf. AtPTh 5-6), concordamos com Antonio Piñero<sup>87</sup> ao afirmar que, no texto *Atos de Paulo e Tecla*, Paulo defende um “enkratismo moderado”. Demas e Hermógenes, inimigos declarados de Paulo, são os que afirmam textualmente que Paulo ensina alguma forma de enkratismo radical como exigência necessária para a

<sup>86</sup> VEYNE, PAUL. O Império Romano. In: VEYNE, Paul (org). *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v.1, p. 48.

<sup>87</sup> PIÑERO, Antonio. *Los cristianismos derrotados. ¿Cuál fue el pensamiento de los primeros cristianos heréticos y heterodoxos?* Buenos Aires: EDAF, 2007, p. 131-134.

salvação. Em nossa novela cristã, Paulo não se opõe ao casamento. Ele é recebido em Icônio pela família de Onesíforo, Léctra e seus dois filhos, Símia e Zenon.

No entanto, Paulo é um crítico da ideia de casamento como dever cívico que exige das mulheres silêncio, submissão e maternidade. Portanto, ao proclamar na Casa de Onesíforo e Léctra o “enkratismo e a ressurreição” como pares - um discurso que afecta Tecla a ponto de ela ser tomada por uma “paixão terrível” - Paulo promoveu uma insurreição na *pólis greco-romana*, pois, como diz Michel Clévenot, “somente no seio de uma prática que visa à *in-surreição* dos corpos é que se pode colocar a questão de uma *ressurreição* de maneira válida.”<sup>88</sup>

Concluindo, reafirmamos o nosso entendimento de que as contribuições de Bakhtin e Zanker nos oferecem elementos suficientes, mais que satisfatórios, para construirmos outra forma de nos aproximar da descrição da imagem de Paulo no texto *Atos de Paulo e Tecla*. Através da representação do corpo grotesco e risível de Paulo - que o aproxima da configuração de Sileno - o texto em estudo desmascara a pretensão da *diégesis* de Tito em tentar fazer do Apóstolo das Nações um porta-voz de uma sociedade firmada nos valores do *pater familiae*; e ao descrevê-lo à semelhança do filósofo Sócrates como um corruptor de mulheres por encorajá-las a não se submeterem à lógica do casamento como dever civil, o coloca como um crítico do ideal de virtude da *pólis* greco-romana, conciliando “enkratismo e ressurreição”.

---

<sup>88</sup> CLÉVENOT, Michel. *Enfoques materialistas da Bíblia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.147.

## CONCLUSÃO

Mais que uma conclusão, a presente pesquisa se propõe apresentar algumas considerações finais. O motivo? É que temos por certo que toda construção acadêmica é uma fala que se sugere, se pronuncia e, por isso, estará sempre aberta a críticas, ampliações, afirmações e negações. Portanto, seria presunçoso afirmar que aqui chegamos à resposta final da interpretação sobre a imagem de Paulo no texto *Atos de Paulo e Tecla*. No entanto, isso não quer dizer que os resultados da pesquisa sejam irrelevantes.

Um dos objetivos que buscamos durante a pesquisa foi identificar o *Atos de Paulo e Tecla* como romance antigo do II século da Era Comum, nascido sobre a influência da Segunda Sofística, talvez, para pesquisas futuras seria interessante vermos, de forma mais aprofundada, a influencia desse movimento cultural na confecção dessa novela cristã e dos demais Atos Apostólicos Apócrifos.

Outro ponto, e que acreditamos que conseguimos expor de forma satisfatória, consiste no fato de situarmos o texto *Atos de Paulo e Tecla* como uma narrativa de oposição à *diégesis* de Tito, - representado pelas Cartas Pastorais -, que tenta tornar Paulo favorável ao processo de assimilação do padrão de virtude do cidadão da *pólis*, especificamente, quando põem na boca dele um discurso que legitima o silenciamento e a submissão da mulher ao *pater familiae*. Aqui há inúmeras possibilidades para novas pesquisas que procurem entender, por exemplo, o papel das matronas nos cristianismos de mulheres dos séculos II - IV.<sup>89</sup>

No entanto, escrever sobre a imagem de Paulo no texto *Atos de Paulo e Tecla* foi desafiador por termos pouco material de referência que tratasse

---

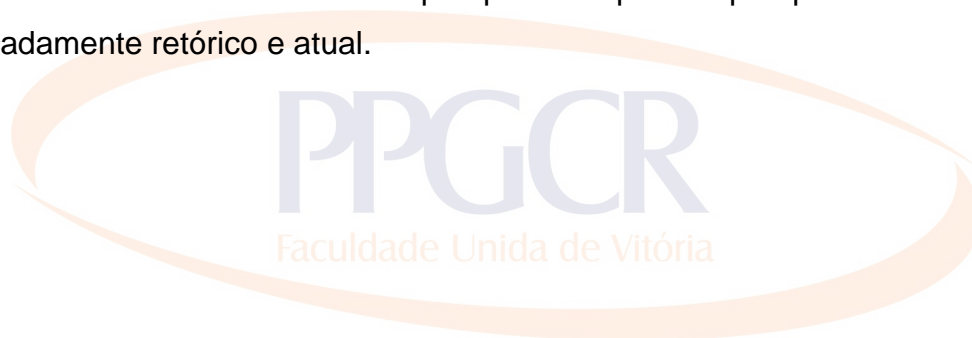
<sup>89</sup> No texto *Atos de Paulo e Tecla*, Trifena, uma viúva rica e parente de César Augusto que chora o luto por Falconília, sua filha, usa da sua influência para proteger Tecla de estupro e, com seu dinheiro, investe na missão de Tecla e de Paulo no cuidado com os pobres. Sobre a influência e o papel desempenhado pelas matronas no cristianismo dos séculos I – IV recomendamos as leituras seguintes: ALEXANDRE, Monique. Do anúncio do Reino à Igreja: papéis, ministérios, poderes femininos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento, 1990, p. 511-563; e, STARK, Rodney. O papel das mulheres no crescimento cristão. In: *O crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera a história*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 109-144.



diretamente o tema e, quando encontrávamos algo, ele não conseguia ir para além do habitual que consiste em afirmar uma descrição positiva de Paulo em reação ao incômodo que sua imagem feia e cômica lhe causava.

A pesquisa acredita que conseguiu apresentar uma descrição inovadora sobre a representação de Paulo ao dialogar com o conceito bakhtiniano do corpo grotesco e com o estudo de Paul Zanker sobre a imagem na antiguidade, especificamente a imagem de Sócrates com cara de Sileno, pois compreende que essa interface possibilita-nos a desconstruir o imaginário que temos de Paulo como um modelo de cidadão greco-romano e, portanto, resgatar sua feição mais questionadora e revolucionária.

Concluindo, cremos que a pesquisa conseguiu, significativamente, contribuir sob novo enfoque do texto *Atos de Paulo e Tecla* desde a compreensão do processo de criação, desenvolvimento e interpretação da imagem de Paulo e abrir novas perspectivas para a pesquisa desse texto marcadamente retórico e atual.



## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Loveday C. A. Novels, Greek and Latin. In: FREEDMAN, D. N. (Org.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, v. 4, 1992.

ALEXANDRE, Monique. Do anúncio do Reino à Igreja: papéis, ministérios, poderes femininos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento, 1990, vol. 1.

ARISTOTLES. *Minor works*. Cambridge: Harvard University Press, 1936.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões da literatura estética: A teoria do Romance*. São Paulo: HUCITEC, 2010.

\_\_\_\_\_, *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martin Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_, *Cultura popular na idade média e no renascimento: O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARRIER, Jeremy W. *Tertulian and the Acts of Thecla or Paul? Readership of the ancient Christian novel and the invocation of Thecla and Pauline authority*. Apresentado em 20 de Novembro de 2006, na seção "Christian Apocrypha", no Annual Meeting of the SBL in Washington, D. C., 2006.

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

BOLLÓK, János. The description of Paul in the Acta Pauli. In: *The Apocryphal Acts of Paul and Thecla*. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles 2, Kampen: Kok Pharos, 1996.

BRANDÃO, Jacyntho L. *A invenção do romance: A narrativa e mimese no romance grego*. Brasília: Editora UNB, 2005.

-----, *A poética do hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BREMMER, JAN N. Magic, Martyrdom and women's liberation in the Acts of Paul and Thecla. In: *The Apocryphal Acts of Paul and Thecla*. Studies on the Apocryphal Acts of the Apostles 2, Kampen: Kok Pharos, 1996.

BULTMANN, R. *Crer e compreender*. Ensaios selecionados. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

BURRUS, V. Chastity as authonomy: women in the stories of the Apocryphal Acts. In: *Semeia*. The Apocryphal Acts of Apostles, Decatur: Scholars Press, n. 38, 1986.

CARÍTON DE AFRODISÍADE. *Quéreas e Calírrroe*, I, 4-6. Tradução de Maria de Fátima de Souza e Silva. Lisboa: Edição Cosmos, 1996.

CLÉVENOT, Michel. *Enfoques materialistas da Bíblia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

COX, Harvey. *A festa dos foliões*. Um ensaio teológico sobre festividade e fantasia. Petrópolis: Vozes, 1974.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CZACHESZ, ISTVÁN. *The Grotesque Body in Early Christian Discourse*. Hell, Scatology, and Metamorphosis. New York: Routledge, 2012.

DAVIES, Stevan L. *The revolt of the widows*. The social world of the Apocryphal Acts. Dublin: Bardic Press, 2012.

DEL CERRO, G.; PIÑERO, A. Cronología relativa de los Hechos Apócrifos de los Apóstoles. Reflexiones sobre ediciones recientes.”, in Aguilar, R.M.; López-Salvá, M. & Rodríguez Alfageme, I. (eds.) *ΧΑΡΙΣ ΔΙΔΑΣΚΑΛΙΑΣ, Studia in honorem Ludovici Aegidi, Homenaje a Luis Gil*, Madrid, 1994.

EHRMAN, Bart. *Evangelhos perdidos*. A batalha pela Escritura e os cristianismos que não chegamos a conhecer. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GRANT, Robert. The description of Paul in the Acts of Paul and Thecla. In: *Vigiliae Christianae* 36 (1982).

HACQUARD, Georges. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Universidade Nova de Lisboa, 1996.

HANSEN, João Adolfo. *Categorias epidíticas da ekphrasis*. REVISTA USP, São Paulo, n.71, p. 85-105, setembro/novembro 2006.

HOLZBERG, N. *The ancient novel*. An introduction. London and New York, Routledge, 1995.

IPIRANGA JUNIOR, P., A concepção de páthos em relatos híbridos na Antiguidade: José e Aseneth e os Atos de Paulo e Tecla. In: *Clássica*, São Paulo, v. 26, 2014.

-----, O romance antigo: teorização e crítica. In: *Eutomia*, Recife, 14 (1), Dez. 2014.

JOSÉ E ASENATH. In: PROENÇA, Eduardo (org). *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

KAESTLI, Jean-Daniel. Response. In: *Semeia*. The Apocryphal Acts of Apostles, Decatur: Scholars Press, n. 38, 1986.

KOESTER, Helmut. A organização da Igreja em nome de Paulo: As Epístolas Pastorais. In: *Introdução ao Novo Testamento*. Volume 2: História e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005.

KRISTEVA, J. *O texto do romance*. Estudo semiológico de uma estrutura discursiva transformacional. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

LIPSIUS, R. A.; BONNET, M. *Acta apostolorum apocrypha*. Hildesheim: 1990, v. II.

MACDONALD, Dennis Ronald. *The legend and the apostle: the battle for Paul in story and Canon*. Philadelphia: The Westminster Press, 1983.

MALINA, Bruce e Neyrey, Jerome. *Portraits of Paul: An archeology of ancient personality*. Louisville: Westminster John Knox, 1996.

MEEKS, Wayne A. *O mundo moral dos primeiros cristãos*. São Paulo: Paulus, 1996.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Cristianismos na Ásia Menor. O mundo plural deixado por Paulo em Éfeso. In: *Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

OSTER JR, R. E., Christianity in Asia Minor. In: *Anchor Bible Dictionary*. New York, Doubleday, 1992, v.1.

PERVO, Richard I. Early christian fiction. In: MORGAN, J. R.; STONEMAN, R. *Greek fiction: the greek novel in context*. London and Ney York: Routledge, 1994.

PIÑERO, Antonio. *Los cristianismos derrotados. ¿Cuál fue el pensamiento de los primeros cristianos heréticos y heterodoxos?* Buenos Aires: EDAF, 2007.

RICHTER REIMER, Ivone. Sexualidade em tempos escatológicos: uma aproximação à problemática de casamento e celibato nos dois primeiros séculos cristãos. In: *Cristianismos originários extrapalestinos (35-138 dC)*. RIBLA, Petrópolis: Vozes, nº 29 – 1998/1.

SÁNCHEZ, Ángel Narro. *Orígenes y desarrollo de la hagiografía griega através de la figura de Santa Tecla*. 2013. 443 f. Tese (Doutorado), Universitat de Valencia: Departament de Filologia Clàssica, 2013.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. A segunda sofística. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 151-167, 2008.

SOUSA, Luana Neres de. O ideal de *kalokaghatia* em Xenofonte: uma análise dos excessos. In: *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 2, 2013.

SOUSA, Rodrigo F.; LEITE, Francisco Benedito. *Literatura cristã primitiva – olhares bakhtinianos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

SPENGLER, Leonhard Von. *Rhetores graeci*. Ex recognitione. Lipsiae: Sumptibus et typis B. G. Teubneri, 1856 vol. 2.

STARK, Rodney. O papel das mulheres no crescimento cristão. In: *O crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera a história*. São Paulo: Paulinas, 2006.

TERTULIANO. *O sacramento do batismo*. Teologia pastoral do batismo segundo Tertuliano. Petrópolis: Vozes, 1981.

TRENKER, Sophie. Diégēsis in public speeches. In: *The greek novella in the classical period*. New York: Cambridge University Press, 1958.

VEYNE, PAUL. O Império Romano. In: VEYNE, Paul (org). *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v.1.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinão Paulo: Paulus, 1998.

WILLS, Lawrence M. The jewish novellas. In: MORGAN, J. R.; STONEMAN, R. *Greek fiction: the greek novel in context*. London and Ney York: Routledge, 1994.

XENOFONTE. Banquete. Tradução de Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

ZACHARIADES-HOMBERG, E. Philological aspects of the Apocryphal Acts of Apostles. In: BOVON, François et al. *The Apocryphal Acts of the Apostles*. Harvard Divinity School Studies. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

ZANKER, Paul. *The mask of Socrates: the Image of the Intellectual in Antiquity*. Berkeley: University of California Press, 1996.

